

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Campus de Franca

**O PENSAMENTO MILITAR DE LEÓN TROTSKY E A FORMAÇÃO DO
EXÉRCITO VERMELHO: 1918-1925**

Saymon de Oliveira Justo

2012

Justo, Saymon de Oliveira

O pensamento militar de León Trotsky e a formação do exército vermelho: 1918-1925 / Saymon de Oliveira Justo. – Franca :

[s.n.], 2012

f. 150

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Héctor Luis Saint-Pierre

1. Rússia – História política. 2. História - Revolução. 3. León Trotsky – Crítica e interpretação. I. Título.

CDD – 335.433

Saymon de Oliveira Justo

**O PENSAMENTO MILITAR DE LEÓN TROTSKY E A FORMAÇÃO DO
EXÉRCITO VERMELHO: 1918-1925**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: História e Cultura Política.

Orientador: Héctor Luis Saint-Pierre

Saymon de Oliveira Justo

**O PENSAMENTO MILITAR DE LEÓN TROTSKY E A FORMAÇÃO DO
EXÉRCITO VERMELHO: 1918-1925**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: História e Cultura Política.

Orientador: Héctor Luis Saint-Pierre

Saymon de Oliveira Justo

**O PENSAMENTO MILITAR DE LEÓN TROTSKY E A FORMAÇÃO DO
EXÉRCITO VERMELHO: 1918-1925**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, como requisito para a obtenção do título de mestre. Sob a orientação do Prof. Dr. Héctor Luis Saint-Pierre.

Linha de pesquisa: História e Cultura Política.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Héctor Luis Saint-Pierre.

1 Examinador:

2 Examinador:

*Aos queridos pais: Luis Justo e
Izilda Garcia de Oliveira Justo*

Agradecimentos

Palavras são inúteis para agradecer os maiores responsáveis pela possibilidade que tive de realizar essa dissertação. Aos meus queridos pais, **Luis Justo e Izilda Garcia de Oliveira Justo**, meu eterno, sincero e amoroso agradecimento, tanto pelo inesgotável incentivo quanto pela permanente paciência e constante ajuda. Não apenas nesses dois anos de pesquisa, mas principalmente, por toda vida de dedicação. A eles, meu amor e “eterna” gratidão.

Agradeço também ao bom amigo Eduardo Tozzi Bonilha, que sempre foi uma voz de incentivo quando pensei em desistir. Amigo no sentido mais profundo da palavra, sempre disse o que eu “precisava” ouvir, mesmo quando isso não correspondia ao que eu “queria” ouvir.

À minha namorada Munick, agradeço pelo companheirismo nesses sete anos e me desculpo pelas horas que tive que deixa-la em razão da pesquisa. Meu reconhecimento pela paciência em aturar meu mau humor em certas ocasiões.

Agradeço também ao professor Héctor, meu orientador, pela paciência com minha ansiedade “crônica”, pela presteza na resolução de questões burocráticas e, sobretudo, pela orientação, onde sempre combinou sua responsabilidade de orientador com a minha liberdade de pesquisador.

À professora Marisa Saenz, minha orientadora na graduação e membro da banca de qualificação, meu terno reconhecimento. Em poucas e sábias palavras, sempre soube mostrar “onde” e “o quê” melhorar. Prestativa e perspicaz, à ela devo muito de minha vida acadêmica.

Agradeço também à professora Suzeley Kalil Mathias, que aceitou meu projeto de mestrado mesmo sendo em um tema relativamente distante de sua área de pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, meu grande reconhecimento e agradecimento aos trabalhadores do Estado de Minas Gerais e aos meus alunos e amigos da Escola Estadual de Ibiraci. Em um Estado com tantas carências sociais básicas, pude me afastar de minhas funções de professor sem com isso perder minha remuneração. Sinto-me extremamente constrangido pelo muito que recebi e pelo pouco que retribuí até o momento. Espero e me esforçarei para ser digno desse povo tão sofrido e trabalhador. Nesse sentido, peço desculpas aos meus alunos pelo transtorno que por ventura meu afastamento tenha causado.

Resumo

Em 1917 os bolcheviques derrubaram o chamado Governo Provisório e implementaram as primeiras medidas para colocar a Rússia no caminho do socialismo. Uma vez no poder, logo enfrentaram forte resistência interna e após retirarem o país da Primeira Guerra Mundial, viram-se mergulhados em uma encarniçada Guerra Civil, onde os chamados exércitos brancos, apoiados pela intervenção estrangeira, colocaram o novo regime em situação bastante crítica. Nesse contexto, em 1918 foi oficialmente fundado o Exército Vermelho, com o objetivo de defender o regime instaurado pela Revolução de Outubro. No mesmo ano León Trotsky foi nomeado Comissário da Guerra, sendo então encarregado de forjar esse novo exército em seu próprio batismo de fogo. Trotsky foi o principal dirigente do Exército Vermelho até o início de 1925.

O objetivo desse trabalho é mostrar o papel de Trotsky para a formação do Exército Vermelho, evidenciar a importância desse revolucionário na construção da “máquina de guerra soviética” em um período bastante crítico para a sobrevivência do regime. Apesar de Trotsky ter sido posteriormente banido do território russo e também da historiografia soviética, o Exército vermelho centralizado e treinado em quartéis, misto de formações permanentes com milícias, e com sua oficialidade nomeada por indicação, teve seu caráter forjado no período em que Trotsky, como principal dirigente militar da república, enfrentava intensos conflitos internos com o restante da liderança militar bolchevique da época.

Abstract

In 1917 the Bolsheviks had bring down the named Provisory Government and carry out the first ones measuries to place Russia in the way of the socialism. A time in the power, they then had faced a strong internal resistance and after to take out the country of the First World War, found themselves dived in a bloody Civil War, where the called White Armies, supported for the foreign intervention, had placed the new regime in a very critical situation. In this context, at 1918 the Red Army was officially established with the objective to defend the regime newly set up for the Revolution of October. In the same year, León Trotsky was appointed Commissioner of the War, being so in charge of to forge this new army in its proper fire's baptism. Trotsky was the main leader of the Red Army until the beginning of 1925.

The objective of this work is to show the role of Trotsky for the formation of the Red Army; and to put in evidence the importance of this one revolutionary man in the construction of the "soviet's war machine", in quite a lot critical period for the survival of the regime. Although Trotsky to have later been banished of the Russian territory and also of the soviet historiography, the Red Army centralized and trained in barracks, compound of permanent formations with militias, and with its staff nominated for appointment , had its character forged in the period where Trotsky, as the main military controller of the republic, faced intense internal conflicts with the remain of the Bolshevik military leadership of the time.

Sumário

Introdução.....	11
Trotsky: formação política.....	15
Trotsky e a História.....	60
O Comissário da Guerra.....	99
Conclusão.....	146
Bibliografia e fontes.....	150

Introdução

A Revolução Russa de outubro de 1917 colocou imediatamente em foco a questão militar. Conforme a tradição marxista, era condição para a sobrevivência do poder socialista a destruição do “antigo exército” e a criação de um novo “braço armado” para o Estado. O exército soviético, com poder centralizado, disciplinado, adestrado em quartéis, com nomeações de seus oficiais, uma doutrina militar ofensiva e promoção de seus quadros subordinada à aprovação do Partido, enfim, tal força militar foi estruturada ao longo das décadas de 1920 e 1930. Nesse sentido, o Exército Vermelho da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, não caracteriza o resultado lógico e inevitável de um desenvolvimento ou projeto único. Ao contrário, foi fruto de ferrenhos debates onde diferentes concepções coexistiram, sendo algumas preteridas em detrimento de outras.

Em 1918 os bolcheviques se viram mergulhados na Guerra Civil, uma vez que os chamados “exércitos brancos”, apoiados por vários países, ameaçavam a manutenção do poder revolucionário. O antigo ideal, presente no programa partidário, de armar o povo e ter a defesa do território a cargo de milícias formadas fora da estrutura de quartéis, ligadas às unidades produtivas e comandadas por trabalhadores e camponeses, entrou em choque com as condições concretas da Rússia de 1918. Dessa forma, o Exército Vermelho nascido em seu próprio batismo de fogo mostrou-se em flagrante contradição com o ideário socialista. Ele foi o resultado do choque entre o ideal socialista, as necessidades imediatas da Guerra Civil e as especificidades de uma “Mãe Rússia” predominantemente camponesa.

Nesse contexto León Trotsky foi nomeado Comissário da Guerra e encarregado de organizar o novo exército. Por decreto de 12 de janeiro de 1918 foi formalmente fundado o Exército Vermelho. Trotsky era antes de tudo um militante político que pela força das circunstâncias foi designado para tarefas militares. O que denominamos aqui “pensamento militar”, dessa forma, não constitui um corpo pré-concebido de idéias forjadas em alguma academia militar. O pensamento militar de Trotsky está organicamente ligado a sua reflexão política, porém, não constitui apenas uma simples transposição de uma concepção política geral para a esfera militar, mas sim algo em construção, marcado fortemente pelo ideal político, porém, flexível frente às necessidades imediatas e às condições do meio em que foi sendo forjado.

Durante o período em que foi Comissário da Guerra Trotsky deixou uma série de escritos relativos às questões militares. Escreveu desde medidas imediatas para determinada frente de combate até reflexões sobre o modelo mais adequado de exército à república soviética. Organizador de um exército permanente, defendeu a formação imediata de milícias; inimigo feroz da “antiga ordem”, empregou toda sua energia para utilizar os especialistas militares do antigo exército na nova estrutura militar; ardente pregador libertário, centralizou, subjuguou e eliminou oposições. Assim, como principal dirigente do nascente exército, seus escritos muitas vezes não revelam apenas suas idéias, mas também um pouco da própria história do Exército Vermelho.

Nosso objetivo central nessa dissertação foi construir um esboço do que denominamos “pensamento militar” de León Trotsky, ou seja, suas principais concepções acerca da estrutura do exército, das relações desse com a sociedade, de sua função no cenário internacional, sua conformação com o ideário socialista, enfim, as principais características dessa força militar tanto em tempos guerra quanto de paz. Nesse sentido, buscamos também definir o papel de Trotsky na formação do Exército Vermelho durante a Guerra Civil e seu legado para o posterior desenvolvimento da “arma soviética”. Assim, enfocamos justamente o momento de intersecção entre o trabalho militar de Trotsky e os anos iniciais do exército soviético, posto que o primeiro não pode ser compreendido fora do segundo e só com grandes prejuízos podemos ignorar o papel de Trotsky na formação do Exército Vermelho.

Substituído no Comissariado da Guerra por Mikhail Frunze em 1925, afastado de várias funções no Partido e no governo soviético, Trotsky foi gradativamente perdendo seu poder até ser expulso do território russo. Teria o projeto de “Exército Vermelho” pensado e de certa forma implantado por Trotsky, sido completamente abandonado? Qual seu legado para o modelo militar soviético da década de 1930? Quando os bolcheviques chegaram ao poder e Trotsky foi encarregado de “construir” o novo exército, teve que forja-lo com boa parte do “material” do antigo Exército Imperial Russo. Dessa forma, como Trotsky conciliou o ideário socialista com as necessidades impostas pela Guerra Civil e as particularidades russas? Quais as permanências do antigo exército na estrutura do novo? Essas são algumas perguntas que pretendemos responder com essa dissertação.

Com esse objetivo articulamos a dissertação em três capítulos. No primeiro, “*Trotsky: pensamento político*”, tentamos definir aqueles que seriam os principais aspectos do pensamento político de Trotsky, sua formação cultural e sua atuação como

revolucionário ao longo dos anos. Buscamos “Trotsky, o político”, para posteriormente compreendermos “Trotsky, o militar”. No segundo capítulo, “*Trotsky e a História*”, tentamos situar nosso trabalho dentro da historiografia, ou seja, estabelecer a discussão com historiadores que abordaram o tema, mostrando assim, a relevância e as contribuições da pesquisa realizada. No terceiro e principal capítulo, “*O Comissário da Guerra*”, expomos as principais idéias de Trotsky sobre o Exército Vermelho, como elas se articularam com sua formação anterior, com as necessidades do momento e com as especificidades do “solo russo”. Finalmente destacamos a atuação e contribuição de Trotsky como principal dirigente e fundador do Exército Vermelho em plena carnificina da Guerra Civil.

No Brasil são raros os estudos publicados que abordam especificamente o trabalho de Trotsky enquanto dirigente militar, menos ainda os que tratam desses anos de formação do Exército Vermelho. Dessa forma, nossa dissertação pretende suprir uma lacuna historiográfica em nosso país sobre um tema de grande importância, como a formação do exército que foi uma das mais temidas e admiradas máquinas de guerra do século XX.

Para respondermos as questões aqui propostas, mergulhamos na obra de Trotsky, que além de toda militância política, era um escritor incansável, um homem de letras extremamente preocupado com o que a posteridade diria de sua atuação política. Trotsky escrevia com a clara perspectiva de se tornar “história”, dessa forma, procuramos entendê-lo em um contexto mais amplo e em uma perspectiva de longo prazo, a fim de não cairmos no “pecado” de sermos “manipulados” pelo nosso objeto de pesquisa. Dessa forma, o libertário, o antagonista do autoritarismo stalinista, como ele mesmo se pintou, aparece de uma forma um pouco diferente em nosso trabalho.

Como infelizmente trabalhamos com traduções das obras de Trotsky, procuramos suprir essa deficiência cotejando, quando possível, mais de uma edição dos textos abordados. Nesse sentido, as várias edições publicadas no Brasil foram confrontadas com as publicações de um sitio especializado e de bastante qualidade. O <http://www.marxists.org/> que, como sugere o próprio nome, é especializado na publicação de autores marxistas em diversos idiomas, sendo os tradutores bastante familiarizados com a terminologia dos escritos originais. Procuramos também minimizar as limitações da tradução trabalhando, quando possível, com traduções diretas do russo, o que acontece, por exemplo, com nossa principal fonte, os “*Escritos Militares*”. Além disso, muitas vezes encontramos referências a documentos que

utilizamos ao longo da pesquisa em outros autores, dessa forma, constatamos a qualidade da tradução utilizada. Tentamos também contornar essa questão com um amplo conhecimento dos embates políticos nos quais Trotsky esteve inserido e de uma boa compreensão dos conceitos utilizados a partir de outras leituras.

Apesar de no primeiro capítulo abordarmos Trotsky desde sua infância na fazenda dos pais para compreendermos sua formação cultural e política, o recorte desse trabalho, que fica evidente no terceiro capítulo, está entre os anos de 1918, quando foi nomeado Comissário da Guerra, até os primeiros dias de 1925, quando foi destituído de seu posto no Exército Vermelho. Porém, o leitor pode perceber que nossa abordagem “corre mais rapidamente” a partir de 1923 e isso é justamente em razão de que com a doença de Lênin e posteriormente sua morte, Trotsky passou a se dedicar cada vez mais a luta intrapartidária e aos seus longos períodos de convalescença, dessa forma, seu trabalho no Exército Vermelho diminuiu bastante. A partir disso, com a desmobilização após a Guerra Civil, as questões militares passaram para um segundo plano, sendo eclipsadas pelas preocupações especificamente econômicas.

Advertência ao leitor:

O “*calendário juliano*”, utilizado na Rússia até 1918, era alguns dias “atrasado” em relação ao calendário ocidental. Dessa forma, a revolução que para os russos ocorreu em 25 de outubro, para os ocidentais aconteceu em 07 de novembro. Na dissertação utilizaremos o *calendário juliano* até o ano de 1917, posto que dessa forma preservamos o significado simbólico de meses como “outubro” e “fevereiro”. Em 1918 os bolcheviques adotaram o “*calendário gregoriano*” e na dissertação acompanhamos tal modificação.

Trotsky: formação política

“Rebeliões acontecem; revoluções são feitas”.
Richard Pipes

O objetivo desse esboço não é construir um relato pormenorizado e factual da vida de Trotsky, mas sim tentar compreender seu pensamento político como um todo. Dessa forma, o leitor que se sentir frustrado por não encontrar determinadas informações sobre a vida desse revolucionário, encontrará as referências necessárias para satisfazer sua curiosidade. No presente capítulo, analisamos as concepções políticas de Trotsky não encerradas em si mesmas, como fruto apenas de exercício intelectual, ao contrário. Entendemos que seu pensamento político só pode ser compreendido em meio às especificidades econômicas, sociais, políticas e culturais do império russo. Como disse Edward Carr, *“a sociedade e o indivíduo são inseparáveis; eles são necessários e complementares um ao outro”*.¹ Entretanto, não montamos um contexto *a priori* para posteriormente colocar o “personagem”, pois se por um lado ele está imerso em seu tempo e lugar, por outro, não é mero reflexo dos mesmos. Nesse trabalho o pensamento de Trotsky é compreendido como fruto de uma relação dialética, onde “texto e contexto” se condicionam e se transformam mutuamente. Dessa forma, sempre que se fizer necessário discutiremos as especificidades do “palco” onde se movimentava León Trotsky.

No tocante aos aspectos factuais desse capítulo, em larga medida utilizamos o trabalho de Isaac Deutscher,² uma biografia bastante completa e solidamente fundamentada, aceita por considerável parte dos historiadores que se dedicaram ao tema. Contudo, em relação a Deutscher tomamos certos cuidados, uma vez que ele parece, por vezes, “partilhar” o discurso do próprio biografado, como discutimos no capítulo posterior. Nesse sentido, a biografia escrita por Robert Service, *“Trotsky: a biography”*, servirá como contraponto à obra de Isaac Deutscher, sobretudo pelo enfoque alternativo que representa.

O pensamento político de Trotsky, principal objetivo do presente capítulo, será buscado em seus próprios textos, discursos e atividades enquanto revolucionário.

¹ CARR, Edward. **Que é História?** Editora Paz e Terra. 8ª edição. Rio de Janeiro. 2002. p. 67.

² *Trotsky: o profeta armado, Trotsky: o profeta desarmado e Trotsky: o profeta banido*, constituem os três volumes da biografia de Deutscher sobre o revolucionário. A obra toda abrange desde o nascimento de Trotsky até sua morte no México em 1940.

Assim, as escolhas que fizemos na construção desse esboço de biografia política estão subordinadas ao que julgamos serem os “momentos” mais significativos, tanto de sua produção intelectual, quanto de sua “atividade prática”. Claro que um pensamento político é forjado ao longo dos anos, construído em determinada época e lugar, como fruto tanto da *práxis* quanto da atividade intelectual, dessa forma, é impossível datar o momento exato dessa ou daquela idéia a partir de eventos ou textos específicos. Não obstante, é necessário fazer escolhas e assim, pensamos ser mais produtivo para os fins desse trabalho restringir nossa biografia aos momentos em que Trotsky expõe de forma mais sistemática suas principais idéias, aos momentos de sua atividade revolucionária que julgamos mais relevantes em termos de “significados de longo prazo” e aos períodos de sua vida que entendemos fundamentais para sua formação de caráter e intelectual.

Trotsky foi assassinado em 1940 no México, porém, nossa “biografia” chega apenas até o início de 1925, quando foi formalmente destituído de seu cargo militar. Como o objetivo do presente capítulo é compreender o pensamento político de Trotsky para posteriormente entendermos suas contribuições na esfera militar, obviamente não seria honesto fundamentarmos nossa análise no perfil político de Trotsky posterior ao período em que esteve à frente do Exército Vermelho. Dessa forma, este capítulo constitui um constante esforço no sentido de “esquecermos”, em alguns momentos, o Trotsky opositor, o defensor da democracia partidária, o crítico do autoritarismo e termos em conta apenas o revolucionário imerso em sua formação político-cultural e nos dilemas políticos conforme eles se apresentaram.

Lev Davidovitch Bronstein, que passaria para a história como Trotsky, nasceu em 1879 no vilarejo de *Yanovka*, na província ucraniana de *Kerson*, coincidentemente no mesmo ano em que nascia Stalin. Liova³ era filho de agricultores judeus, algo não muito comum na época devido às restrições governamentais à compra de terras por esses. Não se pode dizer que os *Bronstein* constituíam uma típica família judaica, pois de certa forma eram inclusive indiferentes para com a religião, preferindo ao ídiche uma mistura de russo com ucraniano. O jovem Liova nasceu em uma família com certa tranquilidade financeira, ao menos pelos padrões da época. Em seu “*Minha Vida*” de 1929, Trotsky diz que sua “*infância não conheceu a fome nem frio. Quando nasci, a*

³ Diminutivo de Lev.

família dos meus pais possuía uma certa abastança”.⁴ Essa imagem é confirmada por Isaac Deutscher e fica bastante nítida nas palavras desse autor:

Dentro dos padrões do ambiente, teve uma infância confortável. A residência dos Bronstein era construída de barro e tinha cinco aposentos; alguns eram pequenos e escuros, cobertos apenas de palha que deixava muitas goteiras em dias de chuva forte. Mas as famílias camponesas moravam habitualmente em casebres de um ou dois aposentos. Durante a infância de Liova, a importância e a riqueza da família aumentaram.⁵

Enfim, a família *Bronstein*, apesar das restrições legais impostas aos judeus em relação à aquisição de terras, prosperou materialmente no final do XIX. Para driblar a legislação o pai de Trotsky arrendava terras, uma vez que não podia comprá-las. A família criava porcos, galinhas, mas a principal atividade era a produção de trigo. A se acreditar nas memórias de Trotsky em “*Minha Vida*”, e nesse aspecto não há motivos para não o fazer, sua família possuía empregados, como uma ama para as crianças, um chefe-mecânico, entre outros. Utilizavam o moinho não apenas para moer o próprio trigo, mas também o alugando aos outros camponeses. Apesar de nessa primeira infância Trotsky ter tido contato com a pobreza do *mujiue*,⁶ com a relação patrão-empregado, seria simplismo tentar encontrar aí o gérmen do revolucionário. De acordo com o próprio “*Minha Vida*”, por esses tempos Liova estava imerso na atmosfera camponesa, preocupando-se mais em andar a cavalo e com as atividades de um típico filho de camponês.

Por volta de 1888 o jovem foi mandado para Odessa, a fim de continuar seus estudos. Um ano antes havia chegado a Yanovka Moisés Filipovitch Spenser, um primo de sua mãe. Como recorda em “*Minha Vida*”, esse parente teve uma importante influência em sua formação, ainda mais porque Trotsky passaria os próximos sete anos de sua vida na casa de Filipovitch. Com os Spenser⁷ Trotsky assimilou maneiras urbanas, bastante diferentes daquelas dos mujiues. Em suas próprias palavras:

⁴ TROTSKY, León. **Minha Vida**. Paz e Terra. 2ª edição. Rio de Janeiro. 1978. p. 16.

⁵ DEUTSCHER, Isaac. **Trotski. O profeta armado. 1879/1921**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2005. p.31.

⁶ Camponês pobre russo.

⁷ Família de Moisés Filipovitch.

Pouco a pouco, ensinaram-me que era preciso dizer bom dia pela manhã, lavar as mãos, limpar as unhas, não levar a comida à boca com a faca, não se atrasar, agradecer à empregada quando me servia e não falar mal das pessoas na sua ausência. Aprendi que dezenas de palavras que me tinham sempre parecido muito certas na aldeia, não eram russo e sim ucraniano corrompido.⁸

Em Odessa Liova tomou contato com a literatura, a música, o teatro, enfim, com as particularidades da vida urbana, que durante toda sua vida o diferenciaria de outras lideranças do Partido Bolchevique. Conheceu Puskin, Gogol, Tolstoi, Goethe, apaixonando-se, assim, por algo que também carregaria até sua morte: a literatura.

Os Spenzer inicialmente não dispunham de uma vida financeira fácil. Moisés havia sido expulso da universidade por motivos políticos e sua esposa era diretora de uma escola. Com o tempo, porém, montaram uma empresa editorial e dessa forma a casa vivia repleta de livros, manuscritos e provas. Era comum nesse ambiente a leitura em voz alta e os debates literários. Dessa forma Trotsky cresceu em uma família tipicamente pequeno-burguesa, com hábitos, costumes e cultura bastante diferentes da Rússia campesina. Odessa, a “*Marselha da Rússia*”, como a denomina Deutscher, apesar de ser uma das cidades mais policiadas do Império, tinha uma movimentada vida cultural. Com vários e importantes centros literários, a cidade caracterizava-se também pela confluência de várias nacionalidades. Era uma das cidades mais *ocidental*⁹ do Império Czarista.

Logo Liova foi matriculado em um curso preparatório para a Escola São Paulo, onde ingressaria no ano seguinte. Essa instituição de ensino havia sido fundada por alemães luteranos, mas a influência da colônia alemã era freada pelo processo de *russificação*, que impunha a obrigatoriedade da língua russa como oficial. No São Paulo se ensinava Ciência, Matemática, francês e alemão, em contraponto com outras escolas que privilegiavam o latim e o grego. Uma gama de nacionalidades compunha o corpo docente do colégio, constituindo-se em um estabelecimento verdadeiramente cosmopolita. Apesar da limitação governamental, que impunha um máximo de 10% de judeus nas escolas secundárias, na autobiografia de Trotsky não percebemos nenhuma referência às atividades anti-semitas. Conforme Deutscher, Trotsky sempre se distinguiu como bom aluno, apesar de ter sido expulso uma vez, e depois readmitido, por vaiar um professor. Nesse aspecto o autor parece se empolgar um pouco em demasia com o

⁸ TROTSKY. León. **Minha Vida**. p. 50.

⁹ O termo não é aqui empregado com significado geográfico, mas sim cultural.

discurso do seu biografado, que se considerava praticamente como um gênio em relação aos seus pares.

Fiando-nos nas memórias de Trotsky sobre esse período, durante sua estada no colégio São Paulo a política pouco o perturbou. Nessa época a Rússia era governada por Alexandre III, que após o assassinato de seu antecessor, praticamente revogou as reformas liberais promovidas por seu pai. Conforme Solomon Volkov, o Czar era um “*homem imenso, decidido e teimoso, conservador inveterado, a morte do pai só fez reforçar sua convicção de que a Rússia ainda não estava preparada para reformas liberais*”,¹⁰ dessa forma, a Rússia deu uma “*sensível guinada a direita*”.¹¹

Se por esses tempos o regime autocrático, com todas suas implicações, pouco se fez sentir no espírito do jovem Liova, não podemos dizer o mesmo da cultura urbano-burguesa na qual estava mergulhado. Em um trabalho de 1923 percebemos bem isso. Em “*Questões do modo de vida*” Trotsky revelaria toda sua rejeição em relação a determinadas particularidades da cultura russa. Ao defender a necessidade de se “depurar” a linguagem nacional de toda grosseria e palavrões, percebemos o quanto seus anos em Odessa imprimiram-lhe uma aversão a certos modos que ele considerava como sendo tipicamente russos:

A grosseria de linguagem - em particular a grosseria russa - é uma herança da escravidão, da humilhação e do desprezo pela dignidade humana, tanto a alheia como a própria. Seria necessário perguntar aos filólogos, aos linguistas e aos folcloristas se encontra noutros países uma grosseria tão desenfreada, tão repugnante e tão chocante como entre nós. Tanto quanto sei, não existe em nenhuma outra parte.¹²

Nesse mesmo trabalho Trotsky critica a mania de se cuspir nas ruas, a falta de higiene, a falta de disciplina, o desleixo, enfim, todo aquele modo de vida que o jovem Liova aprendeu “ser errado” na juventude. Se durante sua estada com os Spenser passou a rejeitar certos comportamentos apenas instintivamente ou como parte da educação que recebeu, mais tarde sistematizaria essa repulsa, considerando essa “*grosseria russa*” como condicionada pelo autoritarismo e pelo regime de produção da Rússia czarista.

É difícil não relacionar algumas posições de Trotsky já na década de 1920 com esses anos na casa dos Spenser. Em 1923 combateu ferozmente uma tendência que queria criar automaticamente uma “literatura proletária” em detrimento da “literatura

¹⁰ VOLKOV, Solomon. **São Petersburgo. Uma história cultural**. Editora Record. Rio de Janeiro. 1997. p. 113.

¹¹ IDEM.

¹² TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida**. Editora Sundermann. São Paulo. 2009. p. 54.

burguesa”; nessa mesma época defendeu a psicanálise freudiana, acusada de não ser materialista; durante a Guerra Civil empregou o conhecimento militar dos oficiais do antigo regime. Não estavam essas atitudes de Trotsky relacionadas ao seu contato com essa cultura na qual foi criado e a qual aprendeu a respeitar como conquistas humanas? Enquanto boa parte dos bolcheviques tinha uma atitude hostil em relação ao que chamavam de “cultura burguesa”, Trotsky saiu em defesa dessa cultura, que para ele era parte do conhecimento humano acumulado e que ao contrário de ser negado, deveria ser apropriado pelo proletariado. Era uma questão, para Trotsky, de qual nível de civilização o socialismo iria partir. No período em que esteve à frente do governo e durante a luta pelo poder após a morte de Lênin, seu refinamento cultural, sua disciplina, a preocupação com o “alinhamento”, com a linguagem, asseio, enfim, muitos traços que o colocava em contraste com muitos de seus pares revolucionários, parecem ter raízes nesse período em Odessa.

Em 1896 Liova foi obrigado a se transferir para Nikolaiev, posto que na Escola São Paulo não havia o sétimo ano. Esse fato trouxe grandes modificações em sua vida. Nikolaiev “*era uma cidadezinha ainda mais provinciana*”,¹³ porém, contava com algumas docas e fábricas, que reuniam um núcleo operário, cerca de 10.000 trabalhadores. Sob o governo do Czar Nicolau II a industrialização ganhou impulso, concentrando-se principalmente em algumas cidades, como São Petersburgo e Moscou. Crescia também a insatisfação com o regime autocrático, que colocava informantes nas universidades, fechava clubes de estudantes, demitia professores “suspeitos” e proibia obras como as de Karl Marx e Stuart Mill. Nesse contexto ganharam espaço os movimentos de oposição à autocracia czarista. Vários grupos socialistas, de diversas orientações, buscavam construir as bases da destruição do regime. “*Tais acontecimentos repercutiam, até então, muito de leve nas águas tranquilas de Nikolaiev*”.¹⁴

Em Nikolaiev Liova conheceu Shvigovski, um jardineiro pobre que mantinha um pequeno grupo de debates em sua cabana no pomar que arrendava. O “grupo do pomar” era constituído principalmente por estudantes e antigos deportados. Não tinha nenhuma atividade prática, dedicando-se apenas à discussão de textos e da situação política da Rússia. Esses “revolucionários do pomar” se consideravam em sua maioria *narodniks*, termo que vem de “*Khosdenie u narod*” e que significa basicamente “*ir ao povo*”. Para os *narodniks*, movimento, aliás, bastante heterogêneo, a chave da

¹³ TROTSKY, León. **Minha Vida**. p. 94.

¹⁴ DEUTSCHER, Isaac. p. 50.

revolução era o camponês, mesmo porque a população russa era predominantemente agrária. Acreditavam que a Rússia não precisaria passar pela etapa de desenvolvimento capitalista para só depois chegar ao socialismo, ao contrário, essa etapa poderia e deveria ser evitada, tendo em vista os horrores da exploração industrial européia. Pensavam em uma espécie de socialismo agrário, um auto-governo dos camponeses aos moldes das comunas rurais. De início, suas atividades consistiam basicamente em conscientizar os camponeses, porém, outros grupos foram para o caminho do terrorismo individual, atentando contra a vida de ministros, governadores, políticos em geral. Chegaram a assassinar o Czar Alexandre III em 1881 e inclusive, um dos irmãos de Lênin foi condenado à morte por isso. Pouco a pouco muitos *narodniks* passaram a dar maior ênfase ao proletariado industrial e os primeiros marxistas russos surgiram desse movimento.

De início Liova aderiu às perspectivas *narodniks*, atacando violentamente o marxismo por sua “estreiteza”, por constituir “*uma ofensa à dignidade do homem, a quem retratava como prisioneiro de circunstâncias sociais e econômicas, joguete de forças produtivas anônimas*”.¹⁵ As críticas de Liova ao marxismo eram bastante difundidas e tinham em *Nikolai Mikailovski* um dos principais expositores. Assim, na perspectiva *narodnik* o marxismo, ao dar ênfase às condicionantes econômicas, subestimava o indivíduo, colocando-o como um mero reflexo da estrutura econômica da sociedade. Nos debates do pomar participava Alexandra Sokolovskaia, a única marxista do grupo e conforme Isaac Deutscher, ela teve grande influência sobre Liova. Se em princípio o jovem atacava sarcasticamente o marxismo exposto por Sokolovskaia, algum tempo depois já se consideraria ele mesmo um marxista.

Logo que chegou a Nikolaiev Liova morou com certo conforto na casa de uma família, porém, em razão de suas atividades políticas enfrentou fortes críticas do pai. Dessa forma, no mesmo ano abriu mão da pensão paterna e mudou-se para a cabana do jardineiro Shvigovski.

Éramos seis a morar juntos em “comuna”. No verão nosso efetivo aumentava de um ou dois estudantes tuberculosos que tinham necessidade de ar puro. Pus-me a dar lições. Vivíamos como espartanos, sem roupa de cama e nos alimentávamos de sopas grosseiras que nós mesmos preparávamos.¹⁶

¹⁵ IDEM, p. 52.

¹⁶ TROTSKY, León. *Minha Vida*. p. 96.

Em 1897, juntamente com o irmão de Alexandra Sokolovskaia, buscou contato com trabalhadores a fim de fundar um sindicato. O “Sindicato dos Trabalhadores do Sul da Rússia”, como foi batizado, reunia “*serralheiros, marceneiros, eletricitistas, costureiras e estudantes, a maioria dos quais com seus vinte anos, mas também com alguns membros de mais de quarenta*”.¹⁷

De acordo com as memórias de Trotsky e a biografia de Deutscher, concluímos que Liova dedicava boa parte de sua energia e tempo às atividades do sindicato. Participava de reuniões, estabelecia contato com trabalhadores, conseguia literatura subversiva e escrevia e preparava panfletos a serem entregues nas fábricas. Aliás, a atividade político-literária, iniciada praticamente nesse dia de sindicato, foi uma das grandes paixões de Trotsky durante toda vida. Disse-o ele mesmo e percebemos pela imensa quantidade e qualidade de trabalhos, os mais variados possíveis, produzidos ao longo de sua trajetória política. Mesmo nos dias da Guerra Civil, quando corria de um *front* ao outro, sempre encontrava tempo para escrever suas impressões e idéias. Suas férias e exílios constituíram períodos dedicados à atividade literária. Robert Service, sobre o talento literário de Trotsky, dizia que ele era um “*estilista, não podia suportar uma frase mal construída, tal era seu talento, tal era seu atrativo. Isto ia acarretar-lhe uma debilidade prejudicial, pois ditas aptidões lhe granjearam inimigos desnecessários*”.¹⁸

Talvez Isaac Deutscher exagere um pouco a importância do “Sindicato dos Trabalhadores do Sul da Rússia”, isso provavelmente em razão de “beber” muito nas memórias do próprio Trotsky. Porém, o fato é que a organização teve certa importância e incomodou as autoridades, tanto que em 1898 a polícia czarista prendeu a maioria dos membros do sindicato, entre eles Liova. Levado à prisão de Nikolaiev, logo foi transferido para Kerson, onde ficou por vários meses sem mesmo ser interrogado. Algum tempo depois foi enviado à prisão de Odessa, onde ficaria até 1899.

Foi na prisão que Trotsky tomou maior contato com o marxismo e em suas memórias, é a partir daí que passa a se definir como marxista. É difícil datar com exatidão essa “conversão” de Trotsky e em “*Minha Vida*” isso não fica tão claro, porém, parece bastante provável que no próprio processo de confrontar o marxismo de Alexandra, ele tenha se aproximado cada vez mais dessa teoria. Ao lembrar-se do

¹⁷ DEUTSCHER, Isaac. p. 57.

¹⁸ SERVICE, Robert. **Trotsky: A biography**. Pan Books. London. 2009. p. 53.

período na prisão de Odessa, Trotsky fala da impressão causada por conta de um livro do socialista italiano Antônio Labriola e parece que nesse período o marxismo se consolidou mais firmemente em sua visão de mundo.

Resisti relativamente muito tempo ao materialismo histórico, me aferrando à teoria da multiplicidade dos fatores históricos (...). Li, com entusiasmo, na minha célula, dois ensaios conhecidos do velho hegeliano-marxista italiano Antônio Labriola, os quais tinham penetrado na prisão na tradução francesa. Como poucos escritores latinos, Labriola possuía a dialética materialista, senão em política, onde era impotente, pelo menos, no domínio da filosofia da história. Sob o diletantismo brilhante da sua exposição, havia uma profundidade verdadeira. Liquidava magnificamente a teoria dos fatores múltiplos que povoam o Olimpo da história e que lá governam os nossos destinos. Se bem que se tenham passado mais de trinta anos da leitura que fiz dos seus ensaios, a marcha geral do seu pensamento ficou fixada na minha memória, como um estribilho: “As idéias não caem do céu”.¹⁹

Um ano e meio após chegar à prisão de Odessa Liova foi condenado a quatro anos de exílio na Sibéria, porém, antes de seguir para o degredo passou seis meses em uma prisão de Moscou. Trotsky comenta que ali ouviu falar de Lênin pela primeira vez, estudando seu livro “*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*”. Na prisão de Moscou se casou com Alexandra Sokolovskaia e sobre esse casamento Trotsky, em suas memórias, fala apenas *en passant*, atribuindo-o mais a uma artimanha para não ser deportado sozinho. Já Deutscher defende que foi mais que isso e cita uma testemunha ocular que “*descreve como o sentimento ambivalente entre os ex adversários dera lugar ao amor*”.²⁰ Robert Service dá um enfoque ainda maior ao relacionamento, trazendo cartas trocadas entre Liova e Alexandra, que revelam com maior riqueza de detalhes a natureza do relacionamento dos dois. Bem, por simples conveniência ou não, o fato é que Trotsky passou seu degredo na Sibéria com Alexandra e com ela teve duas filhas.

Em 1901 o jovem casal já estava na Sibéria, especificamente na aldeia de *Ust Kut*, que contava por esses tempos “*com cerca de uma centena de cabanas de camponeses, sujas e infestadas de parasitas e mosquitos*”.²¹ Ao que parece o período de exílio foi bastante produtivo para Trotsky, uma vez que travou conhecimento com outros deportados, estudou Marx e dedicou-se a produção político-literária. Através dessa última atividade tornou-se cada vez mais conhecido entre as várias colônias de

¹⁹ TROTSKY, León. **Minha Vida**. p. 111.

²⁰ DEUTSCHER, Isaac. p. 69.

²¹ IDEM. p. 70.

deportados da região siberiana. Com o pseudônimo de *Antíd Oto*, passou a escrever para a “*Revista Oriental*”, uma publicação ilegal fundada por deportados.

Nos meus artigos falava dos camponeses, dos clássicos russos, de Ibsen, de Hauptmann, de Nietzsche, de Maupassant, de Estaunité, de Leonice Andreviev e de Gorky. Passava as noites a riscar os meus manuscritos em todos os sentidos, a procura de uma idéia indispensável ou de uma palavra que me faltava. Tornava-me escritor.²²

Isaac Deutscher faz um balanço da produção político-literária de Trotsky desse período. No segundo capítulo de “*O profeta armado*” o autor aborda mais pormenorizadamente o tema, porém, como não dispomos dos escritos de Trotsky referentes a esses anos, não nos deteremos mais na questão. Trotsky, entretanto, não se dedicou apenas à atividade de escritor, ao contrário. Convidado para fazer parte de uma “União Siberiana Social Democrata”, em pouco tempo tornou-se um dos seus líderes, tanto que seria seu representante no “Congresso do Partido Social Democrata” de 1903.

Em 1902 soube da fundação do jornal *Iskra*, que mais que um jornal, constituía a tentativa de unificar os diversos grupos social-democratas da Rússia em um único partido. Na mesma época, abandonando Alexandra e as duas filhas, conforme Trotsky com o incentivo da esposa, deixou a Sibéria na condição de foragido para se unir aos imigrantes russos do *Iskra*. Sobre esse episódio Robert Service se detém mais cuidadosamente, mostrando-se indignado diante da maneira que Trotsky abandonou Alexandra, “*que não tinha ninguém que lhe cuidasse, e em troca tinha que cuidar sozinha de duas pequenas criaturas, com o inverno caindo sobre elas. Acabava de se converter em pai de duas filhas e decidia sair correndo*”.²³

Viajando para oeste Trotsky desembarcou na cidade de Sâmara, sede da organização do *Iskra* na Rússia e em razão de sua reputação literária, foi apelidado por um dos chefes locais de “*A Pena*”. Nessa cidade foi encarregado de supervisionar alguns grupos socialistas de outras cidades e na volta, foi mandado ao exterior para se apresentar à direção do *Iskra*. Em outubro de 1902, após passar por Viena e Zurique, bem de manhãzinha “*A Pena*” batia às portas de Lênin em Londres. Esse primeiro contato entre os dois foi bastante amistoso, com Lênin levando o novato para longos passeios pela capital inglesa. Trotsky foi acomodado em uma casa ocupada também por

²² TROTSKY, León. **Minha Vida**. p. 117.

²³ SERVICE, Robert. p. 67.

Martov e Vera Zassulich, dois redatores do *Iskra* e conforme suas memórias, nessa ocasião foi muito bem recebido pelos “veteranos”.

O comitê de redatores do *Iskra* contava com seis membros: Plekhanov, Vera Zassulich, Axelrod, Lênin, Martov e Potresov. Seu objetivo imediato era liderar um congresso que unificaria as várias organizações social-democratas do Império Russo em um único partido. Em constantes desavenças com Plekhanov, Lênin propôs que Trotsky fizesse parte do comitê de redatores do *Iskra* com plenos direitos, pois esperava encontrar nele um aliado frente a Plekhanov. Esse último, apesar da concordância dos outros membros, rechaçou a proposta e conforme lembra Trotsky, a partir daí passou a lhe dedicar “*grande aversão*”.²⁴ Entre julho e agosto de 1903 teve lugar o “Segundo Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo” (POS DR),²⁵ que em razão da perseguição policial foi mudado de Bruxelas para Londres. Se Trotsky não sabia das rugas entre os membros do *Iskra*, surpreendeu-se mais ainda com o desfecho do Congresso.

Lênin já atraía a desconfiança de outros membros do *Iskra* por tentar reduzir de seis para três o comitê de redatores, excluindo assim, Axelrod, Zassulich e Potresov. Porém, os ânimos se exaltaram quando da discussão do “*parágrafo 1*” do estatuto do Partido:

Proposta de Lênin:

É considerado membro do Partido todo aquele que reconhece o Programa do Partido e o apóia, seja com meios materiais, seja com sua participação pessoal em uma das organizações partidárias.

Proposta de Martov:

Considera-se filiado ao Partido Operário Social-Democrático Russo todo aquele que, reconhecendo o seu Programa, trabalha ativamente para executar as tarefas partidárias, sob controle e direção dos órgãos do Partido.²⁶

As diferenças textuais entre as duas propostas eram mínimas, porém, subjacente às palavras estavam duas concepções diametralmente opostas de partido. Enquanto Martov

²⁴ TROTSKY, León. **Minha Vida**. p. 117.

²⁵ O Primeiro Congresso foi considerado o ocorrido em *Minsk* no ano de 1898. Porém, esse contou com apenas nove delegados, sendo quase todos presos pela polícia czarista. Assim, praticamente nada, além do nome, restou desse “Primeiro Congresso” e dessa forma, o “verdadeiro” Congresso de fundação foi o de 1903 ocorrido em Londres e Bruxelas.

²⁶ FELIPPE, Wiliam. (org). **Teoria e Organização do Partido**: coletânea de textos de Lênin, Trotsky e Moreno. Editora Sundermann. São Paulo. 2006. p. 35;38.

pensava em uma organização de amplas bases e com maior liberdade para os membros, Lênin queria “*um pequeno partido de revolucionários profissionais organizados e disciplinados*”.²⁷ Se esse foi, conforme disse Carr, “*o verdadeiro congresso fundador do partido*”,²⁸ também foi o da cisão, pois nele que surgiram as frações bolcheviques (maioria) e mencheviques (minoria). Os partidários de Martov (minoria) passaram então a boicotar o “comitê editorial reduzido” proposto por Lênin e aceito pela maioria dos delegados. Martov inclusive se demitiu do mesmo. Logo depois, porém, Plekhanov, como figura preponderante em um comitê composto apenas por ele e Lênin, readmitiu os antigos membros e dessa forma isolou Lênin.

De posse do *Iskra* os mencheviques saíram fortalecidos e a cisão, que a primeira vista parecia superficial, foi se aprofundando. Trotsky foi para o Congresso como representante da Delegação Siberiana e mesmo não sendo protagonista nos debates, esse Congresso teve enorme influência sobre seu futuro político. Nessa polêmica, em contraste com suas posições no futuro, ficou ao lado dos mencheviques e em “*Minha Vida*” afirmaria que isso se deu em razão dos “*fortes laços*” que o uniam a Martov, Zassulich e Axelrod. Nessa mesma obra Trotsky reconhece como correta a atitude de Lênin, mas justifica que na época “*sobre ele - Lênin- pesava, a meus olhos, a responsabilidade daquele atentado contra o prestígio da organização*”.²⁹

A partir daí Trotsky passou a atacar Lênin nos termos mais duros possíveis. Em “*Nossas Tarefas Políticas*”, publicado em 1904, rejeitou a idéia de um partido restrito, profissional e depurado, como o proposto por Lênin. No capítulo denominado “*Jacobinismo e Social Democracia*” citou alguns trechos de Lênin, onde esse dizia que o jacobino seria precisamente um Social Democrata revolucionário. A partir disso Trotsky criticava a desconfiança que Lênin teria, tal como os jacobinos, em relação às massas. Esse jacobinismo, na forma de partido, levaria ao “*substituísmo*”, ou seja, a classe operária em si seria substituída por um partido, que em tese, seria o portador de seus interesses. As palavras de Trotsky sobre Lênin e seus partidários são bastante claras:

²⁷ CARR, E. H. **A Revolução Bolchevique**. Vol. 1. Editora Afrontamentos. Porto. 1977. p. 43.

²⁸ IDEM. p. 40.

²⁹ TROTSKY, León. **Minha Vida**. p. 146.

Repitamos: os camaradas dos Urais são completamente consequentes com eles mesmos quando substituem a ditadura do proletariado pela ditadura sobre o proletariado, a dominação política da classe pela dominação organizativa sobre a classe. Mas não é uma coerência de marxistas e sim de jacobinos (...).³⁰

Em “*Minha Vida*” Trotsky minimiza não apenas essa, mas a maioria de suas polêmicas com Lênin. Porém, seus escritos mostram bem mais que uma simples indignação com o tratamento que Lênin dispensou a Martov, Zassulich e Axelrod. Nesse período ele parece ter em mente um partido mais amplo, menos “militarizado” e com o papel de “esclarecer”. Um partido revolucionário sim, porém, bem menos rígido que o modelo *leninista*. O fato é que essa tomada de posição ao lado dos mencheviques lhe traria duras consequências no futuro, pois após a morte de Lênin em 1924, durante a luta pelo poder, seus adversários desenterrariam todas essas rugas para qualificá-lo como “*anti-leninista*” ou “*menchevique incorrigível*”. Trotsky, que só aderiu à fração bolchevique em 1917, seria sempre encarado pela velha guarda bolchevique como um elemento estranho, sendo aceito apenas formalmente como um de seus pares e esse, constituiu um importante fator para sua derrota política posterior.

Apesar de ter se aliado aos mencheviques nesse momento, logo Trotsky se distanciaria deles em uma questão fundamental, bem mais profunda do que a organização do Partido: o caráter da revolução russa. Porém, os embates com os bolcheviques foram duros demais e cobrariam seu preço mais à frente. Logo após o Congresso Trotsky passou mais algum tempo no exterior, onde se “casou” com Natália Sedova, militante do Partido, com a qual teve dois filhos e que seria sua esposa até o final dos seus dias.

Nesse período de exílio conheceu o judeu-russo A. L. Helfand, o **Parvus**. Esse marxista teve grande influência sobre Trotsky, especialmente em relação à Teoria da Revolução Permanente. O próprio Trotsky o admite claramente:

Parvus foi, indiscutivelmente, uma das figuras mais notáveis entre os marxistas nos fins do século passado (...). Devo aos seus trabalhos dessa época ter-me familiarizado com os problemas da revolução social. Por seus escritos é que me acostumei a encarar como tarefa prática a conquista do poder pelo proletariado (...).³¹

³⁰ TROTSKY, Leon. **Nuestras tareas políticas**. Edicions internacionais Sedov. <http://grupgerminal.org/?q=system/files/NuestrastareasTrotsky1904.pdf>. p. 71.

³¹ TROTSKY, León. **Minha Vida**. p. 151.

Apesar da importância de Parvus no desenvolvimento da Teoria da Revolução Permanente, e de este provavelmente ter inclusive chegado à certas conclusões antes mesmo de Trotsky, como o objetivo desse trabalho não é a referida “Teoria” em si, abordaremos tão somente sua formulação feita por Trotsky, com o intuito de compreender melhor as especificidades de seu pensamento político.

A Revolução de 1905 e a Teoria da Revolução Permanente

Chegamos em um ponto crucial de nossa biografia, pois a Teoria da Revolução Permanente constitui um dos pilares fundamentais do pensamento político de Leon Trotsky. Antes de abordá-la, entretanto, precisamos nos deter nos primeiros dias de 1905, quando os trabalhadores de São Petersburgo marcharam pacificamente ao palácio do Czar Nicolau II para apresentar-lhe uma petição. Carregando retratos do monarca, ícones sagrados e sob a liderança de um padre da Igreja Ortodoxa, Gregori Gapone, os trabalhadores que clamavam por reforma agrária, liberdade religiosa e melhores condições de vida, foram recebidos a tiros pelo exército. O massacre, conhecido como “Domingo Sangrento”, foi o estopim da Revolução.

A marcha foi autorizada pelas autoridades, que proibiram, todavia, sua aproximação do Palácio de Inverno, apesar de o czar já o ter deixado, no dia anterior, dirigindo-se à sua casa de campo. Na manhã do domingo, 9 de janeiro, partindo de diferentes pontos da cidade, carregando ícones, os trabalhadores movimentaram-se, em direção ao centro, sem interferência da polícia. A multidão mantinha-se calma, numa aparente procissão religiosa. Porém, ao se deparar com as tropas que obstruíam o caminho do palácio e sob a pressão dos que vinham atrás, sua vanguarda não conseguiu se dispersar, conforme a ordem e, em consequência, os soldados abriram fogo, matando duzentos e ferindo oitocentos.³²

Há praticamente um consenso sobre o caráter pacífico da manifestação, porém, o certo é que o episódio trouxe a tona descontentamentos bastante profundos de diferentes setores da sociedade russa. Os insucessos da Rússia na guerra contra o Japão, que já se arrastavam desde o ano anterior; a falta de liberdade de imprensa e liberdade política, que despertava o ódio não apenas dos socialistas, mas de estudantes e liberais; a

³² PIPES, Richard. **História Concisa da Revolução Russa**. Edições Bestbolso. Rio de Janeiro. 2008. p. 56.

situação dos camponeses pobres, que tiveram que arcar com o ressarcimento dos grandes proprietários com o fim da servidão; as más condições de trabalho na indústria russa, que mobilizaram o emergente proletariado; enfim, o “Domingo Sangrento” foi apenas o estopim de um profundo descontentamento social com o regime autocrata vigente. E se até então a figura do Czar, como protetor, o “*paizinho*” do povo, havia sido preservada, com o massacre promovido às portas do Palácio de Inverno caiu a “blindagem” do monarca.

Greves explodiram em vários centros industriais, como por exemplo, Moscou e São Petersburgo, se alastrando também pela Polônia e Finlândia. Em fins de janeiro 4000 trabalhadores estavam parados e em outubro, uma greve dos ferroviários logo se transformou em greve geral, mobilizando mais de dois milhões de trabalhadores. No campo, a luta de camponeses por melhores salários e de arrendatários por aluguéis mais justos, levou a violência, pilhagem e invasão às grandes propriedades. O descontentamento não poupou nem a marinha russa, levando ao motim a tripulação do encouraçado *Potemkin*. Ao longo do ano de 1905 as manifestações tiveram seus picos e declínios e o chamado “*Manifesto de Outubro*”, lançado pelo Czar e prometendo maior liberdade política, de certa forma confundiu seus opositores. Apesar de as manifestações de 1905 terem tido, ao menos inicialmente, um caráter espontâneo, ao longo do ano os vários partidos opositores tentaram unificar e politizar a luta, sendo que conseguiram um relativo sucesso. Não só os partidos oposicionistas, mas a própria natureza generalizada das revoltas, logo transformou os levantes e reivindicações específicas em uma luta contra o próprio regime autocrata.

Tão logo soube dos acontecimentos de São Petersburgo Trotsky tomou a resolução de deixar a Suíça, um dos centros dos social-democratas russos, e ir para o palco da revolução. Como era um foragido da justiça, chegou a Kiev no mês de fevereiro sob identidade falsa e durante esses primeiros meses de sua volta atuou apenas escrevendo. Trotsky foi um dos primeiros líderes do Partido Social Democrata a voltar para a Rússia³³ e isso lhe proporcionou uma popularidade bem maior que a de seus pares que haviam permanecido no exterior. Se no começo não teve uma atuação protagonista, logo após chegar a Petersburgo, em outubro, tomou frente nos trabalhos do Soviete.

³³ Lênin, por exemplo, só voltou à Rússia em novembro e teve uma atuação bastante discreta nos eventos de 1905, ainda mais quando comparada a de Trotsky.

O *Soviete de Deputados Trabalhadores de São Petersburgo* surgiu em outubro a partir de um comitê de greve e logo passou a ter papel central na condução das atividades insurgentes da capital, chegando, em determinado momento, a ter um poder mais efetivo que o próprio governo. Surgido como um organismo representativo de classe, o Soviete de São Petersburgo foi gradativamente ampliando suas funções, chegando a constituir uma séria aspiração de auto-governo popular. Apesar de não ser formalmente submetido ou ligado a nenhum partido, na prática, tanto o Partido Social Democrata, através de suas frações “bolchevique” e “menchevique”, quanto o Partido Social Revolucionário,³⁴ tinham bastante influência na estruturação da política do Soviete, daí também seu caráter revolucionário.

Com a prisão de Krustalev-Nosar, então presidente do Soviete, em meados de novembro Trotsky se tornou um dos três membros do *presídium* eleito para dirigir a organização. Tanto Isaac Deutscher como Robert Service concordam a respeito da atuação destacada de Trotsky como líder do Soviete. Nos poucos meses em que esteve à frente do órgão redigiu seus principais manifestos e resoluções, além de dirigir o *Izvestia*, jornal oficial do Soviete. Apesar de formalmente Trotsky ser o representante dos mencheviques, sua atuação na prática constituiu uma tentativa de unir as duas frações do POSDR. Nos meses que se seguiram Trotsky se notabilizou também como orador, como um dos principais “agitadores” do Soviete, o que provavelmente lhe rendeu grande popularidade tanto no círculo socialista especificamente, como entre os operários da capital. Robert Service, um biógrafo bastante crítico de Trotsky, resume bem sua atuação nesses dias de 1905:

Contudo, os críticos - a maioria deles ligados às frações do Partido Social Democrata - tinham que reconhecer que esteve a altura das exigências. Todos eles haviam falado interminavelmente de “política de massas”, mas Trotsky havia sido o único que havia atuado. Havia se consagrado como orador. Sem esforço era capaz de comover os que o escutavam. Não tinha nenhuma dificuldade em estimular as pessoas. Era valente. Em lugar de esconder-se, desafiou as autoridades que se atreveram a fechar o Soviete. Nenhum dirigente de seu partido se lançou ao perigo como fez Trotsky.³⁵

³⁴ O Partido Social-Revolucionário foi formado em 1902 e compunha-se de várias tendências. O Partido era uma “descendência direta” do movimento narodnik, especificamente do grupo “Vontade do Povo”. Ao contrário dos Social Democratas, colocavam ênfase no potencial revolucionário dos camponeses, daí o apoio que tiveram no campo.

³⁵ SERVICE, Robert. p. 92.

Após as promessas de maior liberdade dadas pelo “*Manifesto de Outubro*”, a atuação de Trotsky esteve claramente voltada para contestar o que ele chamou de “*liberdade de papel*”, ou seja, trabalhou no sentido de mostrar às massas o que no seu entender eram apenas palavras vazias do Czar no intuito de conter o ímpeto da revolução. Lutou para imprimir um caráter revolucionário aos descontentamentos, levando-os à contestação ao próprio regime. Ao mesmo tempo, quando entendia que não era o momento de medir forças com o governo, Trotsky colocou suas energias no sentido de pedir às massas que “*marcassem passo*”, esperando oportunidades mais favoráveis para determinadas ações.

Em dezembro a polícia e a guarda invadiram o prédio onde funcionava o Soviete e prenderam os líderes que ali se encontravam, entre eles Trotsky. Era sua segunda prisão. Transformou seu julgamento em uma tribuna de acusação, culpando diretamente o regime czarista pelo massacre do “*Domingo Sangrento*” e pela revolta popular durante todo o ano. Julgado apenas no final de 1906, Trotsky foi novamente condenado ao exílio, mas dessa vez, no próprio caminho ao destino que lhe foi imposto pela justiça, fingiu-se de doente e conseguiu evadir-se. Em 1907 já estava em Viena, um dos principais centros das frações do POSDR e um “*bastião do movimento operário - abarrotada - de fábricas que soltavam fumaça e produziam sem cessar*”.³⁶

Foi nesse período em Viena que Trotsky formulou de maneira mais sistemática a Teoria da Revolução Permanente. Provavelmente, as idéias subjacentes a essa teoria foram se formando em sua mente desde 1904, quando de sua parceria intelectual com Parvus, tomando contornos mais nítidos durante os eventos revolucionários de 1905. Porém, dados os objetivos da dissertação, não ficaremos buscando a gênese dessa idéia, passo a passo, mas sim, vamos encontrá-la em sua forma mais sistematizada e acabada, ou seja, na publicação dos trabalhos “*Balanço e Perspectiva*”,³⁷ de 1906, e “*A Revolução de 1905*”, escrito entre os anos de 1908-1909.

Toda a Teoria da Revolução Permanente está fundamentada em uma análise que Trotsky faz do desenvolvimento econômico e social da Rússia, análise essa que foi denominada por alguns autores, e mesmo por Trotsky, de “*Teoria - ou Lei - do*

³⁶ IDEM. p. 105.

³⁷ A Editora Sundermann publicou em 2011 “*Resultados e Perspectivas*”, juntamente com outro trabalho de Trotsky, sob o título de “*A Teoria da Revolução Permanente*”. É justamente esta edição que utilizamos nesse trabalho. Assim, ao citarmos o título “*A Teoria da Revolução Permanente*” estamos nos referindo ao trabalho “*Resultados e Perspectivas*”, nele contido.

Desenvolvimento Desigual e Combinado”.³⁸ Trotsky começa sua análise comparando o desenvolvimento da Rússia com o da Europa Ocidental, sobretudo Bélgica e França. Caracteriza o surgimento da burguesia européia, que nasceu e se desenvolveu de forma independente em relação às monarquias e assim, essa burguesia, surgida do comércio e das corporações de ofício, tinha interesses muitas vezes antagônicos ao Estado, tornando-se, com o passar do tempo, potencialmente revolucionária. Quando se acirraram as contradições entre o papel que essa burguesia representava na economia e as limitações dos seus direitos políticos, explodiram as revoluções burguesas. Nessa caracterização que faz do desenvolvimento da burguesia européia, Trotsky parece ter em mente sempre o “modelo francês” de desenvolvimento capitalista. O objetivo central de sua análise da burguesia ocidental é mostrar que ela surgiu de forma independente, tornou-se economicamente poderosa e potencialmente revolucionária.

O próximo passo da análise de Trotsky é fazer o contraponto com o desenvolvimento da Rússia, que em razão da imensidão de seu território e de sua população dispersa, teve uma estrutura econômica e social que ele chama de “primitiva”. Esse “Estado primitivo”, porém, desde cedo teve que enfrentar a pressão militar de seus vizinhos ocidentais e para fazer frente a essa ameaça, precisou se modernizar, criando indústrias, contratando especialistas militares, fabricando armas, desenvolvendo tecnologia, enfim, teve que estabelecer uma espécie de paridade para garantir sua soberania, e nesse sentido, a história russa seria “*uma ininterrupta cadeia de esforços - heróicos em certo sentido - para fornecer à organização militar os meios necessários para sua existência permanente*”.³⁹ A questão central, no entender de Trotsky, é que o Estado russo fez isso absorvendo “*uma parte desproporcionalmente grande do produto excedente, isto é, viveu à custa das classes privilegiadas que estavam formando-se e conteve assim seu próprio desenvolvimento, que já era lento*”.⁴⁰

“*A Revolução de 1905*” traz algumas tabelas indicando que no século XVII 85% dos recursos estatais eram gastos com o exército e no século seguinte, esse número caiu para cerca de 60% ou 70%, permanecendo relativamente alto. Como esses recursos eram “retirados” da própria economia e mesmo das classes dominantes, através de impostos, ao drenar todo esse excedente o Estado russo teria forjado, de acordo com Trotsky, os entraves para seu próprio desenvolvimento, pois dessa forma limitou seu

³⁸ O trotskista George Novack, por exemplo, usa o termo “lei”, já Michael Löwy prefere “Teoria”.

³⁹ TROTSKY, Leon. **A Revolução de 1905**. Global editora. São Paulo. (sem data de publicação). p. 27

⁴⁰ IDEM. p. 28.

crescimento populacional, o desenvolvimento econômico e das forças produtivas e limitou também uma maior diferenciação social. A partir dessa análise, e sempre tendo como referência a Europa ocidental, Trotsky ressalta que o Estado russo tornou-se cada vez mais forte, centralizado e autoritário, enquanto as classes privilegiadas eram bastante frágeis, ao contrário da Europa, onde o desenvolvimento não limitou o surgimento de uma burguesia forte, pujante, revolucionária.

Essa idéia fica bastante clara quando Trotsky contrapõe a cidade russa à européia. Enquanto esta última seria uma unidade econômica, berço da burguesia, do comércio, do desenvolvimento econômico e da produção, a cidade russa era uma unidade, sobretudo, de consumo, moradia de burocratas e militares. Nas cidades européias surgiu uma burguesia formada por comerciantes, artesãos, com históricos interesses de classe, enquanto os artesãos russos, essa parcela da classe que se tornou revolucionária na Europa, na Rússia vivia espalhada pelo campo produzindo para subsistir miseravelmente.

Entretanto, as modernas cidades russas não diferem das antigas apenas pelo seu número de habitantes, mas também por seu caráter social: são o centro da indústria e do comércio. A maioria de nossas velhas cidades mal desempenhava algum papel econômico: eram pontos administrativo-militares ou fortalezas. Sua população era sujeita a uma ou outra forma de serviço estatal e mantida pelo fisco. A cidade era geralmente um centro administrativo, militar e arrecadador de impostos.

(...) Segundo Miliukov, inclusive Moscou, a maior cidade da velha Rússia, era, apenas: “uma residência do czar, na qual uma parte considerável de seus habitantes estava vinculada, de uma maneira ou outra, à corte, seja como corte, guarda ou serviços”.⁴¹

Quando no final do século XIX a Rússia se viu forçada a se industrializar, sob o risco de ser esmagada econômica e militarmente por potências estrangeiras, ela o fez, sobretudo, com capital estrangeiro, o francês, principalmente. Ao contrário da Europa Ocidental, essa industrialização, de acordo com Trotsky, foi “artificial”, uma vez que promovida pelo próprio Estado e não pela burguesia, demasiada frágil para isso. Assim, conclui Trotsky, a burguesia russa nasceu débil, sem tradição de luta, fortemente dependente do Estado e com potencial revolucionário bastante limitado.

⁴¹ TROTSKY, Leon. **A Teoria da Revolução Permanente**. (Balanço e Perspectiva e A Revolução Permanente). Editora Sundermann. São Paulo. 2011. p. 52-53.

Por outro lado, a indústria russa teria surgido de forma bastante concentrada, relativamente poucas, porém grandes unidades de produção. Isso proporcionou os meios para o “nascimento” de um proletariado altamente concentrado, com enorme força econômica, política e potencialmente revolucionário. Em “*A Revolução de 1905*”, Trotsky traz uma série de gráficos comparativos entre a indústria russa, alemã e belga, mostrando como mesmo em comparação com esses países, a quantidade de grandes indústrias - com mais de 1000 operários - na Rússia, era superior, o que constituía um importante fator revolucionário. Dessa forma, Trotsky caracteriza o Estado russo como “*semi-asiático*”, e aqui o termo “asiático” tem uma conotação bastante pejorativa. A Rússia, na análise de Trotsky, “seria européia” por sua indústria moderna, proletariado concentrado, grandes centros industriais e pelo seu exército permanente, por outro lado, arrastava-se com o pesado “fardo asiático”, representado por um regime autocrático, uma burguesia frágil, reacionária e costumes servis.

Dessa distorção entre o desenvolvimento dos diferentes setores da economia e sociedade russa, isso sempre em comparação com a Europa, é que vem o termo “Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado”. “*Desigual*” porque a Rússia seria uma espécie de “caricatura de sociedade”, onde por um lado surgiu uma classe operária altamente desenvolvida e revolucionária, e por outro, uma burguesia praticamente atrofiada e reacionária. O termo “*combinado*” refere-se à inserção da Rússia na economia capitalista mundial. Beneficiando-se de empréstimos, da tecnologia industrial produzida no ocidente, enfim, fazendo parte da “Divisão Internacional do Trabalho”, ela se “apropriava” de parte do desenvolvimento capitalista anterior.

As conclusões que Trotsky tira dessa análise constituem o cerne da Teoria da Revolução Permanente e rompem drasticamente com o pensamento dos socialistas russos da época. Primeiramente, para Trotsky a burguesia russa tinha mais medo do proletariado do que contradições em relação à monarquia e dessa forma, nunca poderia constituir-se em uma classe revolucionária, tal qual a burguesia européia. Por outro lado, ao se “apropriar” da indústria européia, de suas conquistas, a Rússia “seria dispensada” de seguir o “modelo clássico” de desenvolvimento, ou seja, fazer uma revolução burguesa, desenvolver o capitalismo, tornar o proletariado maioria na nação, para só então fazer a revolução socialista. Na análise de Trotsky a Rússia **não poderia** trilhar o caminho da clássica revolução burguesa justamente porque sua burguesia era reacionária e dependente do Estado. **Não precisaria** cumprir essa etapa, uma vez que

tinha uma indústria moderna e um proletariado concentrado e potencialmente revolucionário.

Tampouco nosso capital nativo podia encabeçar a luta nacional contra o tzarismo, pois desde o princípio foi contra as massas populares; contra o proletariado, a quem explora diretamente, e contra o campesinato, a quem rouba indiretamente através do Estado.⁴²

De acordo com Trotsky a revolução na Rússia só poderia e deveria ser levada a cabo sob a liderança do proletariado, mesmo esse constituindo uma minoria em meio à população rural. Essa idéia rompia frontalmente com o esquema “*etapista*” dos mencheviques, que esperavam primeiramente uma revolução burguesa, sob a liderança da burguesia, para só então, depois de consolidada esta, partir para a preparação da revolução socialista. O esquema de Trotsky destoava também de Lênin, que defendia uma espécie de “*ditadura democrática do proletariado e do campesinato*”, ou seja, uma revolução sob a liderança do proletariado, mas para consolidar, primeiramente, as conquistas burguesas. Para Trotsky, a revolução sob a liderança proletária realizaria sim as “tarefas burguesas”, tais como reforma agrária, liberdade de imprensa e política, porém, não se deteria aí. Uma vez no poder, o proletariado não o exerceria no sentido de manter sua própria exploração, ao contrário, passaria logo para a “etapa socialista”, ou seja, coletivização da terra, monopólio do comércio exterior, nacionalização de bancos, indústrias, enfim. Daí o caráter “*permanente*”, ou seja, ininterruptamente a revolução passaria das “tarefas burguesas” para as socialistas.

A dominação política do proletariado é incompatível com a sua escravização econômica. Pouco importa a bandeira política sob a qual o proletariado tenha chegado ao poder. Ele é obrigado a tomar o caminho da política socialista. Seria o maior dos utopismos pensar que o proletariado, depois de ter-se elevado, mediante a mecânica interna da revolução burguesa, às alturas da dominação estatal, possa, mesmo que ainda o desejasse, limitar sua missão à criação de condições republicano-democráticas para o domínio social da burguesia.⁴³

A partir dessas formulações Trotsky rompeu com os mencheviques em uma questão bem mais profunda que qualquer divergência em relação à organização do Partido e uma consequência bastante imediata disso é sua rejeição à idéia menchevique

⁴² TROTSKY, Leon. **A Revolução de 1905**. p. 57.

⁴³ TROTSKY, León. **A Teoria da Revolução Permanente**. p. 115.

de que os socialistas deveriam se aliar aos liberais e sob a liderança desses últimos. Naqueles anos imediatos após a Revolução de 1905, esse era o principal aspecto de “*permanência*” da Teoria da Revolução Permanente. Porém, existia outro, também trabalhado por Trotsky, mas que ganhou evidência apenas após a morte de Lênin em 1924 e a posterior luta pelo poder:

Abandonada às suas próprias forças, a classe operária russa seria destruída inevitavelmente pela contra revolução no momento em que o campesinato se separasse dela. Não lhe restaria outra alternativa do que ligar o destino do seu domínio político, e portanto o destino de toda revolução russa, ao destino da revolução socialista na Europa. (...).⁴⁴

Apesar de entender a possibilidade de a revolução socialista estourar primeiramente na Rússia, uma vez que ela seria o “elo mais fraco” do capitalismo, Trotsky rejeitou completamente a idéia de se consolidar o socialismo sem que a revolução atingisse escala mundial. Em sua análise, a “Rússia rural”, tão logo a revolução partisse para a coletivização das terras, poderia se voltar contra o proletariado e derrotá-lo se esse não tivesse ao seu lado o proletariado e a indústria européia. Além disso, as potências capitalistas nunca aceitariam uma Rússia socialista servindo como exemplo para suas próprias classes operárias. Daí o outro aspecto de *permanência*, ou seja, a revolução deveria passar diretamente da *revolução nacional* para a *revolução mundial*.

Antes de 1923 é praticamente impossível encontrar algum bolchevique que não entendesse a revolução mundial como condição para construção do socialismo na Rússia, porém, após a morte de Lênin, temendo a possibilidade de Trotsky tomar a frente do governo, seus opositores passaram a criticar violentamente a Teoria da Revolução Permanente, acusando seu autor de “falta de fé” na Rússia e nos camponeses. Com o desenvolvimento da teoria do “*socialismo em um só país*”, os antagonismos entre Trotsky e a linha oficial do Partido foram se tornando cada vez mais nítidos e profundos. Trotsky assumiu e aprofundou cada vez mais seu *internacionalismo*, colocando em relevo esse outro aspecto de *permanência*, que constitui o cerne do *trotskyismo*, ou seja, a primazia da revolução mundial sobre os interesses nacionais.

⁴⁴ IDEM. p. 130.

Talvez o principal dilema para a construção do socialismo na Rússia nas décadas de 1900 -1920, pelo menos sob a bandeira do marxismo, fosse sua composição social. O socialismo, que em tese seria a superação do capitalismo e dessa forma, construído tendo por base uma sociedade capitalista “avançada”, com uma significativa população proletária e urbana, na Rússia agrária não encontrava tal base. A partir dessa perspectiva que os mencheviques, por exemplo, acreditavam na necessidade de um desenvolvimento burguês antes da revolução socialista. A Teoria da Revolução Permanente rompeu com esse pensamento ao postular uma revolução liderada pelo proletariado, de caráter socialista, em meio a essa imensa Rússia rural. Qual o papel dos camponeses nessa revolução? Submeter-se-iam ao proletariado? Trotsky, principalmente após 1924 foi acusado de indiferença para com os camponeses, dessa forma, é importante compreendermos o papel reservado a essa classe em sua teoria.

Já em 1906, Trotsky tinha claro em sua mente o que representava a direção do proletariado na Rússia agrária. Essa liderança seria cimentada, sobretudo, a partir de uma aliança programática com os camponeses, ou seja, o governo liderado pela classe operária expropriaria os *kulaks*⁴⁵ em benefício da imensa maioria de camponeses pobres, e dessa forma, levaria a cabo sua liderança na revolução, porém, com o apoio da massa camponesa.

O proletariado no poder aparecerá aos camponeses como uma classe libertadora.

A dominação do proletariado acarretará não somente a igualdade democrática, a livre autonomia, a passagem da carga fiscal para as classes abastadas, a fusão do Exército com o povo armado, a supressão dos dízimos obrigatórios da Igreja, mas também a legalização de todas as transformações revolucionárias agrárias, em primeiro lugar o confisco das terras pelos camponeses. O proletariado fará dessas transformações um ponto de partida para medidas de Estado sucessivas na economia rural. Nessas condições, os camponeses russos terão todo o interesse em prestar seu apoio ao regime proletário, sobretudo nos primeiros e mais difíceis tempos (...).⁴⁶

Uma vez que, enquanto classe, no entender de Trotsky, o campesinato nunca poderia desempenhar um papel revolucionário independente, a única forma de se libertar do jugo das classes abastadas seria sob a liderança do proletariado urbano, isso

⁴⁵ Camponeses abastados, que geralmente exploravam trabalho alheio e eram proprietários de grandes terras.

⁴⁶ TROTSKY, León. **A Teoria da Revolução Permanente**. p. 82.

em razão tanto da “*histórica subordinação do campo à cidade*”⁴⁷ no regime capitalista, quanto do “*cretinismo local*” do campesinato, que uma vez na posse do seu lote de terra passaria imediatamente de elemento revolucionário a reacionário. O proletariado, por outro lado, apesar de constituir uma minoria em meio à imensidão camponesa, poderia e deveria constituir o elemento de liderança da revolução, pois era a classe que controlava diretamente “*os meios de produção mais poderosos da nação*”.⁴⁸

Apesar de defender uma revolução sob a liderança do proletariado urbano com o apoio das massas camponesas, Trotsky compreendia as dificuldades inerentes a tal fórmula. Em seu trabalho de 1906 refletia que se, por um lado, “*a supressão do regime de servidão*” e o “*imposto progressivo sobre a renda*” estreitaria os laços entre operários e camponeses, por outro, conforme a revolução avançasse das “*tarefas burguesas*” para as “*tarefas socialistas*”, como a coletivização do campo, por exemplo, “*o primitivismo do campesinato mostraria ao proletariado sua face mais hostil*”.⁴⁹

Dois traços essenciais da política proletária tropeçarão na resistência dos seus aliados: o *coletivismo* e o *internacionalismo*.

O caráter pequeno-burguês e o primitivismo do campesinato, a estreiteza rural de seu horizonte, seu isolamento das questões políticas internacionais serão um obstáculo sério para a estabilização da política revolucionária do proletariado que se encontre no poder.⁵⁰

Essa percepção que Trotsky tinha do campesinato enquanto classe e de seu papel em um governo socialista, revelaria seus aspectos práticos anos mais tarde, quando seria o principal dirigente do Exército Vermelho. Ao comandar a formação de um exército onde o “grosso” de suas fileiras era constituído pelos “soldados camponeses”, Trotsky certamente tinha em mente essas mesmas preocupações. Ao ponderar sobre a questão das milícias, “democracia militar” e sobre o papel dos comissários políticos no Exército Vermelho, percebemos o quanto receava que o campesinato passasse de elemento aliado para a “passividade política”, ou na pior das hipóteses, para uma resistência ativa em relação ao regime que teoricamente deveria apoiar.

⁴⁷ IDEM. p. 83.

⁴⁸ TROTSKY, Leon. **A Revolução de 1905**. p. 61.

⁴⁹ TROTSKY, León **A Teoria da Revolução Permanente**. p. 87.

⁵⁰ IDEM.

O período entre revoluções

No ano subsequente à Revolução de 1905, a monarquia russa fez um esboço de reformas a fim de implementar as promessas feitas pelo “*Manifesto de Outubro*”. Já no final de 1905 a censura havia sido abolida e a legislação de 1906 garantiu a liberdade de reunião, tornando possível também a organização aberta de sindicatos e partidos políticos. Nesse ano a Rússia passou a ter um Parlamento composto por uma Câmara Alta, onde estavam representadas a nobreza e a Igreja e uma Câmara Baixa, a chamada *Duma*, que apesar de ser constituída por representantes eleitos, em razão dos mecanismos de eleição garantia a representação de agrupamentos conservadores. Apesar disso, as reformas eram bastante limitadas, uma vez que o Czar tinha garantido o direito de dissolver a Duma quando bem entendesse, tanto que em 1907 já o havia feito em duas ocasiões.

Sobre essas reformas o historiador Richard Pipes, apesar de entender as limitações, considera que elas significaram “*um passo gigantesco em direção à soberania popular e à divisão dos poderes do Estado*”.⁵¹ Isaac Deutscher, ao contrário, tem uma postura nada entusiástica frente a essas reformas, considerando-as mais um artifício da monarquia para confundir a oposição do que uma sinalização séria de mudanças. Nesse sentido, o historiador polonês lembra que em 1907, “*o ano da vingança do czar*”, a Segunda Duma foi dissolvida, os representantes social-democratas enviados para a Sibéria e “*os partidos revolucionários foram esmagados, seus jornais e clubes fechados e milhares de seus membros, massacrados*”.⁵²

Nos anos entre 1907 e 1914 Trotsky viveu em Viena, movendo-se com frequência para Londres, Paris, Munique, em razão de um compromisso ou outro. Conforme Isaac Deutscher, esses sete anos “*formam em sua vida um capítulo singularmente destituído de realizações políticas*”.⁵³ Trotsky, conforme ele mesmo conta em “*Minha Vida*”, durante esse tempo estabeleceu estreitos contatos com a intelectualidade européia, sobretudo, os marxistas austríacos e alemães. Conviveu com Parvus, conheceu o socialista francês Jean Jaurés, a quem muito admiraria, relacionou-se com o “papa” do austro-marxismo, Karl Kautsky, enfim, viveu intensamente o ambiente cultural e político da Europa ocidental. Apesar de em sua autobiografia

⁵¹ PIPES, Richard. p. 64.

⁵² DEUTSCHER, Isaac. p. 223.

⁵³ IDEM. p. 224.

Trotsky ser bastante crítico em relação a esses “antigos amigos”, Isaac Deutscher lembra que:

Seus escritos dessa época, porém, mostram acentuadamente que gostava da tranquila efervescência da atmosfera vienense. Mergulhou na vida local, juntou-se aos social-democratas austríacos, visitava-lhes os clubes e reuniões, colaborava nos jornais socialistas, interessava-se pelos acontecimentos artísticos e literários e ocasionalmente cedia à atração dos cafés.⁵⁴

Edward Carr traça um perfil de Trotsky como “*o mais ocidental e o menos especificamente russo*”⁵⁵ dos bolcheviques. Isaac Deutscher também o caracteriza como “*um europeu*”.⁵⁶ Os anos de juventude em Odessa no lar dos Sperzer, onde teve contato com a cultura e a ciência ocidentais; o cosmopolita Colégio São Paulo, no qual o jovem Liova conviveu com pessoas de várias partes da Europa; e agora esse período em Viena, onde travou conhecimento com os principais expoentes do socialismo europeu, parecem de importante significado para a formação da personalidade de Trotsky, profundamente marcada por traços característicos da cultura europeia. Refletindo sobre o posterior conflito entre Trotsky e Stalin, Carr percebe nessas rugas mais que divergências propriamente políticas, mas também uma hostilidade cultural, que opôs o “europeu” Trotsky não apenas a Stalin, mas também a boa parte de bolcheviques em ascensão no Partido na década de 1920.

Uma das causas subjacentes da incompatibilidade de Trotsky e Stalin consistia em que o primeiro era o mais europeu e o segundo o menos europeu dos líderes bolcheviques. No partido onde, após a morte de Lênin, se iam pouco a pouco empoleirando aos primeiros postos homens com pouca ou nenhuma experiência de ocidente, o apego de Trotsky pelo modo de vida e pelo pensamento ocidentais constituía um fator de isolamento. Por uma parte, este ocidentalismo de Trotsky lhe ajudou a obter o apoio de quase todos os partidos comunistas do ocidente; por outra, dentro do partido russo, se usou rapidamente como arma contra ele. A resolução aprovada pelo comitê central do partido, em janeiro de 1925, a qual lhe julgava, descrevia o trotskysmo como “falsificação do comunismo no espírito de aproximação aos modelos ‘europeus’ do pseudo-marxismo(...)”.⁵⁷

Apesar do viés predominantemente cultural na definição deste *ocidentalismo* de Trotsky, há também nisso um outro componente. Salomon Volkov, ao falar da histórica

⁵⁴ IDEM. p. 234.

⁵⁵ CARR, Edward. **El socialismo en un solo país. (1924-1926). Vol. 1.** Alianza Editorial. Madrid. 1976. p. 151

⁵⁶ DEUTSCHER, Isaac. p. 229.

⁵⁷ CARR, Edward. Ob. cit. p. 154.

oposição entre São Petersburgo e Moscou, caracteriza duas posturas diferentes perante o desenvolvimento da Rússia. Enquanto os *eslavófilos* reivindicavam “*uma via de desenvolvimento para a Rússia, diferente dos modelos ocidentais*”,⁵⁸ os chamados *ocidentalistas* buscavam na Europa a chave para o futuro da Rússia. Nesse aspecto, Trotsky se destacava ainda mais como “ocidentalista” e isso ficaria mais evidente em meados da década de 1920, quando parecia deslocado em meio ao recrudescimento do nacionalismo russo.

Se parece certo o juízo que Deutscher faz sobre a produção política de Trotsky nesses anos, nem por isso eles deixam de ter significado político, uma vez que as posições tomadas por ele nessa época provavelmente tiveram implicações futuras. No Congresso do Partido Social Democrata realizado em Londres no ano de 1907, discutiam-se as possibilidades de atuação política na Duma. As divergências não se davam apenas entre as frações menchevique e bolchevique, mas também no interior de cada uma delas, sendo que na “ala extrema” dos bolcheviques os chamados *boicotadores* eram ferrenhamente contra qualquer participação nas instituições oficiais, preferindo assim, a atuação exclusiva na ilegalidade. No campo extremo do menchevismo os *liquidadores* queriam travar a luta política às claras, através das instituições legais do Estado e dessa forma, negavam a necessidade da luta subterrânea. Mas como dissemos, não existia consenso nem dentro de cada fração, pois Lênin, líder dos bolcheviques, defendia a necessidade de combinar a atuação legal com a subterrânea e Martov, pelos mencheviques, não negava a importância de se manter parte da atuação na ilegalidade.

Nesse congresso, aliás, até quase às portas da Revolução de Outubro, Trotsky atuou de forma independente, transitando entre as frações. Se em relação à natureza da revolução e ao papel do proletariado parecia se aproximar de Lênin e dos bolcheviques, por outro lado, criticava-os asperamente por seu *modus operandi*. Se por um lado não negava a necessidade imperativa da luta subterrânea, por outro, parecia ter verdadeira aversão ao “partido militarizado” que Lênin pretendia. Ao escolher permanecer de fora das frações, mantendo uma atuação independente e travando sua luta no sentido de unificar o Partido, quando muitos queriam o rompimento, Trotsky atraiu a hostilidade de ambos os lados, não constituiu sua própria fração e tal postura, possivelmente enfraqueceu bastante sua posição no governo bolchevique após a Revolução.

⁵⁸ VOLKOV, Solomon. p. 55.

Em janeiro de 1910 os líderes bolcheviques e mencheviques se reuniram em Paris para tentar resolver as dissensões e unificar o Partido. O primeiro passo seria cada fração eliminar seus extremistas, ou seja, afastar *liquidadores* e *boicotadores*. Mais uma vez a unificação não aconteceu e nessa ocasião, devido ao grupo menchevique, que não conseguiu anular sua ala extremista. Trotsky, como editor do *Pravda vienense* e como defensor ardente da unidade, contrariamente ao que seria esperado, não condenou de forma mais enfática os mencheviques, o que lhe angariou ainda mais hostilidade do “partido de Lênin”.

Nos artigos de Trotsky durante esses anos em Viena percebemos a natureza profunda de seu rompimento com as principais teses mencheviques. Em “*O partido do proletariado e os partidos burgueses na revolução*”, Trotsky argumentava no sentido de que “*Se os camaradas mencheviques crêem na vitória da revolução ou admitem ao menos a possibilidade desta vitória, não poderão negar que, fora do proletariado, não há, na Rússia, outro pretendente ao poder revolucionário*”.⁵⁹ Apesar dessa rejeição ao que seria o cerne da concepção menchevique, a aversão de Trotsky ao modelo partidário de Lênin parece ditada em boa parte pela forma em que estava mergulhado na cultura europeia. Seus anos em Odessa, na casa dos *Spenser*, e toda essa vivência em Viena, debatendo com os marxistas europeus, pensando as questões russas sobre a influência dos partidos ocidentais, tudo isso parece relevante para compreendermos sua resistência ao bolchevismo, ainda mais tendo em conta sua proximidade teórica e pragmática com eles. A explicação de Isaac Deutscher parece bastante coerente com os escritos de Trotsky:

Trotsky glorificou a luta subterrânea, seu heroísmo e martírio, com o ardor romântico que lhe era peculiar. (...) Mas, ansiando pelo melhor de ambos os mundos, queria ver o espírito democrático, amplo e tolerante, do socialismo ocidental infundido no movimento ilegal russo. Queria que a organização clandestina desse tal amplitude à “auto-atividade” (*samodeiatelnost*) das fileiras, que os partidos ocidentais pareciam proporcionar.⁶⁰

Em Viena Trotsky era uma espécie de porta-voz do Partido russo perante os marxistas europeus, que o aceitaram de bom grado, ainda mais por estar fora das duas

⁵⁹ TROTSKY, Leon. **El partido del proletariado y los partidos burgueses en la revolución.** <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/permanente/elpartidodelproletariado.htm>.

⁶⁰ DEUTSCHER, Isaac. p. 229.

frações do Partido. Além das atividades políticas, dedicou uma boa parte de seu tempo ao jornalismo. Vivia em parte com a renda de trabalhos escritos para a imprensa socialista europeia e em parte com a ajuda financeira irregular de seus pais, que inclusive criavam uma de suas filhas. Escrevia sobre literatura, sobre as exposições anuais em Viena e foi nessa condição de jornalista que, em fins de 1912, foi convidado pelo jornal “*Pensamento Kieviano*” para servir como seu correspondente nos Bálcãs. Infelizmente não dispomos de muitos artigos de Trotsky enquanto correspondente de guerra, mas sabemos pelos seus biógrafos que nesse período viajou frequentemente à região para cobrir os conflitos envolvendo os sérvios, búlgaros, gregos e turcos. De acordo com os biógrafos, seus escritos sobre as duas guerras balcânicas versavam mais sobre os “massacres”, a fome, o morticínio, enfim, as misérias da guerra e sobre as relações geopolíticas envolvidas no conflito.

Trotsky encontrava-se em Viena quando estourou a Primeira Guerra Mundial, que colocou em trincheiras opostas o Império Austro-Húngaro e a Rússia dos Romanov. Como cidadão russo, foi aconselhado por autoridades policiais a abandonar a Áustria, sob o risco de hostilidades populares ou de ser encarcerado pelo governo. Imediatamente e junto com tantos outros russos que viviam em Viena, encontrou refúgio na neutra Suíça, onde passaria alguns meses antes de mudar para França como correspondente do *Pensamento Kieviano*. Entre Suíça e França, Trotsky ganhou a vida como correspondente internacional no referido jornal e continuou escrevendo para a imprensa socialista. Com o conflito, porém, as questões partidárias cederam lugar à outra mais premente: o papel dos socialistas frente à guerra.

A conflagração comprometeu seriamente a solidariedade entre os socialistas, uma vez que vários partidos membros da *Segunda Internacional* abandonaram o compromisso de não apoiarem seus respectivos governos em caso de guerra. A liderança dos partidos da França, Grã-Bretanha e Alemanha, por exemplo, colocaram-se favoráveis a “defesa nacional”.

A guerra, porém, tinha provocado uma profunda virada na evolução de todo o socialismo europeu. A maioria dos partidos socialista europeus sustentava o esforço militar dos respectivos países: daí a perda de prestígio da política socialista e, mais tarde, a fratura do movimento até então unitário.⁶¹

⁶¹ HOBSBAWM, Eric. (org). **História do Marxismo**. Vol. V. Paz e Terra. São Paulo. 1985. p. 77.

Os Social-Democratas alemães aprovaram os créditos de guerra para o governo; o chamado “pai” do marxismo russo, George Plekhanov, tomou posição em favor do “patriotismo russo”; o antigo amigo e parceiro intelectual de Trotsky, Parvus, não só se solidarizou com a liderança do Partido Social Democrata alemão como também trabalhou em prol deste. O nacionalismo, o patriotismo e a preocupação com a defesa nacional fizeram com que muitos internacionalistas se colocassem ao lado do governo que antes contestavam.

Em Zurique Trotsky escreveu “*A guerra e a Internacional*”, trabalho publicado pelo periódico menchevique *Golos (Voz)* e que expressa bem seu posicionamento nessa questão durante o período em que esteve na Europa beligerante. Falando sobre a invasão da neutra Bélgica pelas tropas alemãs ou dos esforços beligerantes britânicos sob o pretexto de defender a França e Bélgica, Trotsky caracteriza como absurdo as tentativas de ambos os lados justificarem-se sob o manto da “guerra defensiva”, pois “*com tal raciocínio resultaria que todos os países estariam na defensiva e nenhum seria o agressor*”.⁶² Esta crítica era claramente dirigida aos socialistas, que teriam abandonado o internacionalismo em nome da “defesa nacional”. Questionando especificamente os argumentos “*defensivistas*” dos socialistas alemães, Trotsky colocou a guerra na perspectiva da luta de classes:

A guerra nasceu dos antagonismos imperialistas entre estados capitalistas e a vitória da Alemanha, como dissemos antes, pode produzir só um resultado: aquisições territoriais às expensas da Bélgica, França e Rússia, tratados comerciais forçados e novas colônias.

(...) A vitória da Alemanha significaria uma interrupção do movimento revolucionário (...).⁶³

Neste debate sobre o papel dos socialistas no conflito, Trotsky não atacou apenas os social-democratas alemães, que justificavam a guerra contra a Rússia também como uma guerra contra o czarismo. Vociferou no mesmo tom contra os que defendiam uma guerra defensiva russa, como por exemplo Plekhanov e alguns outros membros do socialismo russo. Trotsky defendia a unificação dos socialistas contra a “guerra imperialista” em si, falava por uma paz sem indenizações ou anexações e ao que parece,

⁶²TROTSKY, Leon. **La Guerra y la Internacional**. (Cap. La guerra de defensa). <www.marxists.org/espanol/trotsky/1910s/1914-guerra.htm>. Como na publicação deste trabalho no referido sitio não consta número de páginas, indicamos o capítulo de cada citação.

⁶³ IDEM.

isso não era só palavrório, pois teve a mesma postura quando esteve à frente das relações exteriores do governo bolchevique.

Apesar de não chegar ao extremo de Lênin, que defendeu inclusive a idéia de que a derrota russa seria o resultado mais conveniente para a revolução, nesses anos da Primeira Guerra o aspecto internacionalista de Trotsky tornou-se bastante evidente. Longe de ser um pacifista, entendia o conflito como um desdobramento do imperialismo, no qual os trabalhadores iam para as trincheiras morrerem pelas classes que os exploravam. Condenando a “guerra imperialista”, clamava pela revolução. A sorte dos trabalhadores estaria ligada aos seus “irmãos” de classe, seja de qual nação fossem, e não às classes dominantes de seus respectivos Estados. Em Paris, escrevendo para o *Nashe Slovo*⁶⁴ (Nossas Palavras), despertava também a hostilidade do governo russo, que tanto pressionou seu aliado até que o governo francês fechasse o periódico e preparasse a deportação de Trotsky. Não conseguindo permissão para se transferir para Itália, Suíça ou Grã Bretanha, foi detido e levado à fronteira espanhola. Após umas poucas semanas na Espanha atravessou o Atlântico e em janeiro de 1917 desembarcou em Nova York, de onde tomaria conhecimento do início da revolução na Rússia.

A dupla revolução

Em fevereiro de 1917, após cinco dias de distúrbios envolvendo operários e soldados na capital Petrogrado,⁶⁵ a secular monarquia czarista foi derrubada praticamente sem violência. Marc Ferro descreve a relativa facilidade com a qual Nicolau II foi deposto do poder quando se encontrava com o exército no *front*:

Música à frente, conduzido pelos suboficiais, o regimento de Pavlovskii marchou para o Palácio de Inverno e nele penetrou, saudado pelos sentinelas. Alguns instantes mais tarde, viu-se o pavilhão imperial descer lentamente, puxado por mão invisível, e logo em seguida um pano vermelho flutuou sobre o palácio. Em cinco dias puseram fim ao reino dos Romanov.⁶⁶

O Czar e os deputados monarquistas na Duma ainda tentaram manobrar para a abdicação de Nicolau em favor de seu irmão, porém, setores do exército, do movimento

⁶⁴ O “*Nashe Slovo*” era o periódico “*Golos*”, que havia mudado de nome.

⁶⁵ Com o começo da guerra contra a Alemanha, a capital da Rússia, São Petersburgo, teve seu nome mudado para Petrogrado, uma vez que o antigo nome tinha origem alemã.

⁶⁶ FERRO, Marc. **A revolução russa de 1917**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1988. p. 34.

operário e dos partidos socialistas, forçaram a Duma a assumir as funções de governo. Era o início do Governo Provisório, que deveria convocar uma Assembléia Constituinte e elaborar uma Constituição para a Rússia. Dominado pelos Cadetes (Constitucionais Democratas),⁶⁷ o Governo Provisório desde o início viu seu poder limitado por outro organismo: o Soviete.

Logo que o Czar foi derrubado constituiu-se o Soviete de Petrogrado, com deputados escolhidos por operários e soldados. Composto por representante dos partidos do campo socialista e liderado inicialmente pelos mencheviques, o Soviete reconheceu o Governo Provisório, mas seus integrantes, com exceção do socialista Alexander Kerenski, recusaram-se a compor o governo. Apoiado pelas guarnições militares da capital, pelos operários e com representantes dos partidos socialistas, o Soviete de Petrogrado constituiu uma espécie de poder paralelo ao Governo Provisório, daí ser muito comum o termo “duplo poder” para esse período. Apesar de o Governo Provisório teoricamente ter o controle do Estado, o poder de fato estava nas mãos do Soviete e com o passar dos meses, esses “dois poderes” se distanciariam cada vez mais, culminando com a Revolução de Outubro. Um telegrama do Ministro da Guerra do Governo Provisório, endereçado ao general Alekséiev, ilustra bem a natureza da relação Soviete/ Governo Provisório:

O Governo Provisório não tem nenhum poder efetivo e suas ordens são cumpridas apenas na medida em que o Soviete de Deputados dos Soldados e Trabalhadores permite. Esse organismo é que controla os instrumentos básicos do poder, estando sob sua direção tropas, estradas de ferro (e) serviços postais. Com absoluta sinceridade, pode-se afirmar que o Governo Provisório é uma permissão do Soviete (...).⁶⁸

Em Nova York, vivendo com relativo conforto em uma residência no Bronx com Natália e seus dois filhos homens, Trotsky ganhava a vida escrevendo e fazendo conferências para emigrados russos e socialistas norte-americanos. Continuou militando contra a “guerra imperialista” e tão logo se estabeleceu o Governo Provisório, colocou-se em oposição ao mesmo. Logo que soube dos eventos em Petrogrado tomou a resolução de voltar para a Rússia. Em quatro de maio Trotsky chegava à capital russa.

⁶⁷ Os “Constitucionais-Democratas”, ou “Cadetes”, constituíam um partido reformista composto por liberais. Compunham a base do Governo Provisório em fevereiro de 1917, porém, gradativamente, tornaram-se conservadores frente às exigências populares por reformas sociais e pelo fim da guerra.

⁶⁸ Em: PIPES. Richard. p. 102.

Se nesse período que vai do advento do Governo Provisório à insurreição de outubro Trotsky não escreveu nenhuma obra significativa do ponto de vista teórico, a maneira como se colocou na luta política foi fundamental para seu papel no posterior governo soviético. A partir da Teoria da Revolução Permanente, aproximou-se cada vez mais de Lênin e dos bolcheviques. Essa aproximação se deu a partir de uma base política em comum, pois enquanto os mencheviques legitimavam e posteriormente até comporiam o Governo Provisório, Trotsky e os bolcheviques questionavam o governo composto por liberais e o apoio socialista a esse governo. Em uma série de artigos⁶⁹ publicados nesse período, Trotsky aplica a Teoria da Revolução Permanente ao contexto político do momento e dessa forma, ataca qualquer posição de conciliação com os liberais e fortalecimento de uma “democracia burguesa”. Para Trotsky, a classe operária, ou seu partido, deveria tomar em suas mãos a liderança do governo e passar às tarefas propriamente socialistas da revolução. Mesmo o fim da “guerra imperialista” e a carestia de alimentos nas cidades só poderiam ser resolvidos pela liderança revolucionária do proletariado. Foi a partir dessa base política comum que Trotsky foi se aproximando do bolchevismo e de Lênin, até que em julho de 1917, após meses de colaboração, entrou formalmente para o Partido.⁷⁰

Logo que chegou a Petrogrado Trotsky foi convidado pelos bolcheviques para participar da executiva do Soviete, uma vez que foi seu líder nos idos de 1905. Admitido inicialmente como “membro associado”, portanto, sem direito a voto, posteriormente, na segunda metade do ano, foi eleito seu presidente e direcionou o órgão no caminho da insurreição. Como membro e posteriormente presidente do Soviete de Petrogrado, ganhou enorme popularidade, sobretudo entre os operários da capital e certos setores da marinha e do exército. Além de escritor, Trotsky era um agitador e orador incansável e isso o tornou um dos membros mais populares do Partido Bolchevique, apesar de só ter aderido a ele tardiamente. A partir de meados de 1917, enquanto Lênin atuava mais “por detrás das cortinas”, coordenando e tentando imprimir sua linha política ao Partido, Trotsky estabelecia a ligação deste com as massas.

Claro que essa popularidade não pode ser entendida de forma anacrônica a partir da amplitude que este conceito atinge nos dias de hoje. Trotsky era muito conhecido

⁶⁹ Esses artigos podem ser encontrados no sítio: <<http://www.marxists.org/>>.

⁷⁰ Trotsky se aproximou e aderiu formalmente aos bolcheviques juntamente os “*interdistritais*”. Esse grupo não constituía uma fração propriamente dita, mas apenas uma associação de líderes que estavam fora das frações e que no decorrer de 1917, percebendo pontos em comum fundamentais com os bolcheviques, pensaram que seria mais produtivo “fundir” as organizações.

entre os socialistas, jornalistas e políticos estrangeiros, isso em razão da quantidade e qualidade de sua produção político-literária. Tornou-se também popular, em relação aos outros líderes bolcheviques, entre o proletariado urbano e as guarnições da capital, especialmente a partir de 1917. Mesmo assim, os limites dessa “popularidade” possibilitavam alguns incidentes cômicos como o descrito por John Reed:

Um dia, quando chegava à porta exterior, vi Trotsky e sua mulher detidos por um soldado. Trotsky remexeu em todos os bolsos, mas não encontrou o cartão de ingresso.

- Não tem importância - disse, afinal, dirigindo-se ao soldado. - Você naturalmente me conhece. Sou Trotsky.

- Sem o cartão você não entra - respondeu-lhe o soldado. - Seu nome não me interessa.

- Mas, sou o Presidente do Soviete de Petrogrado.

- Se você de fato é pessoa tão importante - replicou o soldado - deve trazer consigo um papel qualquer, provando sua qualidade.⁷¹

A partir de setembro de 1917, na condição de Presidente do Soviete de Petrogrado, Trotsky trabalhou ativamente pela derrubada do Governo Provisório. Agora como um bolchevique, denunciava a fragilidade e impotência dos socialistas que a partir de maio passaram a compor o governo, e pregava em favor da transferência do poder para o Congresso dos Sovietes. Enquanto Lênin, impaciente, exortava a tomada do poder em nome do Partido, Trotsky preocupava-se em fazer com que a futura insurreição coincidisse com o Congresso do Soviete e dessa forma, não aparecesse como fruto de um “golpe unipartidário”.

O jovem que a partir de 1903 atacou Lênin nos termos mais duros, acusando-o de “*jacobinismo*” e “*substituísmo*”; que relutou em se aproximar dos bolcheviques pela rigidez que Lênin queria imprimir ao Partido; o homem que em 1917 disse que conduziria os trabalhos do Soviete no “espírito de legalidade e de plena liberdade para todos os partidos” e afirmou que “a mão do *Presidium* jamais se prestaria à supressão de minorias”; o Presidente que trabalhou para que a revolução fosse levada a cabo em nome de uma organização mais ampla, como o Congresso do Soviete; esse mesmo homem, uma vez alçado ao poder, tomou posições muitas vezes conflitantes com sua atuação política anterior. Tornou-se “o mais bolchevique entre os bolcheviques”, como disse Lênin em certa ocasião.

⁷¹ REED, John. **10 dias que abalaram o mundo**. L&PM Pocket. Porto Alegre. 2004. p. 90.

Procuramos até agora compreender os principais aspectos da formação cultural e política de Trotsky e sua trajetória como revolucionário, para entendermos sua contribuição na formação do Exército Vermelho. Do contrário, seu “pensamento militar” apareceria como algo incoerente e suas atividades à frente do Comissariado da Guerra, como meras improvisações em meio ao estampido da metralha. Aquele que leu este capítulo até agora e passar diretamente ao “*O Comissário da Guerra*”, terá a impressão de dois personagens diferentes, muitas vezes, inclusive antagonicos. Ariel e Calibã na alma do mesmo homem. Porém, o Trotsky que aparece como líder do Exército Vermelho é totalmente coerente com o político bolchevique que lutou intensamente pela centralização, pela unidade e em muitas ocasiões, pela supressão das oposições no seio do seu próprio Partido. São da natureza do poder essas metamorfoses? Frutos das contingências do meio? Ou produto da personalidade dos indivíduos? Possivelmente não responderemos satisfatoriamente esses questionamentos, porém, a reflexão é válida.

O Comissário

Claro que toda formação política e cultural de Trotsky teve imensa influência em seu trabalho militar, como mostramos no capítulo “*O Comissário da Guerra*”. Porém, sua atividade como dirigente do Exército Vermelho não é algo acabado, que pode ser compreendido apenas a partir de sua formação “passada” aplicada ao “presente”. O pensamento é algo em eterna mutação, colocado em movimento pela relação com o “exterior”, com as necessidades, com o pensamento alheio, assim, ele se reconstrói diariamente. Dessa forma, para compreendermos o que denominamos “pensamento militar” de Trotsky, precisamos olhar atentamente para os anos em que ele foi uma das figuras mais importante do governo soviético, quando, de certa forma, pareceu negar tudo que defendera até então.

Já nos primeiros dias do regime bolchevique, Trotsky ocupou algumas das principais posições e cargos no Partido e no governo. Eleito membro do Comitê Central, também foi escolhido para o Politburo, órgão executivo, teoricamente submetido ao Comitê Central e encarregado das decisões de caráter mais imediato, mas que na prática formulava a “alta política” e tomava as principais decisões. Nomeado Comissário das Relações Exteriores, foi o chefe da delegação russa que negociou a paz em Brest-Litovsky com Alemanha e Áustria-Hungria em 1918.

A despeito de toda uma historiografia que tende a opor Stalin à Trotsky, o primeiro como o homem do “*socialismo em um só país*”, o “*chauvinista da Mãe Rússia*” e o segundo como o *internacionalista*, o soldado da revolução mundial, até 1924 essa oposição estava longe de ser clara. De 1918 até a primeira metade da década de 1920 percebemos em Trotsky a constante tensão entre o “estadista” e o “revolucionário”, o agitador da “revolução mundial” e o homem de Estado preocupado com a manutenção e a segurança do regime instituído pela Revolução de Outubro.

Durante as negociações de Brest-Litovsky essa tensão ficou bastante evidente, pois ao mesmo tempo em que Trotsky relutava em aceitar acordos em separado com o “imperialismo germânico”, uma vez que isso poderia fortalecer o governo daquele país e favorecer a repressão ao proletariado alemão, ou seja, ser interpretado como uma traição à revolução alemã; por outro lado, Trotsky sabia do estado deplorável do exército russo e que só seria possível levar a guerra adiante sob grandes riscos para o governo soviético. Essa tensão resultou em sua famosa e original fórmula “*nem paz, nem guerra*”, ou seja, não assinou a paz com os alemães, mas retiraria a Rússia da guerra e desmobilizaria seu exército. Nessa ocasião, o mesmo Comissário dos Negócios Exteriores que entabulava negociações com a alta diplomacia alemã, também era o que pregava aos soldados germânicos para que se sublevassem contra seu governo. Em 1922, o homem que esperava com ansiedade a revolução estourar na Europa, era o mesmo que buscava estabelecer relações diplomáticas com Inglaterra, França e que ajudou a costurar o “*Tratado de Rapallo*”,⁷² possibilitando assim, transferência de tecnologia e treinamento militar do “imperialismo alemão” para o Exército Vermelho.

Antes mesmo da Guerra Civil e da intervenção estrangeira, Trotsky tornou-se um confiável aliado de Lênin na consolidação de um governo quase que exclusivamente bolchevique. Enquanto outros líderes, como por exemplo, Kamenev e Zinoviev, queriam um governo de composição com os mencheviques e outros socialistas, nas atas das reuniões do Comitê Central desse período encontramos a “assinatura” de Trotsky nas principais resoluções condenando um pretense governo de coalizão:

⁷² O Tratado de Rapallo foi firmado entre a Rússia soviética e a Alemanha em abril de 1922 e além de favorecer o comércio entre os dois países, possibilitou uma forte cooperação militar.

O camarada Trotsky estima que o informe não esclareceu mais que uma só questão: como querem agora os partidos que não tomaram arte na insurreição arrebataram o poder dos que acabam de derrotá-los? A insurreição terá sido em vão se não obtermos uma maioria.⁷³

Trotsky apoiou a proibição da imprensa “contra-revolucionária” e trabalhou ativamente para a centralização do poder nas mãos do Partido Bolchevique. Em 1918 foi nomeado Comissário da Guerra, com a função de forjar um novo exército para a defesa da jovem república socialista. Como principal dirigente do Exército Vermelho, viajou de um *front* ao outro em seu famoso “trem blindado” levando a política centralizadora da “linha oficial” do Partido às forças militares. Porém, esse trabalho à frente do exército abordamos em um capítulo específico, assim, agora vamos traçar um perfil de Trotsky enquanto homem de governo, com poderes para influenciar os caminhos da revolução e do país dos soviets.

Antes disso, porém, são necessárias algumas considerações contextuais para que esse “pensamento político” de Trotsky não apareça como mera formulação teórica desvinculada da realidade. Nesse sentido, é preciso salientar que até 1920, mais ou menos, os bolcheviques enfrentaram uma sangrenta Guerra Civil,⁷⁴ onde os exércitos brancos⁷⁵ e forças estrangeiras colocaram o regime recém instaurado sob risco constante. Com a vitória vermelha as dificuldades não desapareceram, uma vez que a indústria estava em ruínas, a classe que os bolcheviques buscavam representar praticamente desaparecera nas trincheiras da Guerra Civil ou nas repartições da administração estatal e tanto os partidos socialistas contrários ao governo, quanto os remanescentes liberais e monarquistas, ameaçavam o questionado e ainda frágil regime.

Os bolcheviques, portanto, buscavam construir a ditadura do proletariado em uma nação rural, pregavam a revolução socialista mundial, cercados por uma Europa burguesa e hostil, propunham medidas econômicas e sociais que levaram até mesmo os partidos do campo socialista à oposição. Não queremos com isso justificar ou legitimar a política do Partido ou de Trotsky e nem tampouco insinuar que elas constituíam o

⁷³ PARTIDO OBRERO SOCIAL DEMOCRATA RUSO. **Los bolcheviques y la revolucion de octubre**. Actas del Comitê Central del Partido Obrero Social Democrata Ruso (Bolchevique). Agosto de 1917 a febrero de 1918. Cuadernos de Pasado y Presente. Córdoba. 1972. p. 135.

⁷⁴ Na historiografia soviética o fim da Guerra Civil é datado em outubro de 1922, quando o Exército Vermelho ocupou Vladivostok. Porém, o último enclave das forças brancas só foi batido em junho de 1923. Apesar disso, em 1921 a vitória dos bolcheviques já parecia certa.

⁷⁵ O termo “exército branco” faz referência aos vários grupos armados internos, que não constituíam propriamente uma unidade, mas que bateram para derrubar o governo instaurado pela Revolução de Outubro. Essas forças eram comandadas por oficiais ligados ao antigo exercito czarista.

único caminho possível, mas sim, tão somente mostrar que buscavam responder pressões concretas e estavam, em certa medida, limitadas por todo um contexto econômico, social e cultural.

“*Terrorismo e Comunismo*” é um trabalho que reflete bem a posição de Trotsky perante o chamado *Comunismo de Guerra*, ou seja, a política bolchevique para os anos da Guerra Civil. Essa obra situa-se em um período de transição, pois parte dela foi escrita em 1919, quando a Guerra Civil ainda não estava definida e parte em 1920, quando a vitória dos *vermelhos* já parecia assegurada. Esse livro é uma espécie de defesa que Trotsky faz da política governamental perante a oposição socialista interna (mencheviques e social-revolucionários) e externa. Não apenas uma defesa, em “*Terrorismo e Comunismo*” Trotsky coloca também suas principais idéias para a construção do socialismo mesmo finda a Guerra Civil e tal é a dureza de seus argumentos, que sofreu oposição inclusive dentro do Partido. Um historiador como Isaac Deutscher lembraria que “*uma década depois Stalin (...) adotaria as idéias de Trotsky, mudando-lhes apenas o nome. Não houve praticamente nenhum aspecto do programa sugerido por Trotsky em 1920-1921 que Stalin não tenha usado (...)*”⁷⁶ posteriormente.

Em linhas gerais o *Comunismo de Guerra* proibiu o comércio privado aos camponeses e estabeleceu a “requisição forçada” de gêneros agrícolas pelo Estado; estatizou empresas privadas, colocando a economia a serviço da guerra; depreciou a moeda, “estimulando” o pagamento em gênero. Apesar de ser uma resposta às necessidades imediatas, certos aspectos dessa política, como a abolição da moeda e o monopólio do comércio, por exemplo, eram felicitados como passos em direção ao socialismo. Nesse contexto, Trotsky justificou a censura da imprensa e o uso do “*terror vermelho*”, falou contra a “democracia burguesa”, aplicou o jargão militar à economia e defendeu a “militarização do trabalho”, levando ao extremo a máxima “*quem deseja o fim não pode condenar os meios*”.⁷⁷ Defendeu inclusive a submissão dos sindicatos ao Estado, política essa que foi criticada inclusive por Lênin.

Trotsky justifica o terrorismo como uma necessidade do proletariado para se manter no poder, posto que em momentos extremos, o encarceramento pouco ou nenhum efeito produziria em inimigos que pretendem tomá-lo ou retomá-lo. Dessa

⁷⁶ DEUTSCHER, Isaac. p. 612.

⁷⁷ TROTSKY, Leon. **Terrorismo e Comunismo - o anti Kautsky**. Editora Saga. Rio de Janeiro. 1969. p. 23.

forma, o *terror vermelho* precisaria “matar alguns para aterrorizar milhares”. Nesse sentido, Trotsky coloca o terror como não sendo “bom” e nem “ruim” em si mesmo, uma vez que pode assumir um caráter odioso quando empregado contra as “classes revolucionárias”, ou progressista, quando ao serviço da revolução e das “leis do desenvolvimento histórico”.

Não o compreendeis filisteus? Pois vamos explicá-lo. O terror do czarismo era dirigido contra o proletariado. A política czarista estrangulava os trabalhadores que lutavam pelo regime socialista. Nossas Comissões Extraordinárias fuzilam os grandes proprietários, os capitalistas, os generais que tentam restabelecer o regime capitalista. Percebeis esta... nuança? Sim? Para nós, comunistas, ela é mais do que suficiente.⁷⁸

Trotsky argumentou no mesmo sentido em relação às críticas feitas em razão do “controle” da imprensa. Uma república “sitiada” e em meio à Guerra Civil, não poderia tolerar uma imprensa que abertamente pregasse a derrubada do regime, pois isso equivaleria ao “suicídio”. O proletariado teria não apenas o direito, mas o dever de calar a contra-revolução e para isso, empregando os meios mais duros, quando necessários. Assim, a liberdade de imprensa para Trotsky não deveria nunca ser entendida fora do contexto da luta de classes. Se parecia razoável para muitos a proibição de publicações que pregavam abertamente contra o regime, sobretudo em tempos de guerra, muitos socialistas europeus não viram com bons olhos a repressão aos mencheviques e social-revolucionários. Respondendo às críticas de Karl Kautsky,⁷⁹ Trotsky argumentava:

Os mencheviques e socialistas revolucionários não passam para ele de tendências políticas, quando a verdade é que durante a revolução se tornaram organizações em estreito contato com os contra-revolucionários, movendo-nos uma guerra declarada.⁸⁰

Os argumentos de Trotsky e da “linha oficial” bolchevique para o *terror vermelho* parecem bastante racionais e justificados em uma Guerra Civil e quando aplicados a inimigos declarados, pois é simplesmente uma questão de matar ou morrer. O problema é que muitas vezes a linha divisória que separa o “inimigo” do “não

⁷⁸ IDEM. p. 60.

⁷⁹ Karl Kautsky foi um importante político e teórico socialista. Nascido em Praga no ano de 1854, aderiu ao Partido Social Democrata austríaco e influenciou inclusive muitos revolucionários russos. Trotsky mesmo parece ter grande admiração por esse teórico, ao menos antes da Revolução de Outubro.

⁸⁰ TROTSKY, Leon. **Terrorismo e Comunismo - o anti Kautsky**. p. 63

inimigo” é bastante tênue e qualquer divergência da “linha oficial” ou do “grupo dominante”, pode ser empurrada arbitrariamente para o campo da “contra-revolução”. Quando isso acontece, “a revolução passa a devorar seus próprios filhos”. Trotsky, ao buscar com tanta frequência os precedentes da Revolução Francesa, certamente tinha essa preocupação, porém, talvez só tenha se dado conta da amplitude dos perigos desse “terrorismo” apenas tarde demais, quando ele mesmo foi sua vítima.

Trotsky não foi uma exceção entre os bolcheviques quanto à dureza no trato das oposições, ao contrário. Lênin, Stalin e tantos outros líderes e militantes procuraram o que talvez fosse o único meio para se manterem no poder. Porém, ao contrário de outras lideranças, Trotsky nunca se preocupou em amenizar ou disfarçar o que pensava e ao expor suas idéias de forma tão crua, sincera, atraia para si boa parte do ódio e rejeição às políticas do regime. Se ao defender a repressão aos partidos e grupos abertamente hostis ganhou a ira dos inimigos, sua política econômica, fundamentada de certa forma na “repressão” e controle da própria classe que teoricamente deveria estar no poder, atraiu para sua figura uma antipatia e hostilidade no seio do seu próprio Partido.

Partindo do pressuposto de que o homem, via de regra, “*é um animal preguiçoso*”⁸¹ e sempre que possível “*procurará livrar-se do trabalho*”,⁸² Trotsky argumenta que mesmo uma “nova sociedade” não pode prescindir do “*instrumento de coação em todas as formas, das mais suaves às mais rudes*”,⁸³ em sua organização do trabalho. Para ele a coação e a coerção assumem um caráter progressista quando empregadas em proveito da própria classe operária. Trotsky chegou a argumentar que no máximo, podiam acusá-lo de pedir que o proletariado se auto-explorasse em benefício próprio. É com base nesses argumentos que defendeu o “trabalho obrigatório” e a “militarização do trabalho”, que ao que parece, não seriam medidas destinadas apenas ao período de guerra, mas sim algo necessário à própria construção do socialismo, uma vez que “*sem as formas de coerção governamental que constituem o fundamento da militarização do trabalho, a substituição da economia capitalista pela economia socialista só seria uma palavra sem sentido*”.⁸⁴

Se ao longo de todo este trabalho buscamos a influência do “pensamento político” de Trotsky em seu trabalho militar, aqui podemos perceber uma relação inversa, uma vez que parece fortemente influenciado por seu trabalho como Comissário

⁸¹ IDEM. p. 138.

⁸² IDEM.

⁸³ IDEM.

⁸⁴ IDEM. p. 146.

da Guerra e transporta todo um jargão e métodos militares de organização para a esfera econômica. Trotsky defendeu e implantou a disciplina, o rigor e a obediência, típicas do militarismo, à organização dos operários na economia, inclusive, utilizou os órgãos de recrutamento do exército para mobilizar e organizar a força de trabalho. Um desdobramento dessa sua política foi a defesa que fez da submissão dos sindicatos ao Estado.

O cerne de sua argumentação para criticar a liberdade e autonomia dos sindicatos era o de que não havia sentido em os trabalhadores se organizarem e lutarem contra seu próprio Estado e dessa forma, a função dos sindicatos deveria ser a de contribuir com o governo, ajudando na organização dos trabalhadores e no aumento da produtividade. Em um “Estado socialista em formação”, de acordo com Trotsky, os sindicatos deveriam “*não lutar pelo melhoramento das condições de trabalho - (...) mas para organizar a classe operária para a produção, para educá-la, discipliná-la, distribuí-la, agrupa-la (...)*”.⁸⁵

Se por um lado a militarização do trabalho foi promovida não sem críticas, por outro, o Partido rejeitou enfaticamente a política de Trotsky para os sindicatos. Percebemos nesse período como Trotsky incorreu no “*substituísmo*”, que ele mesmo tanto havia criticado em Lênin em épocas passadas. Ao argumentar que os sindicatos não poderiam representar os operários contra seu próprio Estado e que ao promover a obrigatoriedade e a militarização do trabalho, no máximo, estava propondo aos trabalhadores que se auto-explorassem, Trotsky substituiu a classe pelo Partido e isso, de certa forma, foi um importante aspecto que caracterizaria posteriormente a política *stalinista*.

Mal terminou a Guerra Civil e a Rússia soviética já se viu envolvida em um novo conflito. No começo de 1920 a Polônia invadiu a Ucrânia, então território soviético e dessa forma, os bolcheviques mais uma vez tiveram que voltar sua economia para a guerra. Entretanto, em poucas semanas os poloneses batiam em retirada e o Exército Vermelho avançava vigorosamente em direção ao leste. Porém, o avanço foi perdendo o ímpeto, encontrando resistência, até que em outubro de 1921, diante da impossibilidade de continuar “até Varsóvia” e frente à ameaça de remanescentes dos exércitos brancos na retaguarda, os soviéticos assinaram um tratado de paz com a Polônia.

⁸⁵ IDEM. p. 148.

Mesmo com o término da guerra polonesa e a virtual vitória vermelha na Guerra Civil, Trotsky continuou defendendo o monopólio bolchevique do poder. Argumentando que a revolução continuava ameaçada pela hostilidade internacional das “nações imperialistas”, ressaltou os perigos da “democracia socialista”, que poderia enfraquecer o governo e colocar sob ameaça as conquistas da revolução. Quando surgiu a *Oposição dos Trabalhadores* em 1921, um grupo de bolcheviques descontentes com os rumos da política econômica, com a burocracia e o autoritarismo no Partido, Trotsky novamente se colocou a favor da “unidade partidária”, condenando a oposição, empregando toda sua eloquência para colocar como ilegal inclusive os “agrupamentos internos”. Se num primeiro momento defendeu ardentemente o unipartidarismo, posteriormente empregou toda sua força também para supressão da oposição interna, para tornar ilegal qualquer organização de qualquer grupo que se contrapunha ao grupo majoritário do Politburo. Dessa forma Trotsky, que já havia substituído a classe pelo Partido, agora substituíva o Partido por sua “linha oficial”. Acabaria sendo devorado pela “criatura” que ele mesmo ajudou a forjar.

Em 1921, sob a liderança de Lênin e com o objetivo principal de resolver o problema de abastecimento das cidades e os conflitos no campo, foi instituída a NEP (Nova Política Econômica). “*Sua finalidade imediata era induzir os camponeses a vender alimento e os comerciantes particulares a trazerem o alimento do interior para a cidade, do produtor para o consumidor*”.⁸⁶ A NEP na prática sepultava o Comunismo de Guerra e ao devolver a liberdade de comércio aos camponeses, estimulava-os ao aumento da produção e a colocarem suas colheitas no mercado. O reaparecimento do comércio privado trouxe também uma nova classe média, os pejorativamente denominados “*homens da NEP*”, que enriqueciam sob as vistas dos miseráveis que teoricamente eram a classe dominante do novo regime, ou seja, o proletariado. Junto com os homens da NEP surgiu no seio do Partido Bolchevique a *Oposição dos Trabalhadores*, que citamos anteriormente e que criticou a NEP como sendo a política do “Novo Proletariado Explorado”.

Apesar apoiar a Nova Política Econômica, Trotsky desde o início bateu-se com Lênin e com parte da liderança do Partido para que o governo estabelecesse um plano geral para a indústria. Ao contrário do estado de espírito majoritário na liderança do

⁸⁶ DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky. O profeta desarmado. 1921/1929.** Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2005. p.29.

Partido, sustentava que com a NEP a necessidade de planificação e centralização se tornava ainda mais premente. Novamente clamou pela centralização, por planificação. Foi em meio a essa crise que começou a expor e defender a idéia da “*Acumulação Socialista Primitiva*”. A teoria marxista pressupunha que o socialismo seria construído tendo por base a moderna indústria capitalista, o que não aconteceu no caso russo. Assim, analogamente à história capitalista, o socialismo na Rússia teria sua própria fase de acumulação primitiva de capital, uma vez que a indústria ainda não podia manter-se por si mesma. Nesse sentido, Trotsky argumentou que tal acumulação deveria ser dada a expensas dos trabalhadores. A classe operária só poderia construir o socialismo “*através dos maiores sacrifícios, pelo exercício de toda sua força e dando seu sangue e seus nervos*”.⁸⁷ Mais uma vez convidava a classe operária, aquela que teoricamente estava no poder, a novos sacrifícios “por seu próprio Estado”.

Epílogo

A partir de 1923, o centralizador, o disciplinador, passou a se indispor cada vez mais com a “linha oficial” Bolchevique. Gradativamente, Trotsky foi se tornando mais crítico em relação ao autoritarismo interno no Partido e ao burocratismo do Estado. Não fica muito claro exatamente quando e nem como se deu essa transformação do ferrenho disciplinador em libertário, aliás, talvez nem seja essa a melhor forma de colocar a questão. Provavelmente esses dois aspectos estavam presentes em sua concepção de socialismo, sendo que em determinado momento, um sobressaiu-se ao outro, mas nunca o anulando completamente. O revolucionário libertário estava presente no Comissário implacável, centralizador, e vice-versa. Foi com certa ironia que o Partido ouviu Trotsky clamar por democracia. Queria liberdade apenas porque agora estava ele na oposição? Ou percebeu o perigoso caminho que a revolução estava trilhando?

O fato é que após 1923, com o agravamento da doença de Lênin e a perspectiva de sua morte, sob o Comissário da Guerra pesou a desconfiança do *bonapartismo*. Os bolcheviques sempre buscavam analogias e precedentes na Revolução Francesa de 1789 e dessa forma, o espectro de um “novo Bonaparte” obumbrava suas mentes. O medo de que Trotsky substituísse Lênin, que fizesse uso do exército, mesmo que nunca tenha feito a menor menção nesse sentido, provavelmente causou temor nos outros líderes.

⁸⁷ Em: DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky: o profeta desarmado**. p. 72

Aliado a isso, seu “bolchevismo tardio” fazia com que muitos camaradas não o percebessem como um par e sim como o “eterno menchevique”, o inimigo do *leninismo*. Nesse sentido, cabe muito bem o conceito de “*capital político*” trabalhado por Pierre Bourdieu, pois ao não ser completamente percebido como um par entre boa parte da velha guarda bolchevique, o restrito “*crédito firmado na crença e no reconhecimento*”,⁸⁸ que Trotsky “recebeu” quando entrou para o Partido, foi tornando-se cada vez mais escasso. Num primeiro momento, quando impôs sua política militar centralizadora e agora, à medida que enfrentava os antigos camaradas de Lênin.

No destino político de Trotsky tem lugar também sua “indisposição crônica” para “fazer política” em um sentido mais estreito do termo e sua falta de tato no trato com seus camaradas. Pouco se preocupava em preservar “*este capital supremamente lábil- que - só pode ser conservado mediante o trabalho constante que é necessário não só para acumular crédito como também para evitar descrédito*”.⁸⁹ O retrato que Baruch Knei-Paz esboça de Trotsky é compartilhado por muitos de seus biógrafos e contemporâneos:

Trotsky era cronicamente incapaz de estar de acordo com os outros: arrogante, agressivo, seguro de si, ferozmente polêmico, chegava a insultar áspera e impiedosamente os próprios colegas quando era tomado pelo impulso ou irritado pela companhia. Com a singular exceção de Lênin, pode-se dizer que não considerava ninguém a sua altura, nem no plano intelectual, nem no plano do zelo e das qualidades revolucionárias.⁹⁰

Em que pese todas essas variantes, e certamente elas têm seu papel, seria reducionismo não ter na devida conta as diferenças políticas entre Trotsky e a “linha oficial” do Partido, que foram se aprofundando cada vez mais até sua expulsão do território soviético. Sobretudo após 1922, a quase obsessão de Trotsky por planificação e centralização no contexto da NEP e seu arraigado internacionalismo, contrastavam fortemente com o cansaço das massas e do Partido e com o fardo do nacionalismo russo.

Trotsky foi gradativamente perdendo espaço no governo e no Partido, seus aliados políticos foram sendo deslocados para postos de menor influência e as ofensas mútuas trocadas com Lênin anos atrás reapareceram sob nova luz. Percebendo a

⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomáz. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1989. p. 187.

⁸⁹ IDEM. p. 188-189.

⁹⁰ HOBSBAWM, Eric. p. 163.

impotência de travar luta no Politburo, tomou parte na *Oposição de Esquerda* de 1923 e nas subsequentes. Foi acusado de *fracionalismo*, de atentar contra a unidade do Partido, comportamentos esses que ele mesmo condenava meses atrás. Principal dirigente do Exército Vermelho, ele passou parte de 1923 e o ano seguinte dedicado à luta partidária e aos longos períodos de convalescença exigidos pela constante estafa nervosa. Com a morte de Lênin em 1924, a posição de Trotsky se enfraqueceu ainda mais. Zinoviev, Kamenev e Stalin formaram uma *troika* no Politburo, limitando ainda mais suas ações. Se na condição de “homem político” já era extremamente “*vulnerável às suspeitas, às calúnias, ao escândalo*”,⁹¹ como antigo e renhido adversário de Lênin, logo vieram “*à luz do dia os actos e os ditos secretos, escondidos, do presente e do passado*”,⁹² pairando sobre sua frente tal qual uma guilhotina. No início de 1925, Trotsky foi substituído por Mikhail Frunze como Comissariado da Guerra. Era o início da “queda”.

⁹¹ BOURDIEU. Pierre. p. 188-189.

⁹² IDEM.

Trotsky e a História

“Na verdade, os fatos são obstinados: eles não desaparecem quando os historiadores ou os sociólogos se recusam a tomar conhecimento deles, embora o possam fazer quando todos os esquecerem.”

Hanna Arendt

O objetivo do presente capítulo não é fazer um levantamento bibliográfico completo ou exaustivo sobre o tratamento dispensado a Trotsky pela historiografia, não que isso não seja importante. Nosso intuito, entretanto, é apenas estabelecer o diálogo com alguns estudos que abordaram, de uma maneira ou outra, o papel de Trotsky na Guerra Civil e na fundação do Exército Vermelho. Esses trabalhos foram escolhidos ou por sua qualidade individual, ou por representarem certa matriz de pensamento, ou mesmo por constituírem eles mesmos uma matriz interpretativa.

Para tanto, selecionamos basicamente duas categorias de trabalhos: biografias de Trotsky e obras dedicadas, ou que tratam, do período de formação do Exército Vermelho. Na primeira categoria escolhemos apenas uns poucos trabalhos, uma vez que eles são os mais completos e acabaram subsidiando a maioria das “*sub-biografias*”,⁹³ que não trazem nenhuma referência nova quanto à questão documental e nem em relação à abordagem. No que diz respeito ao segundo grupo, foram escolhidos alguns livros representantes da historiografia oficial soviética, pesquisas mais recentes dedicadas ao Exército Vermelho e alguns trabalhos que julgamos importantes pela qualidade ou pela divulgação que obtiveram.

A historiografia soviética

Em um artigo publicado no *Pravda* em março de 1923, o bolchevique Karl Radek comentava sobre a importância de Trotsky para a formação e vitória do Exército Vermelho:

Trotsky trabalhou com todo partido na obra de formação do Exército Vermelho. Não poderia realizar esta tarefa sem o partido. Mas sem ele, a criação do Exército Vermelho e suas vitórias haveriam exigido maiores sacrifícios ainda. Nosso partido passará para a história como

⁹³ O termo empregado não é pejorativo, apenas designa obras mais resumidas, dedicadas a um público mais amplo ou leigo em relação ao assunto.

o primeiro partido proletário que conseguiu criar um grande exército e esta página brilhante da revolução russa permanecerá ligada sempre ao nome de Lev Davidovich Trotsky, o nome de um homem cuja obra e sua realização reclamarão não somente o amor mas o estudo científico de parte da nova geração de trabalhadores que se prepara para a conquista do mundo inteiro.⁹⁴

Foi praticamente consenso na Rússia da época a importância de Trotsky não apenas na formação do Exército Vermelho, mas também do próprio governo soviético. Victor Serge, um bolchevique contemporâneo de Trotsky, na década de 1940 relembra os esforços deste na organização do Exército Vermelho.⁹⁵ Inclusive, como mostramos nesse capítulo, os trabalhos historiográficos mais recentes colocam Trotsky como um dos, senão o, principais organizadores do exército dos soviéticos. Mesmo se não tivéssemos nenhum testemunho da época, o que não é o caso, a própria natureza dos cargos ocupados por Trotsky já nos diriam algo. Ele foi comissário do exército no período da Guerra Civil, quando boa parte dos recursos da república era drenada para o Exército Vermelho. Foi membro do *Politburo* e do Comitê Central desde a formação do governo, ou seja, simplesmente ocupou os cargos mais altos no novo regime.

Porém, conforme seu poder político foi decaindo no governo, o mesmo aconteceu com sua posição na “historia oficial” do Partido. A historiografia soviética, sobretudo no período no qual Stalin esteve à frente do governo, ficou amplamente reconhecida por suas falsificações grosseiras. Os historiadores do Partido não apenas deram maior ou menor enfoque em determinados líderes, como também adulteraram fotografias e suprimiram vários desastres da “história oficial” da nação. Gradativamente Trotsky perdeu espaço, suas contribuições foram sumindo das publicações oficiais, suas obras não sendo mais publicadas, foi levantada uma nuvem de esquecimento sobre esse que, de certa forma, passou a ser uma das figuras mais odiadas da União Soviética.

Apresentamos a seguir algumas fotografias, bastante conhecidas, onde Trotsky foi fotografado ao lado de Lênin, como um dos principais líderes do exército e do governo, e posteriormente as fotografias foram adulteradas e Trotsky literalmente apagado das mesmas. Cabe lembrar que esse procedimento foi feito com vários líderes do Partido, que conforme iam perdendo as graças no governo, eram acometidos pela mesma “sorte” nos livros e fotografias oficiais.

⁹⁴ <http://www.marxists.org/espanol/radek/1923/marzo14.htm>.

⁹⁵ SERGE, Victor. **Trotsky: vida e morte**. Editora Ensaio. Tradução de Rúbia Prates. São Paulo. 1992. p. 96.



Nessa foto vemos Trotsky ao lado de Lênin, provavelmente em uma parada militar.



Na foto adulterada não vemos mais o Comissário da Guerra.



Trotsky, encostado no palanque onde Lênin discursava.



A foto após as "correções". O Comissário sumiu.

Vamos apresentar essa matriz historiográfica não para refutá-la, uma vez que isso já foi feito há muito tempo e hoje ela não desfruta de nenhum crédito perante a comunidade acadêmica. Abordaremos a historiografia soviética apenas para enfatizar como Trotsky foi tratado como um verdadeiro *pária* por seus inimigos políticos e para ressaltar a importância de alguns autores que estiveram contra essa corrente mesmo em uma época na qual a União Soviética desfrutava de grande prestígio no comunismo internacional. Além disso, uma discussão historiográfica ficaria incompleta se ao menos não apresentássemos essa curiosa obra de supressão realizada pelos historiadores oficiais soviéticos.

A “*História do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S*”, redigida pela **Comissão do Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética**, foi aprovada pelo Comitê Central em 1938. A referida obra foi escrita em um período em que os últimos resquícios de oposição organizada à “linha oficial” do Partido estavam sendo suprimidos. Trotsky estava exilado no México. Companheiros de Lênin desde os tempos pré-revolucionários haviam sido ou estavam em vias de serem fuzilados sob a acusação de contra-revolucionários. Kamenev e Zinoviev foram executados em 1936, Bukharin, juntamente com outros tantos, enfrentou o pelotão de fuzilamento em 1938. Mais que a própria história que pretendia contar, o livro é um retrato fiel da coalizão de forças vigente na União Soviética de então.

O leitor dessa publicação oficial logo percebe como o culto ao líder havia se instalado na historiografia soviética. Lênin, de um revolucionário cheio de erros e acertos, foi praticamente sacralizado, transmutado em uma espécie de santo infalível. Stalin aparece como sucessor natural de Lênin, sendo protagonista em episódios nos quais, de acordo com a documentação disponível, quando muito exerceu uma liderança coletiva. Ao papel protagonista de Stalin e ao *pária* Trotsky, nas páginas da história oficial, se contrapõem relatos da época. O jornalista americano John Reed, em seu “*10 dias que abalaram o mundo*”, comentando os dias da insurreição de outubro, praticamente desconhece o papel de Stalin. A todo o momento coloca Lênin e Trotsky no mesmo patamar de importância. Comentando o discurso de Kamenev sobre a formação do novo governo, Reed observava: “*O silêncio continuou. Mas, quando Camenev começou a ler a lista de comissários, os aplausos estouraram depois de cada nome, principalmente depois dos de Lênin e de Trotsky*”.⁹⁶

⁹⁶ REED, John, p. 190.

Não que esse jornalista seja uma fonte livre de suspeitas, longe disso. Mas em relação ao papel dos líderes na insurreição, não há motivos para supor que Reed conheceu e omitiu um “protagonismo” de Stalin, pois naqueles dias ele pouco sabia e nem poderia saber das desavenças entre os dois líderes, mesmo porque elas eram bastante incipientes ainda. As atas das reuniões do Comitê Central do Partido Bolchevique também sustentam a interpretação de que Stalin estava longe de ser o “segundo no comando”. Cabe ressaltar que o livro de Reed é prefaciado por Lênin, que o “*recomenda sem reservas*”. Dessa forma, podemos concluir que mesmo Lênin, que a historiografia soviética dos tempos de Stalin costumava colocar como praticamente um antagonista de Trotsky, reconheceu o papel deste naqueles idos.

Não queremos também negar a importância de Stalin no Partido, na insurreição e na Guerra Civil, pois as fontes também desmentem as tentativas de Trotsky de colocar seu rival como mero desconhecido no período. O que pretendemos é mostrar que Trotsky era uma figura bem mais popular para as massas que Stalin, e isso parece indiscutível, e que teve um papel central na insurreição e nos primeiros anos do governo revolucionário, ao contrário do que pretende demonstrar a história oficial soviética.

Voltando ao “*História do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S*”, nele os dilemas, conflitos e debates são totalmente deslocados de seu contexto, sendo julgados de acordo com uma única medida: o Lênin sacralizado. Todas as discordâncias em relação a Lênin são colocadas como ações conspirativas, desvios pequeno-burgueses, sabotagem ao governo operário, enfim, descartadas como verdadeiras heresias. A trajetória política de Stalin é reconstruída para colocá-lo como discípulo fiel de Lênin. De Trotsky, Kamenev, Zinoviev, Bukharin e outros, são selecionadas e enfatizadas suas desavenças com o líder morto. Em relação à construção do Exército Vermelho e à Guerra Civil, o livro nega toda a importância de Trotsky, colocando-o ou como uma figura irrelevante, como irresponsável ou sabotador. Falando sobre o VIII Congresso do Partido, que adotou as teses de Trotsky sobre a política militar para a criação do exército, os “autores anônimos”⁹⁷ do compendio oficial relatam:

A maioria dos delegados militares estava acentuadamente contra Trotsky, contra sua admiração pelos técnicos militares procedentes do velho exército czarista, uma parte dos quais traiu abertamente o Poder Soviético na guerra civil, contra a atitude arrogante e hostil de

⁹⁷ O referido livro não tem o nome de um autor ou autores específicos, sendo sua autoria atribuída à COMISSÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C (b) DA U.R.S.S.

Trotsky para com os velhos quadros bolcheviques dentro do exército. No Congresso se aduziram exemplos da “forma prática” como Trotsky tentara fuzilar toda uma série de comunistas que ocupavam postos responsáveis na frente e que não lhe agradavam, fazendo com isso o jogo do inimigo, e como, só graças a intervenção do Comitê Central e aos protestos dos militantes ativos da frente, se conseguira evitar a morte desses camaradas.⁹⁸

Apesar de haver uma parte de verdade no que se refere a certa inabilidade e brutalidade de Trotsky em lidar com seus desafetos políticos, o trecho distorce bastante seu papel à frente do Exército Vermelho, conforme veremos mais a frente. Ao longo dos capítulos destinados ao período da Guerra Civil e da construção do Exército Vermelho, qualquer evento que resultou em derrota aparece ligado ao nome de Trotsky e o contrário, quando das vitórias, simplesmente não é nomeado líder algum ou é apresentada a direção onipresente de Lênin.

Sobre a batalha por Petrogrado durante a Guerra Civil, por exemplo, o livro não menciona que Lênin defendeu que se abandonasse a capital e tal não aconteceu em boa medida pela insistência de Trotsky, que correu para a cidade, organizou as defesas e comandou a expulsão dos inimigos. Nesse episódio o livro ressalta o “*heróico proletariado da capital - que - formou com seu peito uma muralha para defender a primeira cidade da revolução*”.⁹⁹ Nada mais correto que render homenagem às massas que realmente se bateram e morreram pela defesa da cidade, porém, o mesmo não acontece quando é o “camarada Stalin” que está no comando. Ao final do capítulo sobre a Guerra Civil, são colocados os motivos da vitória vermelha. Em destaque está a importância de uma infinidade de líderes, coincidentemente todos partidários de Stalin, que encabeça a lista com Lênin. Trotsky sequer é citado.

Acusado de complot contra-revolucionário, de sabotador e agente do imperialismo, ao leitor de “*História do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S*” fica uma questão: Como o Exército Vermelho saiu vitorioso da Guerra Civil mesmo mantendo durante sete anos como seu principal dirigente um sabotador contra-revolucionário? Aliás, parece mesmo um milagre a sobrevivência do governo bolchevique tendo como principais líderes agentes do imperialismo estrangeiro e sabotadores do poder soviético.

⁹⁸ COMISSÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C (b) DA U.R.S.S. **História do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S.** Editorial Vitória. Rio de Janeiro. 1945. p. 327.

⁹⁹ IDEM. p. 333.

Pós Stalin

Com a morte de Stalin em 1953 e as denúncias sobre os expurgos, processos fraudulentos, culto à personalidade e assassinatos da “*Era Stalin*”, feitas por Nikita Krushev no XX Congresso do PCUS¹⁰⁰ em 1956, o chamado processo de “*desestalinização*” chegou também à historiografia soviética. Para tratar do tema selecionamos três livros representativos do período, que refletem nitidamente tais mudanças. Essas obras foram escolhidas menos por suas qualidades historiográficas e mais por serem editadas de acordo com a “linha oficial” do PCUS e serem representativas da historiografia soviética pós Stalin. Antes, porém, vale a pena citar um trecho do *Posfácio* à edição soviética de 1957 do livro de John Reed. O autor do *posfácio* comenta a importância da obra de Reed, mas justifica o papel central atribuído a Trotsky na insurreição pelo jornalista norte-americano:

Em virtude das condições em que John Reed teve que trabalhar para recolher e interpretar documentos destinados ao seu livro, não pôde ele estudar de forma suficientemente concreta e verídica a atividade dos centros bolcheviques do Partido durante a preparação da insurreição e durante a própria insurreição, pois essa atividade do Partido Bolchevique e de Lênin, até a vitória da insurreição, foi clandestina. Essa a razão pela qual é natural que a luta encarniçada travada por Lênin e seus companheiros contra os capitulacionistas e contra a linha tática de Trotsky não se reflita suficientemente no livro de Reed, e essa a razão por que ele não pode discernir as contradições que se manifestavam nas intervenções de Trotsky nos primeiros dias da Revolução de Outubro.¹⁰¹

O trecho mostra claramente como a historiografia do período *pós Stalin*, apesar da “reabilitação” de vários bolcheviques condenados como espiões ou “inimigos do povo”, ainda resistia em fazer o mesmo em relação a Trotsky.¹⁰² Apesar de esse trecho ter sido escrito apenas um ano após as denúncias de Krushev e três da morte de Stalin, essa supressão de Trotsky na historiografia soviética continuaria nos anos posteriores.

No livro “*El ejército soviético*”, publicado em russo em 1969, de autor desconhecido, mas prefaciado pelo dirigente comunista Kliment Voroshilov e editado

¹⁰⁰ Sigla para “Partido Comunista da União Soviética”. No referido Congresso as denúncias feitas por Krushev ficaram restritas a uns poucos delegados soviéticos e de outros partidos.

¹⁰¹ Em: REED, John. p.23.

¹⁰² Ver: DEUTSCHER, Isaac. **Ironias da História**: ensaios sobre o comunismo contemporâneo. Editora Civilização Brasileira. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. 1968.

pelo governo soviético, o autor conta a história do Exército Vermelho praticamente sem mencionar o nome de Trotsky. Ao falar sobre a importância do *Conselho Militar Revolucionário da República* (CMRR) na Guerra Civil e na formação do Exército Vermelho, geralmente omite o nome do presidente do referido órgão, o mesmo não acontecendo quando o dirigente não é Trotsky: “*O CMRR e o Comandante em Chefe realizavam a direção das frentes e de todo o exército de operações com ajuda do Estado Maior de Campanha, criado em começo de outubro*”.¹⁰³

Em uma das raras vezes em que cita o nome de Trotsky é quando fala da formação do CMRR.

Já em 6 de setembro se deu por terminada a formação do Conselho Militar Revolucionário da República (CMRR), órgão central de direção militar, ao qual se subordinavam os órgãos anteriormente criados do Comissariado do Povo do Exército e Marinha e o Estado Maior Central de toda Rússia. Passaram a formar parte do CMRR: J. Vacietis, Comandante em Chefe das Forças Armadas da República, K. Danishevski, P. Kobozev, K. Mejonoshin, F. Raskólnikov, A. Rozengolts, I. Smirnov e L. Trotski (presidente).¹⁰⁴

É interessante notar como após falar sobre a importância e papel protagonista do CMRR, o autor cita uma série de membros do referido órgão e só no final coloca o nome do seu principal dirigente. Ainda assim, na nota de rodapé referente à citação do nome de Trotsky é colocado: “*inimigo do leninismo, menchevique (...). Por sua atividade anti-partidária e anti-soviética em 1927 foi excluído do partido, e em 1929 expulso da União Soviética*”.¹⁰⁵

Sem uma data definida na edição consultada, mas pelas referências que faz ao XXV Congresso do PCUS de 1976, posterior à essa data, o livro de I. Babenko, “*Mandos del Ejército Soviético*”, trata da importância dos comandantes do Exército Vermelho, desde sua formação, sem ao menos mencionar o nome de Trotsky. Ao falar sobre a utilização dos oficiais do antigo exército no Exército Vermelho, o autor atribui a Lênin o esforço maior para superar a resistência do Partido em relação a esses elementos formados nas academias militares do Czar. Aliás, frente à tal oposição Trotsky teve que convencer inclusive Lênin da importância de tal política militar. Como principal dirigente militar Trotsky defendeu tenazmente a utilização desses

¹⁰³ (AUTOR DESCONHECIDO). *El Ejército Soviético*. Traduzido do russo por Joaquín Rodrigues. Editorial Progreso. Moscou. 1974. p. 42.

¹⁰⁴ IDEM. p. 41-42.

¹⁰⁵ IDEM. nota de rodapé da página 42.

“especialistas militares” no Exército Vermelho e com isso ganhou muitos desafetos nas fileiras comunistas. Babenko parece tirar de uma citação de Trotsky¹⁰⁶ a argumentação que atribui a Lênin para defender a utilização dos oficiais do antigo exército:

Como assinala Lênin, o proletariado não podia dominar a técnica militar e os métodos modernos de fazer a guerra, nem criar um exército regular centralizado, sem recorrer a ajuda dos velhos quadros militares para a formação do exército operário-campesino e a direção operativa.¹⁰⁷

Em “*A Guerra Civil na Rússia*”, de Iúri Poliakov, escrito em 1981, vemos a “reabilitação historiográfica” de vários líderes, inclusive do Marechal Mikhail Tukatchévski, condenado e executado como contra-revolucionário em 1937. Nesse livro que tem no topo da capa os dizeres “*a verdade sobre a Revolução de Outubro e a construção do socialismo na URSS*”, encontramos nomes e fotos de várias figuras do Exército Vermelho nos tempos da Guerra Civil, só Trotsky não aparece. Ao comentar a oposição dentro do Partido Bolchevique à criação de um exército regular e disciplinado, Poliakov atribui a Lênin os principais esforços em combater os opositores à “política militar oficial”. Referindo-se ao VIII Congresso do PCUS, de 1919, o autor enfatiza:

A luta em torno dos princípios de formação do exército adquiriu muita acuidade no VIII Congresso do PCUS (Primavera de 1919). Cerca de 40 delegados, a chamada “oposição militar”, manifestaram-se contra a utilização dos velhos quadros militares e a introdução da disciplina regulamentada. Após uma tensa e violenta discussão, o congresso aprovou a linha defendida pelo Comitê Central.¹⁰⁸

Aqui Poliakov parece esquecer, desconhecer ou omitir, o fato de que o principal antagonista da “Oposição Militar” foi Trotsky. Um pouco mais à frente o autor fala dos esforços de Lênin para a aprovação da política militar oficial do Partido, mas novamente parece se esquecer ou ignorar que foi Trotsky o autor das *Teses* aprovadas e adotadas pelo referido Congresso. Como mostramos no capítulo “*O Comissário da Guerra*”, Trotsky teve um papel bastante protagonista na construção desse exército permanente, centralizado e disciplinado, para ser ignorado pela historiografia oficial soviética.

¹⁰⁶Ver capítulo desse mesmo trabalho: “O Comissário da Guerra”, item II da subdivisão “oficiais e comissários”.

¹⁰⁷ BABENKO, I. *Mandos del Ejército Soviético*. Editorial Progreso. Moscou. P. 12.

¹⁰⁸ POLIAKOV, Iúri. *A Guerra Civil na Rússia: causas, essência e significado*. Edições Progresso. Moscou. 1981. p. 80-81.

Em linhas gerais, esses trabalhos representativos da historiografia soviética após as denúncias de Krushev no XX Congresso, não rompem definitivamente com o culto à personalidade. Nos livros mencionados, a figura de Stalin como herói praticamente desaparece, porém, nunca é denegrada. Lênin continua como o guia infalível do Partido no caminho do comunismo. Se nas páginas dos livros publicados enquanto Stalin era vivo ele e seus partidários aparecem a todo o momento como heróis da revolução, na “*Era Pós Stalin*”, geralmente quem aparece são os heróis anônimos, as massas operárias e camponesas, o povo revolucionário. Apenas Lênin continua a ser cultuado com tanta ênfase e isso reflete o quanto esse culto se enraizou na cultura política soviética já na década de 1920. Trotsky, após o relatório secreto de Krushev, não foi mais colocado a todo o momento como o sabotador menchevique, se bem que por vezes isso aconteceu. Ele simplesmente passou a ser ignorado e quando isso não foi possível, substituíram seu nome pelo dos órgãos que dirigia.

Esse esboço que fizemos da historiografia soviética durante e após o que chamamos “*Era Stalin*” é bastante incompleto. Seria interessante perceber todas as nuances e mudanças na historiografia oficial durante todas as sete décadas de governo “comunista”. Porém, esse não é o lugar para tal empreendimento, que pode ser concretizado em outro estudo. O que buscamos enfatizar nessas linhas foi o esforço hercúleo da historiografia soviética em banir de suas páginas aquele que é reconhecido amplamente como o “fundador do Exército Vermelho”.

Biografias

Antes de falar das biografias escritas sobre Trotsky propriamente ditas, cabem algumas considerações a cerca de sua autobiografia, uma vez que o que Trotsky disse sobre si mesmo serviu e ainda serve (inclusive em nossa pesquisa) de material para muitos historiadores. “*Minha Vida*” foi escrita em 1929, quando Trotsky encontrava-se exilado em *Prinkipo*, na Turquia. Nessa época Lênin já havia sido “sacralizado” pelo governo soviético e dessa forma, qualquer obra historiográfica oficial sobre a Revolução de Outubro passava pela mitificação do líder morto. A história da Revolução havia sido polarizada entre *leninistas* e *anti-leninistas*. Qualquer um que discordasse da linha oficial do Partido era classificado na segunda categoria e todo desacordo com Lênin era tido como verdadeira heresia.

Em 1929 Trotsky já havia se transformado, como mostramos anteriormente, em um verdadeiro *pária* na historiografia soviética e todas suas dissidências com Lênin, por menores ou passageiras que fossem, eram alçadas a proporções titânicas, sendo que *trotskyismo* passou a ser encarado como praticamente o oposto de *leninismo*. É nesse contexto que “*Minha Vida*” deve ser entendida, ou seja, mais que uma autobiografia, o livro de Trotsky é parte de sua luta política e assim deve ser entendido pelos pesquisadores que se utilizam da obra como material para seus trabalhos. No próprio prefácio Trotsky reconhece esse caráter da obra:

Mas este livro não é uma fotografia impassível da minha existência; é parte componente dela. Nestas páginas, prossigo na luta à qual é dedicada toda a minha vida. Mesmo expondo, caracterizo e aprecio; contando, defendendo-me e, muito mais vezes ainda, ataco.¹⁰⁹

Antes de falar nas implicações e perigos em se buscar Trotsky a partir do que ele disse de si mesmo, é preciso reconhecer que “*Minha Vida*” constitui uma das poucas fontes para os anos iniciais da vida de Lev Davídovich. Além disso, mesmo um historiador bastante crítico de Trotsky, como Robert Service, se utiliza dessa obra e reconhece que o autor não era dado à “falsificações”. No decorrer de nossa pesquisa também tivemos a oportunidade de verificar, por meio de outras fontes, a veracidade da maioria das informações da autobiografia. Porém, o motivo que nos leva à essas considerações sobre “*Minha Vida*”, não é uma pretensão de justificar o uso que fizemos dela na pesquisa, posto que é relativamente mínimo, ao menos de forma direta. Tal abordagem é necessária uma vez que a maioria dos biógrafos de Trotsky também se utilizou dessa obra, uns com maiores cuidados e outros nem tanto.

Como o próprio autor de “*Minha Vida*” reconheceu, uma considerável parte de sua narrativa é fundamentada em memórias, não dispondo, muitas das vezes, da possibilidade de verificar sua capacidade de recordação em outras fontes. Dessa forma, fica evidente ao longo do livro como a memória extremamente seletiva de Trotsky está mais ao serviço de sua luta política do que do pesquisador desejoso dos “fatos”. Ao lembrar de sua infância e juventude, não fica a todo o momento tentando buscar o gérmen do revolucionário, porém, é evidente que se coloca como protagonista em situações que talvez não o fosse. Muitas afirmações que faz são difíceis de verificar,

¹⁰⁹ TROTSKY, León. *Minha Vida*. p. 10.

sobretudo aquelas referentes à infância, dessa forma, melhor faz o historiador deixando claro que tal ou qual informação tem como única fonte o próprio Trotsky.

Um problema que fica evidente na autobiografia é a seleção de fatos que Trotsky faz ao tratar de sua relação com Lênin. Nesse sentido, “*Minha Vida*” revela muito mais sobre a legitimação que todos buscam em Lênin do que propriamente sobre o que quer tratar. Apesar de todas suas dissidências com Lênin, ao qual muitas vezes qualificou com os mais duros adjetivos, Trotsky traz ao leitor outras situações. Suas discordâncias com Lênin são tratadas como superficiais e passageiras, sendo ressaltadas mais as afinidades entre eles. Basta ao historiador ler os trabalhos de Trotsky escritos após a cisão do Partido Social Democrata, para perceber o quanto ele minimiza os desacordos.

Ao abordar o período em que foi uma das figuras centrais do governo soviético, Trotsky traz em sua narrativa e a todo instante, os momentos de intimidade com Lênin. Cita como Lênin brincava com seus filhos nos corredores da habitação que partilhavam no Kremlin, fala dos bilhetinhos que ambos trocavam para resolverem sem burocracia muitos desacordos, enfim, minimiza desacordos e enfatiza, sobremaneira, as afinidades e encontros amistosos. Vale a pena citar um trecho de “*Minha Vida*” quando Trotsky fala da vida no Kremlin:

A pequena nuvem que houvera entre nós ambos, por ocasião do nosso desacordo sobre as negociações de Brest-Litovsky, se tinha dissipado sem deixar traço. A atitude de Lenine para comigo e com a minha família era excepcionalmente afável e cheia de atenções. Muitas vezes ele divertia-se fazendo piruetas com os meus meninos no corredor.¹¹⁰

Em outro momento conta como ambos queriam caçar patos juntos:

Nunca tive ocasião de caçar com Lenine, se bem que o combinássemos frequentemente. Nos primeiros anos depois da revolução, nem era possível pensar nisso (...). E nos últimos anos, depois da guerra civil, houve sempre algum imprevisto que o retinha ou a mim. Depois, Lenine adoeceu. Pouco antes de ele ficar de cama, tínhamos combinado que nos encontraríamos no rio Tchotcha no governo de Tver. Mas o automóvel de Lenine se desarranjou na estrada e não pude esperá-lo.¹¹¹

O problema nem é tanto se esses relatos são verdadeiros ou não, provavelmente são. A questão é que a maneira como são selecionados transforma a relação entre esses

¹¹⁰ IDEM. p. 298.

¹¹¹ IDEM. p. 413.

dois líderes em algo um pouco diferente do que verificamos em algumas outras fontes. Todo relato de Trotsky sobre a primeira metade dos anos de 1920 tem a clara intenção, e provavelmente ele acreditava nisso, de colocá-lo como sucessor de Lênin. Ao levar em conta apenas a autobiografia de Trotsky o leitor tem a impressão de dois titãs revolucionários (Trotsky e Lênin) cercados por outros líderes menores, muitas das vezes medíocres e bastante inferiores a ele e Lênin. Quando, porém, esse mesmo leitor busca as atas das reuniões do Comitê Central do Partido ou outros escritos do período, a idéia dos titãs é substituída pela de uma liderança coletiva, cheia de desacordos, com contornos bem menos nítidos que a dicotomia desenhada por Trotsky.

Ao tratar de seus pares durante a acomodação do poder após a morte de Lênin, temos a impressão que só havia “mediocridades” entre os principais líderes bolcheviques. Stalin é colocado como um homem praticamente desprovido de qualidades, tendo chegado ao poder por uma mistura de certa inevitabilidade histórica com sua falta de escrúpulos. Zinoviev, Kamenev, companheiros de Lênin desde o exílio, são pintados como vacilantes, covardes. Assim, aquele que procurar entender um pouco sobre os líderes bolcheviques apenas através dos olhos de Trotsky, provavelmente terá uma visão bastante distorcida.

Quando fala de si mesmo, temos a impressão que Trotsky foi uma verdadeira vítima de maquinações, intrigas e da “corrente histórica”, tendo pouca responsabilidade por seu próprio destino político. Sua “queda” dos píncaros do poder é mostrada como uma verdadeira tragédia, um divisor de águas que mudou o destino da revolução, dessa forma, todas as similaridades de sua política com aquela adotada por Stalin, são obscurecidas. Por fim, sua interpretação sobre os anseios de Lênin também parecem exagerados:

Lenine me pediu que pensasse ainda sobre o assunto. A sua intenção era criar uma comissão agregada ao comitê central para a luta contra a burocracia, e da qual ambos devíamos participar. Afinal de contas, tal comissão devia funcionar como uma alavanca para destruir a fração stalinista, espinha dorsal da burocracia, e para criar, no partido, as condições que me dessem a possibilidade de vir a ser substituto de Lenine, e, segundo a sua idéia, o seu sucessor na presidência do conselho de comissários do povo.¹¹²

Que Lênin, nos últimos meses de sua vida, percebia e pretendia combater o problema da burocracia e que se indispôs fortemente com Stalin a ponto de pretender

¹¹² IDEM. p. 400.

expulsa-lo da Secretária Geral e mesmo do Partido, parece certo de acordo com as fontes. Porém, a idéia de que preparava a sucessão de Trotsky parece um exagero. Antes de morrer Lênin deixou algumas considerações sobre os principais líderes do Partido e tal documento ficou conhecido como “Testamento de Lênin”. A interpretação que Trotsky faz desse documento é bastante questionável e parcial.

Se por um lado “*Minha Vida*” traz muitas informações sobre a infância e juventude de Trotsky, aponta documentos que contrapõem a versão da historiografia soviética e parece não falsear informações, por outro, aquele que pretende usar a autobiografia de Trotsky como material de pesquisa, precisa ter em mente que essa seleção de fatos que Trotsky faz em seu proveito, acaba por distorcer um pouco o entendimento do leitor menos precavido.

Deutscher

Provavelmente a trilogia que Isaac Deutscher dedicou a Trotsky é a obra biográfica mais completa sobre esse revolucionário russo. Em “*Trotsky: o profeta armado*”; “*Trotsky: o profeta desarmado*” e “*Trotsky: o profeta banido*”, o autor se debruça sobre a trajetória desse líder revolucionário desde sua infância no sul do Império Russo até seu assassinato no México, em 1940. A obra de Deutscher é amplamente conhecida, tendo sido publicada em vários idiomas, entre eles o português, alemão, inglês, espanhol, japonês, enfim, é um trabalho que ainda hoje serve de referência para aqueles que buscam compreender tanto Trotsky quanto os primeiros anos da Revolução Russa. Isaac Deutscher é praticamente uma matriz interpretativa sobre Trotsky, uma vez que muitas biografias mais sucintas ou trabalhos mais especializados, sobre esse ou aquele aspecto de Trotsky, bebem nas páginas de sua trilogia. Inclusive nesse trabalho, muito do que diz respeito aos aspectos factuais devemos às pesquisas de Deutscher. Dessa forma, por constituir uma referência para tantos estudos das mais diferentes áreas e por ser consideravelmente utilizado nessa dissertação, cabem algumas considerações sobre o autor e a obra citada.

Publicada entre 1954 e 1963, a trilogia de Deutscher sobre Trotsky é fruto de um esforço hercúleo de pesquisa. Na (re)construção da trajetória de Trotsky, Isaac Deutscher teve acesso à uma ampla gama de documentos, entre os quais jornais da época, atas das reuniões do Partido Bolchevique, atas da Internacional Comunista, cartas trocadas entre os líderes revolucionários, relatos e memórias de vários

contemporâneos de Trotsky, arquivos policiais, documentos do Estado soviético e incontáveis documentos dos arquivos pessoais do próprio Trotsky. Dessa forma, não há dúvida que é uma obra muito bem fundamentada, um trabalho sério e rigoroso. Apesar de ser uma biografia de Trotsky, em muitas ocasiões Deutscher “abandona” seu biografado para se dedicar ao contexto político-econômico da Rússia do período ou para esboçar um retrato sobre algum partidário ou antagonista de Trotsky, daí a riqueza ainda maior de seu trabalho.

Judeu-polonês, Isaac Deutscher (1907-1967) viveu todo o governo de Stalin e também a posterior *desestalinização*. Jornalista, historiador e ativista político, militou nas fileiras do Partido Comunista Polonês, de onde foi expulso em 1932 por criticar a linha política soviética, que na época dava as diretrizes políticas aos partidos comunistas ligados à Terceira Internacional. Deutscher não teve acesso a muitos documentos liberados somente após o fim da União Soviética e não desfrutou do bálsamo do “esfriar das paixões”. Em contrapartida, estava intimamente familiarizado com os dilemas psicológicos e materiais da revolução, conhecia profundamente o desenvolvimento econômico, político e cultural da Rússia do período e teve a oportunidade de entrevistar pessoalmente muitas “testemunhas oculares” dos eventos por ele estudados. Dessa forma, o historiador evita muitos juízos anacrônicos cometidos pelas gerações mais jovens de pesquisadores.

Mesmo sendo praticamente um clássico das biografias dedicadas aos revolucionários russos, e talvez mesmo em razão disso, a amplitude alcançada pela trilogia e o uso que dela fazemos nesse trabalho, não nos dispensa de um exame mais crítico. Se nenhuma obra historiográfica pode reivindicar o apanágio da total imparcialidade e isenção, sob o risco de parecer por demais inocente, a trilogia de Deutscher menos ainda. Como já foi visto anteriormente, a historiografia stalinista jogou sobre Trotsky ora o véu do esquecimento, ora os piores adjetivos possíveis. Nesse sentido, a biografia escrita por Deutscher não é apenas uma pesquisa, mas sim parte de uma luta política para reabilitar Trotsky e o que foi denominado *trotskyismo*. Isaac Deutscher é um crítico de Stalin e dos caminhos tomados pela Revolução de Outubro. Assim, é por esse prisma que precisamos entender sua obra.

Em “*Trotsky: o profeta armado*”, ao falar da infância e juventude de Liova, o leitor de Deutscher precisa estar prevenido, pois o biógrafo se utiliza fartamente de “*Minha Vida*” como material para sua biografia, ou seja, Deutscher fala de Trotsky a partir do que Trotsky falou de si mesmo muitos anos depois. Talvez Deutscher tivesse

que proceder dessa forma em razão da impossibilidade de conseguir material sobre esse período, porém, nem sempre ele deixa claro ao leitor que sua interpretação tem por fonte o próprio Trotsky. Mesmo quando coloca uma nota de rodapé indicando a fonte, a forma como constrói a narrativa passa certa falta de precaução ao utilizar a autobiografia de Trotsky:

Os rapazes que se tornavam seus amigos reconheciam-lhe a superioridade. Isso não podia deixar de afetar-lhe o caráter (...). Na escola não sofreu nenhuma influência significativa. Seus professores, cuja personalidade descreve tão vivamente na autobiografia, eram heterogêneos: alguns razoavelmente bons, outros excêntricos ou conhecidos por se deixarem subornar. Até mesmo os melhores eram demasiado medíocres para estimulá-lo.¹¹³

Comparando o trabalho de Deutscher com outros, parece que esse autor não dispunha de muitas alternativas para tratar do período, tendo mesmo que recorrer ao próprio Trotsky. Somente em algumas ocasiões, assim como outros autores, utiliza o relato de Grigori Ziv, um amigo de infância de Trotsky. Apesar disso, Deutscher não incorre no “vício” de muitos biógrafos que tentam buscar na infância do biografado suas qualidades posteriores, ou seja, o historiador polonês não fica procurando o gérmen do revolucionário em cada fase da infância e juventude de Trotsky. Porém, não é apenas quando trata desses anos iniciais da vida de Liova que temos que ter precauções com a *trilogia dos profetas*.

Falando sobre a implacabilidade de Trotsky para com os “guardas brancos” ou seus simpatizantes, Deutscher justifica o fuzilamento desses inimigos em termos praticamente indistinguíveis dos que Trotsky utiliza em “*Minha Vida*”:

Na Guerra Civil, qualquer penalidade mais suave do que a morte raramente tem efeito dissuasório. O medo da prisão não detém o traidor em potencial, porque tem esperanças de que a vitória do outro lado o liberte, cubra de honrarias e o recompense.¹¹⁴

No trecho acima citado o historiador não está explicando a justificativa de Trotsky, mas sim argumentando e defendendo as ações do biografado. Em dado momento de sua autobiografia, Trotsky enfatiza a necessidade da pena capital aos inimigos e é impressionante a semelhança dos argumentos de Deutscher com os de Trotsky:

¹¹³ DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky: o profeta armado**. p. 38.

¹¹⁴ IDEM. p. 495.

Quando se luta pelo poder, trava-se uma luta de vida e morte; nisso está precisamente a revolução. Que importância pode ter, em tal caso, a prisão para quem espera conquistar o poder dentro de algumas semanas e atirar na cadeia aqueles que hoje estão no governo?¹¹⁵

Conforme avança no relato Deutscher amplia consideravelmente as fontes que utiliza, deixando seu trabalho muito bem fundamentado com materiais os mais variados possíveis. Porém, em algumas ocasiões parece, senão comprar, pelo menos partilhar da interpretação que seu biografado dá aos eventos, fazendo de sua biografia, em certo sentido, parte da luta política do próprio biografado. Em “*Minha Vida*” Trotsky cita uma conversa privada que supostamente teve com Lênin, onde esse lhe propunha uma aliança contra Stalin, o que na prática faria de Trotsky o sucessor de Lênin.

Quanto aos meus três substitutos - dizia Lênin a Trotsky - você os conhece. Kamenev é certamente político sagaz, mas que vale como administrador? Tsiurupa está doente. Rykov possui, talvez, qualidades de administrador, mas precisa voltar ao conselho supremo de economia. É preciso que você seja designado meu substituto.¹¹⁶

A priori, não há problema em um biógrafo partilhar de certas idéias com seu biografado, pois dada à empatia, isso parece inclusive natural. O que acontece é que Deutscher, por vezes, parece formar seus juízos a partir unicamente da confiança que tem na memória e discernimento do próprio Trotsky e não deixa isso claro ao leitor. A interpretação sobre a sucessão de Lênin, feita pelo historiador polonês, parece sobremaneira fundamentada em “*Minha Vida*”.

Embora nominalmente Trotski devesse ser apenas um dos três ou quatro vice-*premiers*, não pode haver dúvidas de que a intenção de Lênin era fazer dele o seu verdadeiro substituto no comando. Sem qualquer título formal, Trotski agira nessa qualidade, apenas pelo vigor de sua iniciativa, em todos os setores do governo.¹¹⁷

Apesar de Trotsky não ser dado a falsificações, como constatamos ao longo da pesquisa no confronto entre fontes, sua autobiografia é uma defesa política, com fatos e opiniões selecionadas para os fins desse embate. Nesse sentido, mesmo quando por

¹¹⁵ TROTSKY. *Minha Vida*. p. 396.

¹¹⁶ IDEM. p. 399.

¹¹⁷ DEUTSCHER. Isaac. *Trotsky: o profeta desarmado*. p.63.

impossibilidades materiais Deutscher não pode fundamentar sua análise e informações por outras fontes “independentes”, ele ao menos poderia deixar isso claro ao leitor e colocar a informação sob suspeita ou com certas reservas.

O leitor que tiver a curiosidade de comparar certos trechos de “*Minha Vida*” com “*O Profeta Armado*” e “*O Profeta Desarmado*”, perceberá claramente como Deutscher também segue a tendência de seu biografado de enfatizar os momentos de intimidade e camaradagem entre Trotsky e Lênin. Nesse sentido, o historiador polonês se fia em demasia nas recordações do seu biografado. Ao falar sobre a noite da insurreição o relato de Deutscher se assemelha bastante com o feito em “*Minha Vida*”, na página 275 da edição citada nesse trabalho:

Na noite do dia 25 os dois homens estavam descansando juntos na sala escura e vazia, junto ao grande salão do Instituto Smolni, onde o congresso dos soviets iria instalar-se (...). Voltou a deitar-se no chão ao lado de Lênin. Houve momentos passageiros de sonolência, novas mensagens, sussurros rápidos, junto ao chão. Dentro em pouco teriam de sair do salão intensamente iluminado e enfrentar o congresso. Declarariam, decerto, que o congresso era a única fonte de poder, que a terra pertencia aos camponeses e que ofereciam a paz imediata à Rússia e ao mundo; e amanhã apresentariam o novo governo ao mundo.¹¹⁸

Antes de tratar da maneira como Isaac Deutscher aborda o papel de Trotsky na formação do Exército Vermelho é preciso fazer justiça a esse autor, pois a proporção das críticas que lhe fizemos até agora é bem maior que os “deslizes” que acontecem ao longo de sua obra. Vale mais uma vez salientar que o trabalho de Deutscher é fruto de uma pesquisa séria, bem fundamentada nas fontes e rica no material que traz a tona, e apesar de sua afinidade política com Trotsky, sua biografia está longe de ser “panfletária”. Porém, apesar disso, como qualquer historiador Deutscher não está imune às paixões e simpatias e os “deslizes” que por vezes comete, não diminuem o mérito de sua obra, mas devem ser ressaltados a bem de um melhor entendimento da trajetória política de Trotsky.

Quando aborda o período no qual Trotsky esteve à frente da construção do Exército Vermelho o enfoque de Deutscher é mais voltado para a Guerra Civil em si do que para os debates sobre os fundamentos do novo exército. O autor preocupa-se em mostrar a importância de Trotsky nos vários *fronts*, seu papel como agitador político no

¹¹⁸ DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky: o profeta armado**. p. 376.

exército, como estimulador e organizador. Nesse sentido, dispensa especial atenção aos seus esforços para salvar Petrogrado quando essa era ameaçada pelo “general branco” Yudenich ou ao seu papel na luta pela região do Volga em 1918. Emprega cores bastante vivas descrevendo o lendário trem blindado do Comissário da Guerra, carregado de equipamentos, víveres e agitadores políticos, levando ordem, disciplina e esperança para os soldados das frentes. Nesse sentido, Deutscher às vezes parece se entusiasmar demais com os relatos de “*Minha Vida*”, onde Trotsky descreve suas próprias peripécias em algumas batalhas. O entusiasmo de Deutscher ao comentar a participação do Comissário da Guerra na batalha pela cidade de Sviazhsk parece sobremaneira ter como fonte a autobiografia de Trotsky.

A principal questão sobre a edificação do exército abordada por Deutscher é a utilização dos antigos oficiais czaristas, pois a defesa que Trotsky fez desses elementos da antiga ordem no novo exército lhe angariou muitos desafetos, sendo daí também a origem de boa parte de suas rugas com Stalin. Assim, o historiador traz uma série de cartas, artigos de jornais e trechos de atas de reuniões mostrando as fortes divergências entre Trotsky e muitos comunistas contrários à sua política militar. Mostra a constante tensão da relação entre oficiais e comissários e o esforço de Trotsky em conciliar, apaziguar e definir funções. As lentes de Deutscher buscam discernir com mais detalhes as divergências e desavenças entre Trotsky e o “grupo de Tsaritsin”, representado principalmente por Voroshilov e Stalin e nesse sentido, ao buscar tanto as diferenças, de certa forma deixa de lado as importantes semelhanças entre a política militar desses dois líderes, Trotsky e Stalin.

Deutscher aborda a questão das milícias apenas superficialmente, descrevendo mais do que analisando, relatando mais que buscando as conexões do pensamento militar de Trotsky com suas idéias políticas mais gerais. O historiador polonês, ao proceder dessa forma, coloca de maneira meio confusa a posição de Trotsky entre exército permanente e milícias e por isso parece não perceber que para o Comissário da Guerra a principal vantagem do sistema miliciano não era tanto militar ou mesmo política, mas sim econômica, como mostramos no capítulo seguinte. Deutscher também não deixa claro ao leitor que Trotsky entendia o exército permanente como militarmente superior às milícias, ao em um momento de transição. E no fundo, o que queria mesmo era um sistema misto, onde o exército permanente daria certa garantia ao regime de ditadura do proletariado em um país esmagadoramente camponês, enquanto as milícias

contribuiriam com a manutenção da defesa à devida altura sem, contudo, retirar das unidades produtivas milhares de trabalhadores.

Apesar dessas críticas, além da riqueza documental advinda da quantidade e qualidade das fontes utilizadas, o relato de Deutscher sobre o papel de Trotsky na Guerra Civil tem o grande mérito de contrapor-se ao lugar que a historiografia soviética lhe relegou, praticamente banindo-o de seu papel como principal dirigente do Exército Vermelho e de um dos grandes responsáveis pela vitória vermelha na Guerra Civil. Para isso, o historiador polonês dispõe de uma série de relatos da época, onde desde oficiais dos exércitos brancos até desafetos como Stalin, rendem tributos ao papel de Trotsky como dirigente militar.

Robert Service

“*Trotsky: a biography*”, de Robert Service, constitui uma espécie de contraponto à obra de Deutscher e mesmo em relação à autobiografia de Trotsky. O próprio autor, em seu prefácio, mostra que está estabelecendo esse diálogo e diz pretender suprir as lacunas deixadas em “*Minha Vida*” e fazer as perguntas constrangedoras evitadas na *trilogia dos profetas*. O livro de Service é bastante recente, tendo sido publicado pela primeira vez em 2009 e nesse sentido, o autor pôde se beneficiar de muitos arquivos que só recentemente foram abertos. Porém, apesar disso traz poucas informações relevantes que podem ser denominadas realmente como novas. O que caracteriza a biografia escrita por Robert Service é, sobretudo, o enfoque, que difere bastante do de Deutscher.

Robert Service é um historiador britânico, que lecionou na universidade de Oxford e se dedicou ao estudo da Rússia revolucionária e aos seus principais líderes. Escreveu uma biografia de Lênin, um estudo sobre o Partido Bolchevique, entre outros trabalhos. O autor está longe de ser um *trotskyista*, aliás, é bastante crítico em relação ao seu biografado, mas ao contrário de muitos autores dedicados ao estudo de Trotsky ou da Revolução Russa, Service não fica procurando “demonizar” Trotsky, ao contrário, reconhece sua capacidade tanto intelectual como política e seus méritos na Revolução de Outubro e na formação do Exército Vermelho. “*Trotsky: a biography*”, apesar de ser uma obra de bem menos fôlego que a minuciosa biografia de Isaac Deutscher, é um trabalho de grande qualidade e muito bem fundamentado, que traz ao leitor o contato com novas fontes e um enfoque que de certa forma foi negligenciado pelo historiador

polonês. Enquanto o trabalho de Deutscher pode ser caracterizado mais como uma biografia política, apesar de não se reduzir a isso, Service dispensa especial atenção à vida privada de Trotsky, se é que podemos usar tal expressão ao nos referirmos à uma personalidade que subordinava praticamente todas suas atividades e relações à sua atuação política.

Ao abordar os anos iniciais da vida de Trotsky na fazenda de sua família, Service, tal qual Deutscher, tem por quase única fonte a autobiografia “*Minha Vida*”, o que nos leva a crer que provavelmente não existam muitos outros documentos para estudar esse período da vida de Liova. Robert Service dá um relevo especial ao fato de Trotsky ser de família judia e de seu pai provavelmente ser um dos mais prósperos fazendeiros da região, a partir disso, critica-o por não “admirar” ou reconhecer devidamente os méritos de seu pai. Assim, apesar da seriedade e qualidade do trabalho, o autor incorre nesse tipo de julgamento que parece bastante anacrônico e fora de propósito, dado o contexto no qual e pelo qual a autobiografia de Trotsky foi produzida. E mesmo assim, basta ler “*Minha Vida*” para perceber que Service exagera em seu julgamento a respeito dessa suposta “falta de admiração” pelo pai.

O livro se torna mais interessante quando Service trata dos anos de estudante de Trotsky em Odessa e Nikolaiev. A partir daí percebemos uma rica perspectiva no enfoque minucioso que o autor dispensa à “vida particular” de Trotsky, que tanto esse último quanto Deutscher, deixaram de certa forma de lado. Service faz bastante uso dos relatos do amigo de infância Ziv e tenta mostrar certas particularidades do caráter de Trotsky já nesses dias, especialmente o egoísmo e a arrogância. Ao falar sobre a indiferença de Trotsky para com a prisão de um amigo de Alexandra Sokolovskaya, sua futura esposa, Robert Service cita uma observação de Ziv com a qual parece concordar:

Sem dúvida queria seus amigos, e os queria de verdade, mas seu amor era semelhante ao que sente o camponês por seu cavalo, que lhe ajuda a reafirmar sua individualidade campesina. De todo coração lhe acariciará, lhe cuidará e passará com gosto privações e perigos por ele; poderá inclusive sentir-se unido ao cavalo. Mas tão logo este deixe de ser útil ao trabalho, e sem hesitar nenhum segundo e sem remorso algum, o enviará ao matadouro.¹¹⁹

Quando Trotsky estava em uma prisão de trânsito para seu exílio na Sibéria, casou-se com Alexandra Sokolovskaya, porém, em “*Minha Vida*” pouca atenção

¹¹⁹ Relato de Ziv em: SERVICE, Robert. p. 46.

dispensa ao caso, deixando a entender ter se casado apenas para não ser deportado sozinho. Deutscher também não se debruça muito sobre o episódio. Robert Service, ao contrário, traz ao leitor uma série de cartas de Trotsky à Alexandra Sokolovskaia, onde expõe sua intimidade e seu afeto pela moça, dando a entender que o relacionamento entre os dois era um pouco mais que um acordo pragmático. A partir desse material Service traça um perfil psicológico de Trotsky:

Esses sentimentos delatam certa pompa e imaturidade; era um jovem egocêntrico que inconscientemente tentava induzir Alexandra a fazer algo mais que amar-lhe: queria que ela lhe entendesse e lhe cuidasse e se compadecesse de seu sofrimento.¹²⁰

Service enfatiza a arrogância de Trotsky, sua preocupação excessiva (ao menos para o biógrafo) com a própria aparência, sua fala cheia de floreios retóricos, seu egoísmo, e é a partir desse enfoque que chega a determinados juízos, um pouco diferentes dos de Deutscher. Ao falar de sua fuga do exílio siberiano, quando para se encontrar com os exilados russos na Europa deixou sua esposa Alexandra e suas duas filhas pequenas, Trotsky não faz muito caso do ocorrido e diz que foi fruto de um acordo entre ele e Alexandra, da qual teria inclusive partido a idéia. Deutscher também não se detém demais sobre o assunto, mas Robert Service dá um maior relevo a essas questões familiares:

Lênin e seu grupo Iskra tinham a determinação de combater o revisionismo. Trotsky queria unir-se a eles. Depois afirmaria que Alexandra havia aprovado de todo coração sua partida. Custa acreditar. Bronstein planejava abandoná-la nas distâncias da Sibéria. Ela não tinha ninguém que a cuidasse, e em troca tinha que cuidar de duas pequenas criaturas praticamente sozinha, com o inverno caindo sobre elas. Acabava de se converter em pai de duas filhas e decidia sair correndo.¹²¹

Nos capítulos dedicados à Guerra Civil e a participação de Trotsky na formação do Exército Vermelho não temos muitos pontos de discussão com Service, posto que seu enfoque é maior sobre a participação de Trotsky nas batalhas e suas desavenças com Stalin. Assim, praticamente não toca nas questões relativas à edificação do Exército Vermelho e quando o faz, é somente por determinada questão estar relacionada com suas desavenças com Stalin. É nessa perspectiva que fala sobre a oposição sofrida por

¹²⁰ SERVICE, Robert. p. 52.

¹²¹ IDEM. p. 67.

Trotsky quando este defendeu a utilização dos chamados “especialistas militares” no Exército Vermelho.

Apesar de destacar os entevos entre Trotsky e Stalin, a originalidade da interpretação de Robert Service em relação à Deutscher reside justamente nas convergências que o historiador britânico busca no comportamento dos dois líderes bolcheviques. Service ressalta o autoritarismo e a implacabilidade de Trotsky e Stalin para com seus opositores, afirmando que às vezes pareciam competir “*pelo cargo de comissário mais brutal*”.¹²² Algo que seria quase apócrifo para Deutscher, Robert Service fala quando descreve a luta para restaurar a disciplina no front:

A confiança de Trotsky em Stalin era tal que queria que permanecesse ali no lugar de Mikhail Lashevich e dar-lhe poderes para ratificar a situação. Voltou a propor, em finais de março de 1919, o nome de Stalin na mesma classe de missão em Simbirsk, e apoiou, em maio de 1920, a inclusão do georgiano no Conselho Militar Revolucionário da frente do sudoeste, na Ucrânia.¹²³

A despeito de todos os créditos que Robert Service reconhece em Trotsky como dirigente militar e agitador político, ressaltando seu papel fundamental na defesa de Petrogrado e em outras tantas ocasiões, a abordagem desse historiador britânico ressalta a falta de tato do líder do Exército Vermelho em lidar com seus camaradas do Partido. A arrogância, a indisposição de Trotsky para com opiniões divergentes, sua pouca preocupação em travar relações pessoais e sua falta de cordialidade com adversários são aspectos bastante destacados em “*Trotsky: a biography*”. Falando do período no qual Trotsky enfrentou um grupo denominado “Oposição Militar”, gestado no próprio seio do Partido Bolchevique, Service traça um esboço de quais seriam os principais aspectos do comportamento do Comissário da Guerra:

Trotsky só pôde entender de forma gradual que as decisões fundamentais sobre como gerir a guerra civil estavam nas mãos da direção central do partido. Desde que se havia convertido em comissário do povo para Assuntos Militares havia atuado por iniciativa própria ou, quando muito, buscando a ajuda de Lênin e Sverdlov para reforçar suas ordens. Por muito que racionalizava e formalizava a hierarquia no Exército Vermelho, lhe desgostava submeter suas preferências militares ao controle institucional. Não estava mais disposto que Stalin a receber ordens que contrariassem

¹²² IDEM. p. 243.

¹²³ IDEM. p. 227.

suas idéias. E lhe faltava a astúcia de Stalin: lhe faltava o talento para administrar seu próprio talento.¹²⁴

Todo esse enfoque que Robert Service reserva para certos aspectos da personalidade de Trotsky, implica em uma conclusão bastante divergente da de Deutscher sobre a sorte política do “fundador” do Exército Vermelho. O historiador polonês partilha com Trotsky a explicação impessoal, a idéia de que sua “derrota” política estava ligada, sobretudo, aos caminhos tomados pela própria Revolução. Para Deutscher, o projeto de revolução representado por Trotsky não estava em sintonia com os novos rumos, assim, o fracasso da revolução na Europa, o crescimento do poder do aparelho burocrático do Estado e o cansaço das “massas”, tiveram um papel fundamental na desgraça política de Trotsky. Enquanto isso, para Service a falta de habilidade de Trotsky em suas relações pessoais e políticas, sua arrogância, egocentrismo e dificuldade para trabalhar em equipe, constituíram um importante fator para seu ocaso na liderança soviética.

Provavelmente nenhuma dessas interpretações pode ser considerada totalmente correta ou incorreta. Deutscher mesmo, apesar da ênfase que coloca nos aspectos impessoais, assume que Trotsky teve sua parcela de contribuição para o destino que teve. Em política, certamente a vaidade e as suscetibilidades pessoais não são insignificantes, muito ao contrário. Porém, se é possível, por um lado, interpretar o destino de um indivíduo a partir de suas características comportamentais, por outro, reduzir os caminhos de uma revolução a simples vontades individuais não parece uma interpretação muito sólida. Dessa forma, essas duas obras biográficas citadas até agora, apesar de abordagens e conclusões muitas vezes divergentes, contribuem cada qual ao seu modo para enriquecer a compreensão do papel de Trotsky não apenas na formação do Exército Vermelho, mas também na construção do Estado soviético.

Dmitri Volkogonov

É complicado fazer uma análise mais pormenorizada da biografia sobre Trotsky escrita pelo general Volkogonov, uma vez que a edição em inglês corresponde à apenas mais ou menos metade da original em russo, a qual não dispomos no momento. Assim, faremos apenas considerações mais gerais sobre a obra, posto que ela representa uma

¹²⁴ IDEM. p. 228.

importante matriz interpretativa da Revolução de Outubro e seus líderes. Dmitri Volkogonov, general três estrelas do exército soviético, foi chefe da **Administração Política do Exército**, diretor do **Instituto de História Militar** e antes do colapso da União Soviética escrevia obras laudatórias ao regime e ao exército, como por exemplo, “*A Educação Ideológica dos Militares*”, de 1985. Com o fim da União Soviética Volkogonov publicou biografias de Stalin, Lênin e Trotsky, onde mudou completamente sua interpretação a cerca dos fatos e significados da Revolução e sua liderança. De filho agradecido do regime, o general passou a ser um de seus mais ferrenhos críticos e assim ganhou publicidade no ocidente e teve seus trabalhos publicados e elogiados nos Estados Unidos.

O principal aspecto interpretativo de suas obras é que coloca o autoritarismo, os crimes cometidos pelo regime, a falta de liberdade, enfim, todos os males atribuídos ao período soviético, como inerentes ao bolchevismo. Enquanto Deutscher, por exemplo, enfatiza esses males como frutos dos “desvios” e deixa a entender que existiam caminhos alternativos dentro do próprio governo bolchevique, Volkogonov coloca o próprio “bolchevismo” como raiz dos problemas. Em “*Trotsky: the eternal revolutionary*”, ele deixa isso bastante explícito quando diz que tanto Lênin, quanto Trotsky e Stalin, eram complementos históricos uns dos outros, sendo que Lênin “*emergiu na história revolucionária como inspirador, Trotsky como agitador e Stalin como executor*”.¹²⁵

É a partir dessa perspectiva que Dmitri Volkogonov aborda Trotsky, ou seja, ressaltando mais suas semelhanças com Stalin e com os aspectos autoritários do regime. O general russo, que como diretor do Instituto de História Militar teve acesso aos arquivos da polícia secreta e a vários documentos não publicados escritos pelos líderes revolucionários, busca a todo o momento os “aspectos sanguinários” de Trotsky. Assim, ao tratar do período no qual ele esteve à frente do Exército Vermelho, sua preocupação primordial é ressaltar a repressão, as execuções de inimigos, a imposição da política governamental pela força das armas, é mostrar a face mais violenta de Trotsky e do bolchevismo.

¹²⁵ VOLKOGONOV, Dmitri. **Trotsky: the eternal revolutionary**. Editado por Harold Shukman. The Free Press. New York. 1996. p. xxxiii.

Com aprovação de Moscou, Trotsky tomou a importante decisão de colocar unidades de bloqueio por trás dos destacamentos não confiáveis, com ordens de atirar se eles se retirassem sem permissão. Assim, como a política aplicada por Stalin em 1941-1942.¹²⁶

Nesse sentido, o trabalho de Dmitri Volkogonov tem seus méritos quando apresenta documentos que seriam “apócrifos” ou negligenciados por um historiador *trotskyista*, por exemplo. Porém, o autor faz muitos julgamentos que parecem bastante anacrônicos, uma vez que percebe a violência apenas da parte dos “vermelhos”, não levando em conta o contexto igualmente violento no qual a Revolução de Outubro se desenvolveu. Volkogonov coloca em evidência o papel disciplinador de Trotsky, a sua “falta de compaixão” para com o inimigo, mas parece considerar apenas muito superficialmente a violências das forças de intervenção estrangeiras e dos próprios grupos internos hostis ao regime.

“*Trotsky, the eternal revolutionary*”, tem o mérito de mostrar a importância de Trotsky na construção tanto do Exército Vermelho quanto do governo soviético e apesar de Deutscher já ter feito isso muitos anos antes, o significado do livro de Volkogonov é grande, no sentido de ser obra de um ex-general soviético, que durante boa parte de sua formação provavelmente teve Trotsky sendo-lhe apresentado como um *pária*. Quando fala sobre a tomada do poder em outubro, por exemplo, Volkogonov mostra como a historiografia stalinista deturpou o papel de Trotsky no levante.

Depois que Lenin morreu e a história da revolução começou a ser reescrita às pressas, o Centro Militar do partido emergiu como tendo desempenhado o papel principal. Este era um corpo puramente simbólico que tinha sido criado como parte do Comitê Militar Revolucionário.¹²⁷

O Centro Militar ao qual Volkogonov se refere foi um órgão criado nos dias que antecederão a tomada do poder e que tinha Stalin como um dos líderes. Apesar de não ter tido papel protagonista na insurreição, posteriormente a historiografia stalinista o colocou no centro dos acontecimentos, no lugar do Comitê Militar Revolucionário, dirigido por Trotsky e que ordenou o levante.

A biografia escrita pelo general Volkogonov, ao menos a edição em inglês, é um trabalho bem menos completo que o de Deutscher ou o de Robert Service. Caracteriza-

¹²⁶ IDEM. p. 179.

¹²⁷ IDEM. p.79.

se, sobretudo, pela interpretação, por buscar no próprio bolchevismo a raiz do autoritarismo. É importante e tem seus méritos ao destacar as tantas semelhanças de Trotsky com Stalin, ao questionar a “tese trotskysta” de que o Comissário da Guerra representava algo diametralmente oposto ao que foi instituído. Porém, na ânsia de destacar os tantos pontos em comum, o autor negligencia as dissensões, que não foram poucas, e a pluralidade de “partidos” dentro do próprio Partido. Além do mais, ao negar tudo que defendia há apenas alguns anos, ao mudar tão “bruscamente” de opinião após a queda do regime do qual tanto se beneficiou, além da acolhida tão calorosa que seu livro teve nos Estados Unidos, tudo isso faz com que sobre a obra do general Volkogonov pareça certa suspeita de oportunismo.

A historiografia do Exército Vermelho

No Brasil são poucos os trabalhos publicados sobre o Exército Vermelho, aliás, em nosso levantamento bibliográfico encontramos apenas dois títulos, sendo ambas publicações bastante antigas e encontradas apenas em alguns poucos sebos espalhados pelo país: “*O Exército Vermelho*”, de Fedotoff White, publicado em 1945 e “*Doutrina Militar Soviética*”, de Raymond Garthoff, publicado em 1957. Pesquisas que tenham por enfoque específico o papel de Trotsky à frente do Exército Vermelho, não encontramos nenhuma.

A obra de Fedotoff White, apesar de ser bastante antiga e nesse sentido o autor provavelmente não teve acesso a muita documentação liberada apenas recentemente pelo governo russo, é um trabalho de bastante qualidade. Muito bem documentado e fundamentado, o autor traz uma série de estatísticas sobre a composição social do exército soviético em diversos períodos. Aborda o conteúdo do ensino nas escolas militares, o valor dos soldos nos vários níveis da hierarquia militar, as publicações voltadas para o Exército Vermelho, os debates na cúpula militar, dados sobre a produção de minérios para indústria pesada, manuais do exército, enfim, uma ampla e variada gama de fontes que enriquecem bastante sua obra. Nesse sentido, cabe apenas uma ressalva do que provavelmente é um problema da edição brasileira, que não traz as notas indicativas das fontes citadas ao longo do livro.

O enfoque do livro de Fedotoff White é sobre os diversos grupos e projetos, muitas vezes antagônicos, que coexistiam por toda estrutura do Exército Vermelho. Um

grande mérito do trabalho desse autor consiste justamente em mostrar a heterogeneidade, os conflitos, as acomodações e os arranjos e rearranjos em todas as ramificações e níveis da “arma vermelha”. Nesse sentido, a obra esmiúça o que muitos autores passaram por cima, como por exemplo, a questão da utilização dos oficiais do antigo exército. Ao abordar esse tema, Fedotoff White faz importantes distinções entre oficiais comissionados e não comissionados, trata das relações travadas entre estes últimos e os jovens comandantes formados nas “academias vermelhas”, se debruça sobre as escaramuças entre comissários políticos e oficiais, buscando mostrar todo conflito em torno da formação do novo exército. Além disso, o autor presta valiosa contribuição ao detalhar os diversos departamentos e ramificações da estrutura administrativa do Exército Vermelho.

O recorte de Fedotoff White é relativamente amplo, uma vez que abrange o período que vai de 1918, quando o Exército Vermelho foi oficialmente criado, até fins da década de 1930, quando as sombras da Segunda Guerra já se projetavam sobre o território soviético. Dessa forma White consagra considerável parte de sua obra ao período em que Trotsky era o Comissário da Guerra. Escrito em 1943 e publicado no Brasil em 1945, o livro constitui um importante contraponto em relação à historiografia soviética de matriz “*stalinista*” e a mitificação que essa promoveu de alguns líderes e do próprio Exército Vermelho.

Fedotoff White reconhece os méritos de Trotsky como líder do Exército Vermelho, porém, sua abordagem nesse caso é mais descritiva que analítica, o que acaba levando o autor a alguns equívocos. White entende os “discursos militares” de Trotsky a partir e encerrados em si mesmos, sem conexão com suas idéias políticas como um todo e assim, não consegue discernir o que é um “discurso para acomodação de interesses” de um projeto político-militar de fato. White não leva em conta que Trotsky é antes de tudo um revolucionário e que seu “pensamento militar” está subordinado ao seu pensamento político.

Um exemplo claro dos equívocos dessa abordagem é quando o autor fala sobre o sistema de milícias. Fedotoff White parece se confundir, pois chega a chamar Trotsky de “purista revolucionário” por este ser favorável ao sistema de milícias. Partindo apenas de alguns discursos de Trotsky o autor conclui que o Comissário da Guerra era um “idealista” das milícias, independente de sua capacidade efetiva de combate. Assim, White parece se esquecer que Trotsky foi um dos mais encarniçados defensores de um Exército Vermelho permanente, centralizado e disciplinado, como mostramos no

capítulo “*O Comissário da Guerra*”. Ao comparar os argumentos de Trotsky e Frunze, líder bolchevique no Exército Vermelho, o autor incorre em um equívoco de certa forma absurdo:

A comparação entre o argumento original de Trotsky a favor do sistema de milícias e este pensamento de Frunze é bem interessante. O primeiro era excessivamente teórico, incluía exigências que não se fundavam em fatos objetivos (a sugestão, por exemplo, de que a milícia era tão eficiente, no sentido militar, quanto o exército regular), ao passo que o segundo se baseia em numerosas considerações de ordem prática.¹²⁸

Trotsky, como mostramos mais adiante, era sobremaneira preocupado com os aspectos econômicos inerentes à mobilização de um exército permanente e boa parte da defesa que faz do sistema de milícias está ditada por tais considerações. O Comissário da Guerra, na verdade, defendia uma espécie de “sistema misto”, exército permanente e milícias, ao menos por determinado período. Em muitos de seus discursos Trotsky fala da “milícia comunista”, a ser formada em um período posterior, quando a revolução já tivesse se alastrado pelo mundo e o Estado estivesse esfacelando sob o comunismo. White parece não compreender essas distinções entre “programa presente” e “ideal futuro”. Assim, ao caracterizar Trotsky como um “purista revolucionário”, “excessivamente teórico”, o autor negligencia a importância de Trotsky como centralizador, como elemento de contenção das forças centrífugas liberadas pela revolução.

Uma outra observação sobre o livro “*O Exército Vermelho*” é que seu autor parece não levar devidamente em conta as condicionantes econômicas e sociais da Rússia do período. Assim, os debates sobre os fundamentos do novo exército parecem excessivamente teóricos, acadêmicos, quando na verdade estavam ligados a uma questão crucial: a revolução socialista e a ditadura do proletariado em um país com população esmagadoramente camponesa. Além do mais, os debates militares não eram apenas divergências sobre a construção de um exército, mas sim sobre algo bem mais amplo: os fundamentos de um “novo Estado”. Apesar dessas divergências em relação à interpretação de Fedotoff White, reconhecemos a riqueza, a seriedade e o valor inestimável do fruto de sua pesquisa.

¹²⁸ WHITE, Fedotoff. **O Exército Vermelho**. Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A. Rio de Janeiro. 1945. p. 183.

O outro livro publicado no Brasil, “*Doutrina Militar Soviética*” de Raymond Garthoff, é bastante diferente de “*O Exército Vermelho*”. A obra é uma “revisão” e “extensão” de uma Tese apresentada pelo autor para a obtenção do doutorado em Filosofia pela Universidade de Yale. Faz parte também de uma série de contribuições ao programa de pesquisa da Força Aérea dos Estados Unidos por intermédio da organização RAND. O recorte temporal de Garthoff é sobre o Exército Vermelho do pós Segunda Guerra e seu objetivo central é entender as normas, diretrizes básicas e os princípios utilizados pelos soviéticos para, “por fins militares, atingirem seus objetivos políticos”. Porém, a partir de certo entendimento sobre o papel do Exército Vermelho na política mundial, o autor vai aos anos 1920 para compreender as origens dessa força militar. As palavras de H. A. de Weerd, Chefe do Departamento de História da Universidade de Missouri e que escreveu o prefácio de “*Doutrina Militar Soviética*”, parecem sintetizar bem a concepção de Raymond Garthoff ao longo de sua obra:

A influência político-militar exercida por esse exército garantiu não somente a dominação comunista dos países satélites do Eixo, como, mesmo em face do monopólio temporário por parte dos americanos, da bomba atômica, ameaçou seriamente a segurança da Europa Ocidental. Constitui mesmo a principal ameaça à paz do mundo.¹²⁹

Garthoff, tal qual Weerd, também parece entender o Exército Vermelho como a grande ameaça para paz mundial e nesse sentido, ao olhar para o passado, demonstra um firme propósito de encontrar a gênese dessa “agressividade” soviética. Dessa forma, faz uma seleção documental bastante parcial e reducionista para comprovar sua Tese. Seleciona escritos de Frunze, de Lênin e outros líderes bolcheviques quando esses afirmavam que entre o “Estado proletário” e a burguesia imperialista só poderia haver “*uma guerra longa, inexorável e desesperada*”.¹³⁰ Realmente, nesse período os bolcheviques acreditavam que seu Estado não poderia conviver por muito tempo com os Estados capitalistas, ainda mais no contexto das intervenções estrangeiras, que Garthoff parece não levar em conta. Porém, com o advento da subida de Stalin ao poder, a política externa soviética mudou bastante e o velho “internacionalismo proletário” foi sendo gradativamente substituído por uma espécie de nacionalismo, por preocupações

¹²⁹ GARTHOFF, Raymond. **Doutrina Militar Soviética**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro. 1957. p. V.

¹³⁰ IDEM. p. 31.

de Estado em detrimento da “revolução mundial”. A tese do “socialismo em um só país” levou aos soviéticos a perspectiva de uma convivência pacífica com as potências capitalistas. Mas mesmo antes de Stalin se tornar a figura central no governo, os bolcheviques buscaram tratados com as potências capitalistas no intuito de saírem do isolamento e muitas vezes, foram os europeus que relutaram em ter uma “convivência pacífica” com a Rússia revolucionária.

Ao ficar a todo o momento buscando as “raízes do mal”, Raymond Garthoff reduz os debates em torno da criação do Exército Vermelho a simples questões de princípio, não levando em conta os problemas concretos enfrentados pelos bolcheviques na década de 1920. O autor escolhe apenas aqueles escritos e eventos que endossam sua idéia de que para os soviéticos, e apenas para eles, existe uma “*íntima conexão entre as relações de tempo de paz e de guerra*”¹³¹ e que “*as normas soviéticas pressupõem um conflito permanente (embora não necessariamente armado), mesmo em tempo de paz*”¹³².

Uma vez que o objetivo do autor é traçar um panorama do que seria a Doutrina Militar Soviética e suas implicações práticas na política mundial nos tempos de *Guerra Fria*, o espaço que dedica ao período de formação do Exército Vermelho e aos debates da década de 1920 é bastante restrito, sendo assim, não existem tantos pontos de diálogo com nossa dissertação. Nesse pequeno histórico que Garthoff faz das origens do Exército Vermelho, criticamos o reducionismo com que trata do tema. Porém, mesmo do ponto de vista histórico “*Doutrina Militar Soviética*” traz importantes contribuições, pois o autor questiona a idéia aceita tão consensualmente de um “novo exército”, posto que o Exército Vermelho carregou fortes influências de sua herança militar imperial. Garthoff não nega que realmente havia algo de novo na força militar soviética, mas aponta para as ressalvas a serem feitas. O autor mostra como os regulamentos de campanha do Exército Vermelho permaneceram os mesmo do período czarista, aponta para o fato de que muitos professores das academias militares soviéticas eram oficiais oriundos do “antigo exército” e dessa forma, traziam ao “novo” toda a inércia do “antigo. Demonstra através de documentação soviética como a exaltação nacionalista do passado imperial foi substituindo gradativamente o “internacionalismo proletário”, enfim, Garthoff traz uma grande contribuição ao colocar em relevo as permanências do exército czarista na estrutura do “novo exército”.

¹³¹ IDEM. p. 11

¹³² IDEM.

A primeira atitude soviética foi uma reação forte contra a influência destacada da doutrina imperial. Não foi sempre uma atitude anti-russa, entretanto. Muito embora as dragonas (pogon) e os uniformes vistosos, tenham sido abolidos, os capacetes de couro substituindo os de fibra adotados por Alexandre Nevsky, denotando a nova moda dos vermelhos. Por volta de 1932, seguindo-se a consolidação de Stalin no poder, uma volta as cousas de gosto puramente russo teve início, aumentando de muito na última guerra e culminando no atual chauvinismo com a criação de autores russos para muitas das invenções e descobertas do mundo moderno.

Na esfera militar, tudo isso conduziu à uma exaltação e ressurreição da grande estratégia militar russa e dos pensadores do passado.

Esta egolatria russa se estende desde o Príncipe (e santo) Alexandre Nevsky, que é tido como tendo resistido ao ocidente no século XIII, até o General Brusilov, que comandara a ofensiva vitoriosa russa na Galícia em 1916 (e que ultimamente oferecera seus serviços aos bolchevistas). Quatro militares russos são especialmente distinguidos pela sua contribuição à doutrina militar: Pedro o Grande, Rumiantsev, Suvorov e Kutusov; (...).¹³³

Uma discussão bibliográfica restrita apenas à essas duas obras publicadas em nosso país ficaria demasiadamente empobrecida, assim, trataremos agora de alguns estudos não publicados no Brasil e que por sua qualidade ou por serem frutos de pesquisas mais recentes, podem enriquecer a discussão sobre o Exército Vermelho e o papel de Trotsky em sua formação e desenvolvimento. Uma obra clássica que não poderíamos ignorar é *“El socialismo en un solo país”*, de Edward Carr, que apesar de não ser um livro específico sobre o Exército Vermelho, tem um capítulo muito rico dedicado ao estudo do mesmo.

No capítulo reservado ao Exército Vermelho o enfoque de Carr é sobre as discussões entre a cúpula militar bolchevique, especificamente durante os congressos do Partido. Dessa forma, o autor mostra as principais divergências em torno do novo exército e as articulações das discussões militares com os debates sobre o modelo de socialismo a ser construído. Conhecedor das especificidades econômicas e sociais da Rússia dos anos 1920 e do ambiente político da época, o autor compreende com clareza os dilemas concretos enfrentados pelos bolcheviques na construção da república socialista. Por conhecer a fundo as dissensões partidárias, Carr mostra que apesar de formalmente Trotsky ter sido o Comissário da Guerra até o início de 1925, em 1924 seu poder no Exército Vermelho já estava bastante reduzido, pois seus principais aliados

¹³³ IDEM. p. 60.

havia sido substituídos por elementos que lhe faziam oposição. Contudo, como se detém mais nas resoluções dos Congressos, Edward Carr não enfatiza ou não compreende completamente o papel de Trotsky na formação do exército centralizado, disciplinado, com “mando dual” e combinado, em tempos de paz, com formações territoriais (milícias):

Frunze, cuja categoria era maior ao ser eleito, após o décimo terceiro congresso do partido de maio de 1924, *membro aspirante* do Politburo, desempenhou o papel principal na série de reformas militares efetuadas em 1924, enquanto Trotsky se mantinha a margem, impossibilitado e indiferente. (...) As reformas introduzidas por Frunze e associadas ao seu nome chegaram longe e estabeleceram as bases sobre as quais o Exército Vermelho se desenvolveu na década seguinte. (...) Na realidade, a estrutura básica de organização futura do Exército Vermelho – uma combinação de formações regulares e territoriais – ficou definida pelo chamamento às fileiras do outono de 1923.¹³⁴

Apesar de no único ano em que esteve à frente do Exército Vermelho Frunze ter regulamentado suas bases e trabalhado no sentido de definir formalmente sua estrutura futura, boa parte do que foi o Exército Vermelho durante as décadas de 1920 e 1930 já estava esboçada sob o comando de Trotsky, que teve papel fundamental ao conter as “forças descentralizadoras” e ao conciliar a necessidade militar de um exército permanente com o imperativo econômico favorável às milícias. Nos VIII e IX Congressos do Partido, ainda em meio à Guerra Civil, e em muitos dos seus escritos enquanto Comissário da Guerra, Trotsky defendeu esse modelo de “exército de tempos de transição”, que permaneceria para a próxima década.

Earl Ziemke, em *“The Red Army”*, obra publicada pela primeira vez em 2004, ao abordar todo esforço de Trotsky na formação do Exército Vermelho durante o período da Guerra Civil, percebe claramente que a reforma de 1924, liderada por Frunze, *“manteve a estrutura militar da organização, essencialmente, como tinha evoluído desde 1918”*,¹³⁵ quando o exército ainda estava sob o comando de Trotsky. Em seu livro Ziemke trata do Exército Vermelho em um período relativamente longo, desde sua fundação em 1918 até 1941, quando a União Soviética foi atacada pela Alemanha nazista. Ao abordar os anos nos quais Trotsky foi o Comissário da Guerra, o autor

¹³⁴ CARR, E.H. *El socialismo en un solo país. (1924-1926). Vol. 2.* p. 395.

¹³⁵ ZIEMKE, Earl. F. *The Red Army 1918-1941: From Vanguard of World Revolution to US Ally.* Frank Cass. New York. 2004. p. 148.

dispensa um maior enfoque à Guerra Civil em si do que aos debates em torno da estrutura do novo exército. Assim, praticamente não se aprofunda na questão das milícias, do mando eletivo ou outros pontos que abordamos em nossa pesquisa, o que limita um pouco nossa discussão com essa obra.

Earl Ziemke trata das principais batalhas do exército em formação, fala das discussões entre os líderes militares bolcheviques a cerca da melhor tática nessa ou naquela batalha, sobre os perigos específicos dos diferentes *fronts* e nesse sentido, do papel de Trotsky como comandante na Guerra Civil. Assim, o debate sobre o qual o autor se detém mais demoradamente é justamente aquele envolvendo a utilização dos antigos oficiais no novo exército, uma vez que tal questão estava diariamente presente nas dissensões, abertas ou veladas, entre a liderança militar bolchevique durante a Guerra Civil. Ziemke ressalta as dificuldades de Trotsky em impor sua política militar centralizadora e a forte oposição que sofreu por parte de outros líderes. Apesar de ser uma obra específica sobre a construção do Exército Vermelho, “*The Red Army*” mostra como os debates nos quais Trotsky esteve envolvido e sua política militar, contribuíram para o enfraquecimento do seu poder no Partido e no Estado e conseqüentemente, para seu futuro político.

O trabalho do historiador não é como o do biólogo ou do matemático, que podem substituir variáveis para testar hipóteses, porém, ao ler a obra de Earl Ziemke percebemos como a falta de tato de Trotsky no trato com homens como Voroshilov e Stalin, provavelmente teve sua relevância no destino político do fundador do Exército Vermelho. Por outro lado, o autor percebe bem a natureza da contribuição de Trotsky para o Exército Vermelho, contribuição essa que perpassou a Guerra Civil e mesmo a expulsão de Trotsky da União Soviética. Earl Ziemke mostra como o exército permanente, combinado com formações territoriais, com comissários e oficiais, mais que o fruto das regulamentações de Frunze, foi também o “filho” do trabalho de Trotsky enquanto principal dirigente militar.

“*The Bolcheviks and the Red Army: 1918-1922*”, de Francesco Benvenuti, é também uma das obras mais recente que encontramos sobre a formação do Exército Vermelho. Publicada em 1982 originalmente em italiano, foi traduzida para o inglês em 1988, não sendo encontrada ainda em português ou espanhol. Como trata de um período bastante curto, o autor consegue trazer uma grande riqueza de detalhes a cerca das principais questões em torno da formação do exército soviético. Enquanto Earl Ziemke escolheu abordar principalmente o Exército Vermelho em combate, na Guerra Civil,

Francesco Benvenuti se aprofunda nos debates dos Congressos do Partido, onde eram discutidas questões relativas à estrutura do novo exército. Após falar do processo de desintegração do antigo exército imperial, das “forças centrifugas” liberadas pela Revolução de Fevereiro e dos primeiros combates do novo exército, Benvenuti se aprofunda nos debates entre a cúpula militar bolchevique nos VIII e IX Congressos do Partido.

Provavelmente um dos melhores trabalhos escritos sobre a formação e organização do Exército Vermelho, “*The Bolsheviks and the Red Army*” é uma obra muito bem fundamentado em uma diversidade de documentos de acesso restrito para a época. Benvenuti aborda inclusive as reuniões “a portas fechadas” durante os Congressos, onde as discussões militares ficavam restritas apenas a seletos líderes. O autor é bastante criterioso no trato de suas fontes, questionando sempre as minúcias de possíveis supressões ou acréscimos em determinado documento, ou colocando sob suspeita informações que lhe chegaram indiretamente, através de historiadores ou militares que supostamente tiveram acesso às fontes. Apesar de abordar apenas os anos nos quais Trotsky era o Comissário da Guerra, Francesco Benvenuti não privilegia a atuação do Comissário da Guerra, trazendo a tona o papel de vários líderes militares que muitas vezes são deixados em segundo plano. Ao contrário de Isaac Deutscher, que não se aprofunda nos argumentos dos opositoristas a Trotsky, Benvenuti se detém nos discursos dos representantes da “Oposição Militar”, o que de certa forma contribui para tirar dos ombros desses as acusações de utópicos ou puritanos revolucionários.

V.M. Smirnov, o orador da oposição, começou evitando tudo o que poderia indicar um desejo de se envolver em um confronto de frente. Embora ele observou que 'a maioria' de ex-oficiais tinham sido relutante em se juntar ao Exército Vermelho, ele negou que a questão do seu emprego poderia ser colocada em termos de "especialistas", sim ou não.¹³⁶

Ao não colocar Trotsky como o centro de suas reflexões e ter uma postura longe de poder ser considerada a de um *trotskyista*, a conclusão que Benvenuti faz a cerca do papel de Trotsky na formação do Exército Vermelho é bastante significativa para nossa pesquisa, pois de certa forma “legítima” nossas conclusões a partir de fontes que não tivemos acesso:

¹³⁶ BENVENUTI, Francesco. **The Bolsheviks and the Red Army, 1918-1922**. Traduzido do italiano por Christopher Woodall. Cambridge University Press. 1988. p. 100.

Por último, as provas documentais que eu tive a oportunidade de examinar pareciam revelar uma imagem de Trotsky, em que suas qualidades, já destacadas por I. Deutscher, como um grande organizador e administrador, e um modernizador ocidentalista, surgiram ainda mais claramente do que no trabalho de seu distinto biógrafo. Neste contexto, acho o perfil que B. Knei-Paz elaborou da personalidade política de Trotsky mais persuasivo. Este aspecto particular do pensamento de Trotsky e de seu trabalho me impressionou como a força principal em sua atividade como um líder militar, enquanto ao mesmo tempo, marcou sua maior limitação como um político.¹³⁷

Como dissemos, o foco de Francesco Benvenuti não é o papel específico de Trotsky no Exército Vermelho, assim, o autor não procura compreender o “pensamento militar” de Trotsky como subordinado, em certa medida, às suas concepções políticas mais amplas. Não tem a intenção, como é a da nossa pesquisa, de compreender a medida e o legado da contribuição de Trotsky para o Exército Vermelho, tanto durante a Guerra Civil como após ela. Porém, isso parece não comprometer o entendimento de Benvenuti, uma vez que ao esmiuçar os discursos, teses, artigos e pronunciamentos das várias lideranças do exército, o autor compreende as diferenças, muitas vezes sutis, entre um discurso para conciliação de interesses imediatos e uma declaração de princípios. Dessa forma, ao abordar os debates sobre as milícias, esse historiador italiano compreende com clareza como a posição de Trotsky entre milícias e exército permanente estava ditada, sobretudo, por preocupações econômicas.

Ao longo de seu trabalho Benvenuti trata dos vários debates em torno da formação do novo exército, esmiuçando desde as discussões sobre a eleição dos comandantes pelos soldados até a utilização dos oficiais do antigo exército. Ao ter contato com essa vasta e restrita documentação, o autor percebe que mesmo quando Trotsky estava no auge do seu poder, tanto dentro do Partido como no governo e no exército, apesar de aparentemente desfrutar de amplo apoio, sua reputação já estava em declínio. Nesse privilegiado observatório que é o Exército Vermelho, fica bastante nítido o quanto a política militar de Trotsky lhe angariou violenta oposição e de certa forma contribuiu para forjar seu destino político. Francesco Benvenuti não avança tanto em suas conclusões, mesmo porque não é esse seu objetivo, porém, compreende claramente o significado da política militar de Trotsky:

¹³⁷ IDEM. p. 03.

O aspecto da atividade de Trotski como Comissário da Guerra que assolou camaradas do seu partido com mais força e que está mais bem documentado, foi sua luta para introduzir princípios da ortodoxia militar no Exército Vermelho (...).

Esta levou-o à conflito com as tendências anti-militarista que surgiram em 1917, assim como com a desconfiança tradicional dos socialistas para com os exércitos regulares.¹³⁸

Conclusão ao capítulo

Certamente, muitos bons trabalhos ficaram de fora dessa discussão historiográfica, e isso não poderia ser diferente, posto aqui não ser o espaço para um levantamento mais sistemático e completo de obras sobre Trotsky e sobre o Exército Vermelho. Uma grande deficiência refere-se à historiografia russa *pós-soviética*, com a qual não tivemos muito contato, dadas as dificuldades materiais de se conseguir essas publicações, com exceção da obra de Dmitri Volkogonov. A historiografia francesa também não foi contemplada em nossa discussão, nem mesmo a biografia de Trotsky escrita por Pierre Broué, com a qual tivemos contato. Provavelmente existe uma quantidade considerável de biografias de diversas “nacionalidades” e de boa qualidade que não discutimos, porém, nossa tipologia para escolha de obras esta mais relacionada à interpretação que a nacionalidades, dessa forma, Isaac Deutscher, Robert Service e Dmitri Volkogonov, representam três matrizes interpretativas importantes sobre o legado de Trotsky para o Exército Vermelho e seu papel na Revolução Russa. A própria biografia de Broué representa uma variante da matriz interpretativa, em boa medida, aqui representada por Deutscher. Assim, acreditamos que as obras discutidas, seja por suas qualidades ou pela representatividade, sustentam suficientemente bem nossa discussão e conclusões.

Um levantamento bibliográfico bastante minucioso em relação ao que foi produzido sobre Trotsky, especificamente em português, foi feito por Álvaro Bianchi em 2005. O autor, que teve contato com as bibliotecas das mais importantes universidades de Brasil e Portugal, percebeu a escassez de bons trabalhos em nossa língua dedicados ao líder do Exército Vermelho. Para Bianchi, essa deficiência está intimamente relacionada à falta de boas edições das obras de Trotsky em língua portuguesa.

¹³⁸ IDEM. p. 214.

O conhecimento aprofundado da obra de Trotsky tem sido uma exceção. A superficialidade de algumas fórmulas ritualísticas e citações padrão de uns poucos textos mais conhecidos tem ocupado o lugar que deveria pertencer à análise rigorosa. É possível, entretanto, essa análise rigorosa quando muitas vezes faltam as ferramentas adequadas?

Ao contrário de Marx, Engels e Lenin – e até mesmo de Josef Stalin e de Mao Zedong – não existem edições padrão das obras de Trotsky. Em português não há uma compilação de obras escolhidas e sequer uma coletânea abrangente dos textos mais importantes.¹³⁹

No decorrer de nossa pesquisa confirmamos essa escassez de boas edições das obras de Trotsky, porém, nos últimos anos a Editora Sundermann tem feito um esforço para suprir essa lacuna, publicando boas edições de algumas importantes obras do autor, ainda que não traduzidas diretamente do russo.

Em relação às obras referentes ao Exército Vermelho, é preciso confessar que não tivemos em conta praticamente tipologia alguma, pois dada a raridade de trabalhos sobre o assunto publicados em português e a dificuldade em conseguirmos publicações estrangeiras, estabelecemos discussão com o que havia disponível. Novamente nos ressentimos das dificuldades (materiais e de tempo) de se conseguir obras de autores russos, o que seria bastante interessante e enriquecedor. Porém, feitas todas essas ressalvas e *mea culpa*, acreditamos que as obras aqui tratadas são amplamente representativas e suficientes para estabelecer a contribuição de nossa pesquisa, sobretudo, para a historiografia brasileira ou mesmo de língua portuguesa. Nossa pesquisa bibliográfica foi feita basicamente em espanhol, português e inglês, e tanto a partir dela como de referências de outros autores, constatamos que possivelmente não existe uma quantidade significativa de trabalho sobre os anos iniciais do Exército Vermelho, menos ainda específicos sobre o papel de Trotsky em sua formação. Assim, a contribuição da presente pesquisa de certa forma perpassa um pouco os limites da historiografia de língua portuguesa.

¹³⁹ BIANCHI, Álvaro. **Trotsky em português**: esboço bibliográfico. Campinas. IFCH/ Unicamp. 2005. p. 3.

O Comissário da Guerra

“Os homens da infantaria, obrigados a parar em cima da lama espezinhada da ponte, olhavam para os hussardos, asseados e elegantes, que diante deles iam desfilando galhardamente, com essa hostilidade especial, misto de inveja e de troça, que em geral se observa entre os vários corpos de um exército”.

Leon Tolstói – Guerra e Paz.

Após derrubar o chamado Governo Provisório e tomar o poder na Rússia em outubro de 1917, os bolcheviques promoveram uma série de medidas que desagradaram poderosos interesses, tanto internos quanto externos. Expropriaram sem indenização indústrias, grandes proprietários de terras e bancos, afetando boa parte da elite econômica já nos primeiros dias da revolução. Nas palavras do próprio Lênin percebemos claramente o caráter dessas medidas, que acarretaram descontentamento e despertaram a hostilidade das classes possuidoras (burguesia e proprietários de terras) contra o novo governo:

Em 26 de outubro de 1917 (8 de novembro de 1917), foi abolida a propriedade privada da terra sem indenizações dos grandes proprietários, foram expropriados também, sem indenização, quase todos os grandes capitalistas, os proprietários das fábricas, de empresas por acções, de bancos, de caminhos-de-ferro, etc (...) ¹⁴⁰

Dentro do próprio campo socialista os bolcheviques tiveram atritos, pois as medidas impostas pelo novo governo levaram ao rompimento com os mencheviques e com os Social-Revolucionários de direita.¹⁴¹ No plano externo, pelo tratado de *Brest-Litovsky*, os bolcheviques entraram em acordo com as potências centrais para uma paz em separado, o que contrariou sobremaneira os antigos aliados da Rússia na guerra, entre eles França e Inglaterra.

Já em 1918 o novo regime se viu envolvido em uma encarniçada Guerra Civil, onde os chamados “exércitos brancos”, contando com a ajuda estrangeira, colocaram o governo bolchevique em situação bastante crítica. Aliado a isso, o exército russo estava

¹⁴⁰ LENINE, V.I. **Obras Escolhidas**. Editora Alfa-Ômega. Tomo 3. São Paulo. 1980. p. 203.

¹⁴¹ Em outubro de 1917 o Partido Social-Revolucionário dividiu-se, formando dois outros partidos. De início, a “ala esquerda” participou do governo bolchevique, porém, logo foi colocada na ilegalidade por desacordos com a política oficial.

em franca decadência. Batendo em retirada nas várias frentes antes de *Brest-Litovsky*, com soldados questionando abertamente a autoridade de seus oficiais e deserções em massa, não era mais uma força militar digna de confiança para defender o novo regime. Um historiador bastante crítico da propaganda dos bolcheviques no exército disse que “a vista dos uniformes germânicos, os russos fugiam em pânico”.¹⁴² Nesse contexto Trotsky foi nomeado **Comissário do Povo para Guerra** e presidente do **Comitê Militar Revolucionário**, com a missão coordenar militarmente a defesa da ainda frágil república. Para isso deveria organizar um novo exército.

Apesar de a historiografia soviética, no período que Stalin esteve à frente do governo, ter praticamente banido Trotsky da história do Exército Vermelho, seus pares, a natureza de seu cargo militar e boa parte da historiografia confirmam seu papel de protagonista na construção daquele que posteriormente foi uma das forças militares mais poderosas do planeta. Fedotoff White, que não pode ser considerado um *trotskysta* ou mesmo simpatizante, escreveu:

Em março de 1918, Trotsky foi nomeado chefe da organização militar dos soviets. O trabalho de centralizar a direção das atividades relacionadas com as operações e a administração das forças armadas vermelhas, foi então encetado com ardor (...) Em 2 de setembro de 1918 o Conselho Militar Revolucionário da República foi criado com funções de coordenar todas as operações, da administração e do abastecimento do Exército Vermelho. Quer na frente, como em todo país. Trotsky foi eleito presidente desse Conselho (...) Dentro do Conselho de Guerra Revolucionário, o supremo comandante foi colocado em fortíssima posição (...).¹⁴³

A despeito de certa autonomia conferida ao Comissariado da Guerra e ao Conselho Militar Revolucionário, ambos presididos por Trotsky, todos os órgãos militares estavam submetidos ao **Conselho de Defesa**, sob a presidência de Lênin. Para ilustrar melhor o prestígio de Trotsky à frente do Exército Vermelho, vale citar um episódio relatado por um contemporâneo. Victor Serge, em sua biografia sobre Trotsky, relata uma passagem na qual Lênin, para demonstrar sua confiança em Trotsky, assinou um documento em branco subscrevendo qualquer decisão do Comissário da Guerra.¹⁴⁴ Esse episódio é relatado a partir de outras fontes por outros historiadores, como por exemplo, Isaac Deutscher.

¹⁴² PIPPES, Richard. p. 139.

¹⁴³ WHITE, Fedotoff. p.48.

¹⁴⁴ SERGE. Victor. p. 108.

Como presidente do Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Petrogrado, Trotsky teve importante papel na tomada do poder pelos bolcheviques. Porém, sua experiência militar anterior ao Comissariado da Guerra se resumia a isso e ao período em que trabalhou como correspondente do *Pensamento Kieviano* durante as Guerras Balcânicas e a Primeira Guerra Mundial. Portanto, quando falamos em “pensamento militar” de Leon Trotsky, não estamos nos referindo à idéias pré-formuladas a cerca da guerra ou das forças armadas, mas sim ao binômio teoria/prática, que elaborou e implementou no exército soviético durante o próprio curso guerra e posteriormente no período de desmobilização. O pensamento militar desse revolucionário foi construído em meio à Guerra Civil e à organização do Exército Vermelho, e dessa forma, se confunde com a própria história desse último. Assim, buscamos compreender as concepções militares de Trotsky no contexto do choque do ideário socialista com as necessidades prementes colocadas pela Guerra Civil e as particularidades sociais, econômicas e culturais da Rússia do período. Além disso, tentamos definir a natureza e o alcance de sua contribuição para a formação e o posterior desenvolvimento do Exército Vermelho.

Forjado em meio ao fogo da Guerra Civil, o Exército Vermelho não constituiu o fruto de um projeto único e linear, ao contrário, foi mais o resultado de diversas concepções e do choque entre o “ideal” e as “imposições” do contexto em que nasceu. Ferrenhos debates foram travados entre a “liderança militar”¹⁴⁵ do Partido em torno de quais os fundamentos do novo exército. É a partir desses debates que buscamos construir o que chamamos “pensamento militar” de Trotsky e, com isso, mostrar sua contribuição na formação do Exército Vermelho. Evidentemente Trotsky não foi o único ou o primeiro a defender essa ou aquela idéia. Contudo, em razão de ocupar os principais postos no governo soviético e no exército, ao empregar seu “capital político” na defesa de um projeto, esse ganhava outra dimensão e força. As discussões em torno do modelo do novo exército não se pautaram apenas por considerações de eficiência militar, pois na maioria das vezes as implicações políticas eram bem mais importantes. Nesse sentido, para entender o pensamento militar de Leon Trotsky temos que ter sempre em mente suas concepções políticas mais gerais.

¹⁴⁵ Quando falamos em liderança militar bolchevique, na maioria das vezes, não nos referimos a militares de carreira, oficiais com longa experiência de comando, mas sim, sobretudo a homens de partido, a políticos que por uma razão ou outra foram colocados em posição de comando no exército.

Para nossos fins selecionamos as principais questões que por certo tempo figuraram como possibilidades para o novo exército e a partir daí, abordaremos o papel de Trotsky nesses debates.

Milícias e exército permanente

I

O papel do exército em uma revolução sempre foi uma questão crucial para os social-democratas russos. Ainda em 1905, Trotsky afirmava a insuficiência da greve geral como mecanismo para a tomada do poder.

O velho poder estatal repousa em suas forças materiais e, sobretudo, no exército. O exército é um obstáculo numa verdadeira revolução. Em certo momento da revolução aparece a pergunta crucial: de que lado estão os soldados, suas simpatias e suas baionetas?¹⁴⁶

Lênin, representante dessa mesma tradição, afirmava em 1918 que “*o exército é o instrumento mais empedernido de apoio ao velho regime*”¹⁴⁷ e que dessa forma, “*nenhuma grande revolução prescindiu e nem pode prescindir da desorganização do exército*”.¹⁴⁸ Para ele a divisão da sociedade em classes conseqüentemente coloca as forças armadas como um instrumento de classe, as vezes muito mais dedicadas à defesa interna que externa. Tanto Lênin quanto Trotsky retomaram Clausewitz, sobretudo em relação à idéia de ser a guerra “*a continuação das relações políticas, com o complemento de outros meios*”.¹⁴⁹ Assim, os bolcheviques nunca cogitaram sustentar o poder revolucionário pelas baionetas do antigo exército.

O primeiro imperativo de qualquer revolução vitoriosa – Marx e Engels sublinharam-no muitas vezes – foi destruir o velho exército, dissolvê-lo, substituí-lo por um novo. A nova classe social que sobe ao poder nunca pôde e nem pode agora conseguir esse poder nem consolida-lo sem decompor por completo o antigo exército.¹⁵⁰

Ainda de acordo com essa tradição, o exército permanente não seria a forma mais adequada de defesa para um governo socialista, pois possibilitaria sempre o surgimento de uma casta militar separada do povo, não permitindo o controle deste

¹⁴⁶ TROTSKY, Leon. **A revolução de 1905**. p.115.

¹⁴⁷ LENINE, V.I. p. 45.

¹⁴⁸ IDEM.

¹⁴⁹ CLAUSEWITZ, Karl. **Da Guerra**. Editora Martins Fontes. 1979. p. 737.

¹⁵⁰ LENINE. V.I. p. 45.

sobre as forças armadas. Além disso, o exército permanente traria inevitavelmente a sombra do *bonapartismo*.¹⁵¹ Nesse sentido, de acordo com esse ideário socialista, armar o povo em milícias seria a forma de defesa mais adequada a um governo socialista. As milícias teriam a vantagem de inibirem o surgimento de uma casta militar, pois colocariam a defesa diretamente sob o controle do povo, além de não separarem o *trabalho das armas* do trabalho produtivo.

Em linhas gerais, as milícias seriam o armamento e treinamento do povo de acordo com as unidades produtivas, ou seja, fora da estrutura e disciplina tradicional do quartel. Além das vantagens acima citadas, as milícias seriam também economicamente vantajosas, uma vez que permitiriam que o *cidadão/soldado* continuasse seu trabalho produtivo. Em 1905 Lênin falava da importância do desmantelamento do exército permanente:

Em todos os lugares e em todos os países, o exército permanente não serve tanto contra o inimigo externo como contra o inimigo interno (...). Arranquemos o mal pela raiz. Desmantelemos totalmente o exército permanente. Que o exército se funda com o povo armado, que os soldados levem ao povo seus conhecimentos militares, que desapareçam os quartéis e dêem lugar a uma escola militar livre. Nenhuma força no mundo ousará atentar contra a Rússia livre se o povo armado, que liquidou a casta militar, que transformou todos os soldados em cidadãos e todos os cidadãos capazes de usar armas em soldados, for o baluarte dessa liberdade.¹⁵²

De acordo com o próprio Programa do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), adotado em 1903, com a derrubada do czarismo a nova Constituição deveria assegurar “*a substituição das Forças Armadas Regulares pelo armamento geral do povo*”.¹⁵³ Todavia, não obstante toda essa tradição o Exército Vermelho foi oficialmente constituído como uma força militar permanente e isso gerou intensos debates e descontentamentos tanto no Partido quanto no exército. Trotsky, como Comissário da Guerra, colocou-se de forma ativa no debate.

¹⁵¹ No “vocabulário bolchevique” do período, o termo era usado com bastante frequência. O medo de um “novo Bonaparte”, que fizesse uso do exército para subir ao poder era bastante comum entre a liderança do Partido. Aliás, era costume entre esses revolucionários sempre buscar uma analogia com a Revolução Francesa de 1789.

¹⁵² MARX, K; ENGELS, F; LÊNIN, V. **Escritos Militares**. Global Editora. São Paulo. 1981 P. 200.

¹⁵³ FELIPPE, Wiliam (org.). p. 57.

II

A primeira vista, parece que Trotsky representou uma espécie de “meio termo” nos debates sobre milícias e exército permanente. Em seu capítulo consagrado ao Exército Vermelho, Edward Carr¹⁵⁴ parece entender dessa forma. Porém, ao analisarmos os escritos de Trotsky, percebemos que seu posicionamento no debate era menos uma tentativa de conciliar dois grupos extremos e mais o fruto do pragmatismo exigido por seu cargo em relação com seu ideal de socialismo. Assim, suas propostas sobre a questão da milícia não são um meio termo, mas sim uma terceira opção. Já nos idos do X Congresso do Partido, em 1920, a vitória na Guerra Civil parecia assegurada e nesse contexto veio à tona novamente o debate sobre as formações territoriais.¹⁵⁵ Ali se encontravam as duas tendências às quais se refere Carr.

Podvoiski, um dos líderes da insurreição de outubro, defendia a tese de que com a paz alcançada pela vitória, o Exército Vermelho, como força permanente, deveria ser desmobilizado e substituído pelo sistema de milícias. Ainda de acordo com Edward Carr, o grupo encabeçado por Podvoiski não tinha muitos adeptos e era relativamente fraco. O grupo liderado por Smilga, ao contrário, defendia a continuidade do exército permanente em detrimento das milícias. O argumento central desse líder militar bolchevique sustentava-se no caráter esmagadoramente camponês da população russa. Sua preocupação era no sentido de o proletariado poder garantir a liderança militar mesmo armando a imensa Rússia rural.

Bem antes desses debates, ainda em 1918, com a Guerra Civil batendo às portas, não houve tempo para formar, treinar e colocar em condições de combate um sistema eficiente de milícias. Dessa forma, Trotsky liderou a formação do Exército Vermelho como força permanente, adestrada em quartéis e com um comando centralizado. Nesse processo e durante o tempo em que esteve à frente do Comissariado da Guerra e do Comitê Militar Revolucionário, perceberemos claramente o pragmatismo de Trotsky em relação às questões militares. Assim, as alegações de Fedotoff White¹⁵⁶ de que Trotsky era um “puritano revolucionário” não parecem se justificar, como veremos a partir de agora.

¹⁵⁴ CARR, E.H. **El socialismo em um solo país. 1924-1926**. Vol. 2.

¹⁵⁵ Nesse trabalho os termos “milícias”, “formações territoriais” e “batalhões territoriais” possuem um mesmo sentido, o que acontece também nas fontes estudadas.

¹⁵⁶ WHITE, Fedotoff. Ob. cit.

Um artigo de Trotsky publicado em 1926 ilustra bem o seu modo de pensar. Nesse texto ele combate uma tendência do Partido que defendia uma “cultura proletária”, ou seja, um grupo que acreditava que ao novo regime corresponderia mecanicamente uma nova cultura especificamente operária. Esse debate também se deu no campo militar, quando Frunze advogava em favor de uma doutrina militar marxista ou quando, como veremos, Trotsky enfrentou forte oposição ao empregar oficiais do antigo exército no comando do Exército Vermelho. Em todos esses casos Trotsky argumentava que toda conquista da humanidade deveria ser apropriada pelo proletariado e não descartada.

Contudo, dizemos à classe operária: Apropriem-se de toda cultura do passado, de outra maneira não construirão o socialismo (...). Se não esquecermos que a força motriz do processo histórico são as forças produtivas que liberam o homem do domínio da natureza, então compreenderemos que o proletariado necessita apoderar-se de toda a soma de conhecimento e da capacidade elaborada pela humanidade no curso de sua história, para poder emancipar-se e construir a vida sobre a base dos princípios de solidariedade.¹⁵⁷

Seu principal argumento era que quando a Rússia superasse seu atraso econômico e desenvolvesse suas forças produtivas, uma nova cultura e novas formas de organização militar teriam lugar. Antes disso, renegar toda conquista da humanidade e tentar criar artificialmente uma cultura ou doutrina militar proletária, seria não só absurdo, mas extremamente nocivo ao desenvolvimento da revolução. É nesse sentido que Trotsky entende a questão do exército permanente e das milícias. Sua preocupação central em 1918, como Comissário da Guerra, era criar um exército centralizado, disciplinado, uma força aos moldes dos exércitos permanentes tradicionais da Europa Ocidental. Em seu entendimento, do ponto de vista militar e no contexto da Guerra Civil, um exército permanente seria a única maneira de defender e consolidar o novo regime. A Guarda Vermelha, milícia operária do Partido, não poderia fazer frente à defesa da revolução nem do ponto de vista quantitativo e tampouco qualitativo. Em um discurso no Soviete de Moscou em março de 1918, o líder do Exército Vermelho dizia:

Mas agora, quando se trata de assegurar o trabalho criador necessário para o renascimento do país, quando se trata de assegurar a defesa da república soviética nas condições de cerco contra-revolucionário

¹⁵⁷ TROTSKY, Leon. **A Arte da Insurreição**. Editora Pulsar. São Paulo. 2000. p. 19.

internacional, esses destacamentos são insuficientes. Necessitamos de um exército de nova aparência, bem organizado.¹⁵⁸

Por princípio, ao menos após a revolução, Trotsky não era contra um exército permanente. Do ponto de vista estritamente militar ele entendia, ao menos nas condições econômicas da Rússia do período, o exército permanente como mais eficaz. Tanto é assim que em um debate em 1920, dizia que “*ainda seria melhor converter toda a nação em exército regular e criar outra nação para alimentar a primeira, mas são sonhos irrealizáveis*”.¹⁵⁹ Em um artigo de 1923, onde propunha a criação de um manual sobre guerra civil, Trotsky mostrava mais uma vez seu pragmatismo em relação às milícias nas condições econômicas presentes. Se durante o período de insurreição, entendia ele, elas eram fundamentais, posto que a descentralização das operações e a autonomia das unidades seriam indispensáveis para levar a um bom termo a tomada do poder, na guerra civil as milícias poderiam se converter em elementos de instabilidade.

Devemos, contudo, formular esta regra irrefutável: o poder revolucionário trabalha para incorporar os melhores destacamentos de milícias e os seus elementos mais seguros no sistema de uma organização militar regular. De outro modo, estes destacamentos de milícias poderiam sem dúvida tornar-se fatores de desordem, capazes de degenerarem em bandos armados ao serviço de elementos pequeno burgueses anarquizantes (...).¹⁶⁰

Dessa forma, percebemos que Trotsky não entendia o exército permanente como uma contradição insuperável em relação à fase de consolidação revolucionária. Tanto é assim que em suas teses, que foram adotadas pelo VIII Congresso do Partido em 1919, ele rebateu a crítica de que o Exército Vermelho, tal qual estava organizado, abria caminho ao *bonapartismo*. Para Trotsky esse fenômeno era mais o fruto do controle do exército por determinadas classes sociais e das relações de classe no seio da própria sociedade, e não uma consequência do exército permanente em si. Aqui, mais uma vez valem as palavras do próprio Trotsky:

A agitação levada a cabo pelo campo da democracia burguesa (social revolucionários, mencheviques) contra o Exército Vermelho, como aparição do militarismo e ponto de partida para um futuro

¹⁵⁸ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo I. Ruedo Ibérico. France. 1976. p. 21.

¹⁵⁹ IDEM. Tomo II. p. 128.

¹⁶⁰ TROTSKY, Leon. **A Arte da Insurreição**. p. 48.

bonapartismo, não é mais que expressão da ignorância política ou do charlatanismo, ou de uma mescla de ambos.

O bonapartismo não é produto de uma organização militar como tal, senão produto de determinadas relações sociais. A premissa necessária ao surgimento do bonapartismo residia na predominância política da pequena burguesia (...). O bonapartismo se apoiou no campesino acomodado (...) Desde o momento em que o apoio social principal do bonapartismo é o campesino Kulak, a mesma composição social de nosso exército, da qual se exclui e se expulsa o Kulak, representa uma séria garantia contra as tendências bonapartistas.¹⁶¹

Para entendermos a posição de Trotsky em relação ao exército permanente é preciso termos em conta o que talvez seja o pilar central de seu pensamento político, aquilo que convencionalmente é chamado de *trotskyismo*: o internacionalismo e a idéia da Revolução Permanente. Para Trotsky a sorte da Revolução Russa estava umbilicalmente ligada à revolução européia, nesse sentido, em vários trabalhos deixa claro que o exército revolucionário, no caso o Exército Vermelho, teria um papel a desempenhar não apenas na defesa da república vermelha, mas também no “auxílio” às revoluções em outros países. Em um discurso publicado no *Pravda* em 1918, ainda quando o Exército Vermelho estava em seus primórdios, Trotsky dizia:

Necessitamos de um exército que nos converta em uma força poderosa para o inevitável combate que se avezinha com o imperialismo internacional. Com ajuda deste exército não só nos defenderemos a nós mesmos, mas também poderemos facilitar a luta do proletariado internacional.¹⁶²

Em 1924, quando ainda era Comissário da Guerra, falando à *Sociedade das Ciências Militares* Trotsky argumentava que o Exército Vermelho deveria combinar a “guerra defensiva” com “*a guerra civil no campo do inimigo*”.¹⁶³ Apesar de não ser um tema central em seus escritos, ao longo de toda sua obra enquanto dirigente militar Trotsky ressaltou esse papel externo que teria o Exército Vermelho. A idéia ganha contornos ainda mais nítidos quando entendida dentro do conceito central de “Revolução Permanente”.

Apesar de não dizer claramente, parece evidente que ao defender a necessidade de um exército permanente Trotsky estava levando em consideração essa “função

¹⁶¹ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo I. p. 199.

¹⁶² IDEM. p. 18.

¹⁶³ TROTSKY, Leon. **Problemas da Guerra Civil**. Editora Antídoto. 1 Edição. Lisboa. 1977. p. 50.

internacional” do Exército Vermelho. Um exército territorial, de milícias, teria mais um caráter defensivo, não podendo cumprir essa função de “auxiliar” de revoluções. Porém, apesar disso, acreditava que a revolução não deveria ser “levada na ponta das baionetas” e assim, o Exército Vermelho teria sim um papel nas revoluções estrangeiras, mas “*um papel auxiliar e não principal*”.¹⁶⁴

Não podem (as Forças Armadas) apressar o desfecho e facilitar a vitória a não ser que existam condições favoráveis. “A intervenção militar é útil como o fórceps do parteiro; usado a tempo, pode abreviar as dores do parto; mas prematuramente só pode causar abortos”.¹⁶⁵

Ao que parece isso não era mero discurso de Trotsky, pois em 1920 durante a guerra contra a Polônia, foi um dos únicos líderes do Partido a se posicionar contra a idéia de “exportar” a revolução para Varsóvia através do Exército Vermelho, ao menos no princípio.

III

A defesa que Trotsky fez da necessidade do exército permanente e a cautela que demonstrou em relação às milícias, não faz parte de uma concepção *a priori*, mas sim, repousa nas especificidades econômicas da Rússia desse período imediato pós Revolução de Outubro. Para uma compreensão correta do “pensamento militar” de Trotsky levamos em conta algumas considerações contextuais.

A revolução que deveria construir o socialismo através da ditadura do proletariado foi feita em um país onde a esmagadora maioria de sua população era composta por camponeses. Assim, a liderança da revolução caberia a uma minoria em meio à imensidão do campo russo. Conforme Richard Pipes, “*talvez o maior paradoxo do golpe de outubro tenha sido a tentativa (...) de introduzir uma ditadura do proletariado num país cuja classe operária (...) equivalia no máximo à 2% da população*”,¹⁶⁶ sendo mais de 80% dos habitantes camponeses. Apesar da teórica aliança entre operários e camponeses nos discursos do governo, a desconfiança de parte

¹⁶⁴ TROTSKY, León. **A Revolução Traída**. Tradução de M. Carvalho e J. Fernandes. Centauro Editora. São Paulo. 2008. p. 214.

¹⁶⁵ IDEM.

¹⁶⁶ PIPES, Richard. p. 223.

dos marxistas russos para com o campo era histórica. Logo após a Revolução de 1905, Trotsky comentava:

O cretinismo local é a maldição histórica de todas as insurreições camponesas. Só se libertam dessa maldição na medida em que deixam de ser movimentos puramente camponeses e se unem aos movimentos revolucionários das novas classes sociais.¹⁶⁷

Ao longo desse trabalho, Trotsky deixa claro que a revolução seria levada sob a liderança do proletariado, não dos camponeses e nem da pequena burguesia urbana.

Com a Guerra Civil a produção, tanto industrial como agrícola, foi desorganizada. A indústria russa já não conseguia abastecer o campo, que desse modo, não se interessou em suprir as necessidades das cidades. A aliança cidade/campo ficou inexoravelmente comprometida. Victor Serge, um bolchevique da época, algum tempo depois ilustrou bem a situação: “*os camponeses ricos recusavam o trigo às cidades, pois estas só lhe davam em troca papel-moeda depreciado*”.¹⁶⁸ Para tentar resolver o problema de abastecimento das cidades o governo fomentou a luta no campo. Incitou os camponeses pobres contra os “ricos” e criou batalhões especiais para “requisitar” grãos. Um defensor das medidas promovidas pelos bolcheviques na época, portanto insuspeito de exagerar nessa questão, é Victor Serge:

Foram então decididas três grandes medidas revolucionárias, destinadas a levar resolutamente a guerra de classes para os campos: formação de comitês de camponeses pobres, requisição dos excedentes de trigo, envio de destacamentos operários de abastecimento.¹⁶⁹

Quanto a essas “requisições forçadas” de gêneros agrícolas existe certo consenso na historiografia, sendo as divergências referentes à interpretação do significado dessa política. Tanto um historiador hostil aos bolcheviques, como Richard Pipes, como um *trotskyista* tal qual Deutscher, concordam quanto a essa hostilidade entre cidade/campo. Trotsky mesmo, enquanto era Comissário do Povo para Guerra, comentou a tensa relação do novo governo com o campo.

¹⁶⁷ TROTSKY, Leon. **A revolução de 1905**. p. 65

¹⁶⁸ SERGE, Victor. p.344. Cabe aqui um aparte, pois quando os bolcheviques falam que “camponeses ricos ou Kulaks” se recusavam a vender gêneros agrícolas, temos que ter em mente que para eles esse conceito era bastante elástico. Assim, eram considerados “camponeses ricos” aqueles que tinham um pouco a mais que o mínimo para subsistência ou mesmo os que não aceitavam o poder soviético.

¹⁶⁹ IDEM.

Mas a desorganização econômica do país (...) privou as cidades de abastecerem o campo com os produtos da indústria têxtil ou metalúrgica (...) A indústria, contudo, não podia deixar de tirar do campo alguns produtos (...) Mas as massas camponesas não são capazes de se elevarem até o ponto-de-vista histórico (...) negaram os seus cereais, achando pouco vantajosa a sua venda se não receberem em troca tecidos, petróleo, etc. (...) Por uma série de lições, algumas bem cruéis, os camponeses das camadas médias se convenceram de que o regime dos soviets (...) impunha por sua vez aos camponeses novas obrigações e sacrifícios (...) Houve levantes de camponeses acomodados (...).¹⁷⁰

Por fim, além de toda essa tensão gerada por uma revolução socialista em uma nação camponesa, os “altos ideais” de igualdade do ideário socialista deveriam realizar-se em um meio bastante diferente daquele que provavelmente Marx e Engels imaginaram. Uma passagem de um conto de Isaac Babel, que integrou a *Cavalaria Vermelha* durante a guerra contra a Polônia e que escreveu suas impressões sobre o cotidiano e o dia-dia dos soldados vermelhos, ilustra bem o meio cultural em que os bolcheviques buscavam construir o socialismo:

Chegamos a uma cabana pintada com guirlandas. O intendente parou e subitamente, sorrindo de uma maneira culpada, disse: “Como vê aqui implicamos com quem usa óculos. Não há nada que se possa fazer. Um homem muito distinto, aqui vai ser esmagado e cuspidado – mas se desonrar uma mulher, sim, a mais pura das senhoras, os companheiros vão amá-lo...”.¹⁷¹

Nesse contexto é que colocamos o “pensamento militar” de Trotsky. Quando defende o exército permanente e quando mostra sua preocupação em relação às “milícias populares”, têm em mente justamente essas características da Rússia da época. Como armar a população em forma de milícias quando a esmagadora maioria desta estava em conflito aberto com o novo regime? Mesmo sendo o exército permanente também composto esmagadoramente por camponeses, o comando centralizado e as rédeas do Partido, ajudados por essa estrutura, garantiriam um melhor controle. Por isso Trotsky defendeu a manutenção e necessidade do exército permanente e rejeitou o conceito de milícia popular. Porém, apesar disso ele não renegou o sistema de milícias como um todo.

¹⁷⁰ TROTSKY, Leon. **Terrorismo e Comunismo**. p. 118-119.

¹⁷¹ BABEL, Isaac. **Contos Escolhidos**. Editora: A Girafa. São Paulo. 2002. p. 269.

IV

Trotsky, que tanto se empenhou na construção e manutenção do Exército Vermelho como força permanente e regular, foi um defensor entusiástico e contribuiu para implantar o sistema de milícias nas forças militares soviéticas. Isso pode parecer contraditório a primeira vista, mas basta uma análise mais aprofundada de seus escritos para a contradição logo desaparecer. Em polêmica com um oficial do antigo Exército Imperial, que na ocasião servia aos “vermelhos” na condição de professor da Academia Militar, o Comissário da Guerra mostra toda sua acidez frente à crítica que Svechin fez ao programa de milícias.

Se o professor Svechin pensa que o partido comunista chegou ao poder para substituir o quartel tricolor pelo quartel vermelho, quer dizer que não assimilou muito bem o programa das três internacionais.¹⁷²

Ao longo de boa parte dos escritos de Trotsky, enquanto líder do Exército Vermelho, encontramos referências à validade das milícias como forma de defesa. Porém, precisamos distinguir aquilo que era apenas uma afirmação de princípios, um ideal a ser implantado em um futuro distante, daqueles projetos a serem colocados em prática já no contexto do período. Em seus *“Escritos Militares”*, quando aborda a questão das milícias, com frequência cita o socialista francês Jean Jaurés, que publicou em 1910 *“L'Armée Nouvelle”*, onde defendia o conceito de milícias populares. Trotsky parece muito influenciado por Jaurés, porém, rejeitou o conceito de “milícias populares” para aquele momento e o substituiu pelo de “milícias de classe”. Para Trotsky, o armamento geral da população, o soldado/cidadão, só se daria com o desaparecimento da luta de classes e conseqüentemente com o esfacelamento do Estado sob o comunismo. Nesse contexto sim, seriam viáveis as milícias populares. Vale a pena atentar para a comparação que faz entre a sociedade comunista vindoura e as comunidades primitivas:

O regime comunista necessitará tão pouco do quartel para a educação de seus membros como os membros da comunidade primitiva de pastores e caçadores (...) Nem ali nem aqui há interesses antagonistas. Daí, que no momento de perigo está assegurada, por antecipado, a participação voluntária e consciente na luta de todos os membros da

¹⁷² TROTSKI, Leon. *Escritos Militares*. Tomo II. p. 122.

sociedade instruídos militarmente, sem necessidade de nenhum espírito de corpo artificial.¹⁷³

O próprio programa do Partido, adotado pelo Congresso de 1919, contemplava essa diferença:

O Exército Vermelho, como arma da ditadura do proletariado, deve possuir necessariamente um franco caráter classista, a dizer, que não de compor-lo o proletariado e os estratos semi-proletários do campesinato e afins aos operários. Só quando se chegar a abolir as classes, este exército classista se transformará em milícia socialista de todo o povo.¹⁷⁴

Mesmo as milícias populares pertencendo a um futuro mais ou menos longínquo sob os fundamentos do comunismo, Trotsky defendeu a formação das milícias de classe, ou seja, o armamento de operários e camponeses pobres, excluindo aqueles elementos abertamente ou potencialmente hostis ao novo regime. Nesse momento de transição para o comunismo, a preocupação em privar “as classes contra revolucionárias” de armas era grande. Assim, tanto no Exército Vermelho permanente quanto nas milícias a serem formadas, *“em sua base colocaremos a massa operária, que é a mais consciente; depois o campesinato, começando pelos camponeses pobres”*.¹⁷⁵

De Jaurés, Trotsky traz com frequência a necessidade de se colocar a formação militar perto das unidades produtivas e esse parece ser o aspecto principal de sua concepção de milícias. Trotsky, como enfatizamos, é antes de tudo um revolucionário preocupado com a construção e manutenção do regime, nesse sentido, as milícias não seriam o fruto de um ideal abstrato e sem fundamentos no contexto político-econômico, ao contrário. Ao longo de suas cartas, artigos, teses e discursos, Trotsky deixa claro que sua defesa do sistema de milícias fundamenta-se em uma preocupação, sobretudo, econômica. Em um discurso no ano de 1920 enfatizou:

Perante nós se apresenta um problema real. Nem um só país – e o nosso menos que nenhum outro – pode manter um exército regular permanente que responda às necessidades reais de uma verdadeira guerra em escala mundial ou européia. E se tentar-se manter um exército semelhante, não se obterá mais que um aborto (...).¹⁷⁶

¹⁷³ IDEM. p. 123.

¹⁷⁴ Em: CARR, E.H. **El socialismo em um solo país. 1924-1926**. Vol. 2. p. 372.

¹⁷⁵ TROTSKI, Leon. **Escritos Militares**. Tomo II. p. 135.

¹⁷⁶ IDEM. p. 134.

Em 1936, após ser banido da União Soviética, Trotsky comentou o abandono do sistema de milícias pelo governo soviético. Mais de dez anos após ser demitido de seu cargo militar, sua preocupação com o fator econômico ainda era evidente quando disse que “*a URSS paga caro a sua defesa, por ser demasiado pobre para ter um exército territorial que se tornaria mais barato*”.¹⁷⁷

Em 1920 a preocupação com a reestruturação econômica, tanto da indústria como do campo, parece ter influenciado fortemente Trotsky. Sua defesa do sistema de milícias não se fundamentava tanto no sentido de essa ser a forma mais adequada ao socialismo, mas sim de constituir a melhor maneira de se manter as defesas do Estado adequadamente sem com isso onerar os cofres públicos com a manutenção de um Exército Vermelho permanente de cerca de 5.000.000 de homens.

Há que ligar entre si o povo e o exército. No processo da produção há que aproximar o povo ao exército, ao mesmo tempo em que o exército ao processo de trabalho na fábrica e no campo (...). A milícia significa organização, controle adequado do material humano, e na medida do possível, reduz ao mínimo a separação das massas populares do trabalho. Nisso consiste seu mérito principal.¹⁷⁸

As propostas de Trotsky sobre o sistema de milícias se consolidaram no IX Congresso do Partido, de 1920. As teses apresentadas pelo Comissário da Guerra tiveram por contexto a iminente vitória na Guerra Civil e assim, foram aprovadas sem maiores discussões. Seguem alguns trechos das teses:

2. É necessário estabelecer, por outra parte, que a república socialista não pode considerar-se, de modo algum, fora de perigo (...). Daí a necessidade de manter a defesa militar da revolução na devida altura.
3. Ao presente período de transição – que pode ser longo – deve corresponder um tipo de organização das forças armadas que permita dar aos trabalhadores a necessária instrução militar com a mínima separação possível do trabalho produtivo. Tal sistema não pode ser outro que a Milícia vermelha, operária e camponesa, construída sobre o princípio territorial (...).
- 5 A distribuição territorial das tropas milicianas (regimentos, brigadas, divisões) deve ser adaptada à distribuição territorial da indústria de modo que os centros industriais, com sua periferia camponesa, formem a base das unidades milicianas (...).¹⁷⁹

¹⁷⁷ TROTSKY, León. **A Revolução Traída**. p. 218.

¹⁷⁸ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo II. p. 134-136.

¹⁷⁹ IDEM. p. 138-139.

A preocupação de Trotsky em aproximar formação militar e trabalho produtivo era tanta durante a primeira metade da década de 1920 que defendeu algumas posições que lhe custaram muito de seu “capital político”. Em 1920 advogou em defesa da “militarização do trabalho”. Partindo da idéia de que “*o homem é um animal muito preguiçoso*” e “*segundo a regra geral, o homem procurará livrar-se do trabalho*”,¹⁸⁰ o único meio eficaz para garantir a mão-de-obra necessária à construção do socialismo seria o trabalho obrigatório. Nesse sentido, os métodos de militarização seriam essenciais para o êxito do projeto. Em linhas gerais a militarização do trabalho consistiria em aplicar os métodos de disciplina dos quartéis aos camponeses e operários.

Por que falamos de militarização? (...) Nenhuma organização social, afora o exército, se tem julgado com o direito de subordinar tão completamente os cidadãos, dominando-os inteiramente pela sua vontade, como o governo da ditadura proletária. Somente o exército precisamente porque resolveu à sua maneira as questões de vida e morte das nações, dos Estados, das classes dirigentes, adquiriu o direito de exigir do indivíduo uma submissão completa aos trabalhos, aos fins, aos mandatos e ao regulamento.¹⁸¹

Nessa mesma linha de pensamento, ainda em 1920, Trotsky colocou na “ordem do dia” a iniciativa de se usar o exército, especificamente tropas não desmobilizadas que estivessem fora de áreas de combate, em várias frentes de trabalho. A mão-de-obra dessas tropas era aplicada no corte de madeira, construção de estradas, minas etc. Nesses casos a relação entre trabalho e militarismo é diferente, uma vez que não estava ligada diretamente à defesa e sim a economia, porém, vem corroborar nossa tese de que a preocupação central de Trotsky ao defender o sistema de milícias estava ditada mais por motivos econômicos que exclusivamente de eficiência militar.

V

Tendo em vista o que já foi colocado e as próprias palavras de Trotsky, percebemos que ao mesmo tempo em que defendia a necessidade do exército permanente, tomou medidas para a implantação do sistema de milícias territoriais. Não milícias populares, mas sim com nítido caráter de classe e controladas pelo Partido. A substituição do Exército Vermelho regular pelas milícias territoriais deveria ser gradual,

¹⁸⁰ TROTSKY, Leon. **Terrorismo e Comunismo**. p. 138.

¹⁸¹ IDEM. p. 146.

tendo em conta sempre as perspectivas internacionais e as implicações internas. Trotsky ressaltou isso constantemente e sua tese foi adotada pelo IX Congresso do Partido:

7- A transição para o sistema miliciano deve ter obrigatoriamente um caráter gradual em função da situação militar e diplomática internacional da República soviética, sob a condição expressa de que a potencialidade defensiva dessa se mantenha em todo momento à devida altura.¹⁸²

O sistema de milícias concebido por Trotsky implicava o armamento, primeiramente, da população de regiões “pacificadas” pelos bolcheviques, sobretudo grandes centros urbanos com um número significativo de operários. Tais milícias territoriais também deveriam ser controladas pelo Partido, assim, mesmo nesse sistema o Comissário da Guerra defendia a necessidade de centralização. As milícias não teriam grande autonomia, mas seriam controladas e “educadas” de acordo com as diretrizes partidárias. De acordo com Trotsky, no processo de desmobilização do exército permanente os quadros mais confiáveis deveriam ser “*distribuídos da maneira mais racional, a melhor adaptada às condições de vida e de produção locais, a fim de assegurar um aparato eficiente de direção das unidades milicianas*”.¹⁸³

A fórmula defendida por Trotsky e que começou a ser implementada ainda na época que estava à frente do Exército Vermelho, na verdade era uma combinação de exército permanente e milícias. Em discurso de 1920 dizia que mesmo com a necessidade de desmobilização do exército permanente e a formação das unidades territoriais, seria necessário guardar “*certo número de divisões para as zonas fronteiriças*”.¹⁸⁴ Na mesma ocasião ressaltou que para algumas especialidades militares a necessidade de uma preparação mais prolongada não poderia dispensar o quartel ou a escola militar. Em 1936, ao criticar o fim das unidades territoriais, Trotsky deixava claro sua fórmula mista:

A insuficiência das vias férreas, das estradas e das vias fluviais, a falta de auto-estradas, a fraqueza do transporte terrestre, condenam o exército territorial, nas primeiras semanas críticas e nos primeiros meses de guerra, a uma extrema lentidão. Para assegurar a cobertura das fronteiras durante a mobilização, assim como os transportes

¹⁸² TROTSKI, Leon. **Escritos Militares**. Tomo II. p. 139.

¹⁸³ IDEM.

¹⁸⁴ IDEM. p. 137.

estratégicos e a concentração das forças, é necessário dispor ao mesmo tempo que das milícias, de um exército permanente.¹⁸⁵

Nesse trecho, escrito mais de dez anos após o período em que liderou a construção do Exército Vermelho, Trotsky argumentava em favor desse sistema misto enfatizando as deficiências de transporte na imensidão do território soviético. Porém, é possível dizer, pelo que vimos até agora, que quando defendeu a formação das primeiras milícias sem a total desmobilização do exército permanente, tinha em conta, sobretudo, a população esmagadoramente rural do período. Dessa forma, o sistema misto teria a vantagem de proporcionar a desmobilização de parte significativa do Exército Vermelho, medida essa necessária do ponto de vista econômico, e ao mesmo tempo, manter certas reservas do exército permanente, uma vez que boa parte da população podia se mostrar hostil ao novo regime em determinados momentos. Como já vimos, a noção de “armar o povo” substituindo completamente o exército permanente por milícias, para Trotsky era algo realizável apenas sob o comunismo. O ideal, nesse período de transição, seria a combinação dessas duas formas de defesa.

VI

A partir de 1922, com a NEP, que significou o fim das requisições forçadas de gêneros agrícolas e certa liberdade de comércio para os camponeses, o regime parecia se “reconciliar” com o campo e nesse contexto, a formação de milícias territoriais se tornava menos problemática.

Uma vez que os camponeses compreenderam que não iam ser mobilizados para combater, e nem sequer para afastá-los de seus lugares, senão tão somente para um período de instrução, aceitaram o novo sistema com serenidade. O velho argumento contra as milícias, baseado na suposta deslealdade dos camponeses e na pouca confiança que inspiravam, se foi desvanecendo. O novo Exército Vermelho territorial se converteu no símbolo da reconciliação do camponês com o regime, a dizer, um produto típico do período da NEP.¹⁸⁶

A vitória na Guerra Civil e a necessidade de reconstrução econômica também proporcionaram um impulso para a formação das unidades territoriais. Uma vez que era preciso desmobilizar os cerca de cinco milhões de homens do Exército Vermelho e ao

¹⁸⁵ TROTSKY, León. **A Revolução Traída**. p. 218.

¹⁸⁶ CARR. E.H. **El socialismo em um solo país**. vol. 2. p. 22-23.

mesmo tempo manter a capacidade defensiva em níveis adequados, a formação de unidades territoriais poderia ser útil. Conforme Edward Carr,¹⁸⁷ dos 4.400.000 homens de 1921, o Exército Vermelho foi reduzido a 560.000 em 1923. Nesse mesmo ano, ainda com Trotsky à frente, foram formados os primeiros batalhões territoriais, que nesse período correspondiam a 17% do exército. A tendência foi essa proporção aumentar em favor das formações territoriais, tanto que em 1926 compreendiam 65% do exército e em 1935 chegaram a 74%.

Em 1924, com morte de Lênin e a briga em torno da “sucessão”, Trotsky passou a se dedicar mais às lutas intrapartidária. Nesse momento cresceu a rejeição às suas políticas e como gostam de enfatizar alguns autores, a sua personalidade excessivamente marcada pela arrogância. Seus partidários no Exército Vermelho foram sendo gradativamente expurgados, até que em 1925 ele mesmo foi substituído por Frunze em seus cargos militares. Edward Carr e Fedotoff White enfatizam que Frunze, no curto período em que esteve à frente do Exército Vermelho, “*estabeleceu a forma que conservaria o Exército Vermelho durante quase uma década*”.¹⁸⁸ Os dois autores, entre outras questões, se referem ao papel de Frunze na adoção desse “modelo misto”. Frunze pode até ter regulamentado o modelo, porém, durante o período em que foi Comissário da Guerra Trotsky lançou as bases para tal. Enquanto muitos desconfiavam e até rejeitavam o exército permanente, Trotsky empenhou seu “capital político” na defesa e construção do Exército Vermelho como força permanente. Por outro lado, no IX Congresso lançou as bases para a formação das milícias e durante o período em que foi a “figura maior” do Exército Vermelho, lutou pela coexistência desses dois modelos, o de milícias e o regular.

Oficiais e Comissários

I

No período anterior à Revolução de Outubro, especificamente durante a Primeira Guerra, as organizações bolchevistas estiveram ativas no exército czarista,¹⁸⁹ promovendo intensa propaganda em suas fileiras. Defendiam o fim da “guerra

¹⁸⁷ IDEM.

¹⁸⁸ IDEM, p. 398.

¹⁸⁹ Nesse trabalho os termos “antigo exército”, “Exército Imperial Russo”, e “exército czarista”, possuem um mesmo significado.

imperialista” e o início da guerra civil. Colocavam a relação entre soldados e oficiais na perspectiva da luta de classes, dessa forma, o soldado, geralmente camponês ou trabalhador pobre, deveria insurgir-se tanto contra a guerra imperialista como contra seus oficiais, representantes da “reação” e das “classes possuidoras”.

Durante o Governo Provisório, quando a Rússia ainda mantinha seus compromissos beligerantes, a hostilidade dos soldados para com seus oficiais ficou bastante acentuada, chegando mesmo a colocar “em xeque” a possibilidade combativa do exército russo. Há praticamente um consenso em torno dessa insubordinação e aversão dos soldados contra a oficialidade. Fedotoff White relata uma situação que de certa forma era frequente nas linhas de frente:

O antagonismo entre oficiais e soldados é ilustrado por um telegrama enviado pelo chefe do Estado Maior no Quartel General do Ministro da Guerra, em 24 de março de 1917, relatando a prisão e remoção das respectivas posições, do coronel e de três comandantes de batalhão do 68 Regimento de Fuzileiros siberianos, pelos soldados e oficiais subalternos do mesmo.¹⁹⁰

Nos primeiros capítulos de seu livro, Fedotoff White cita várias correspondências entre oficiais relatando esse estado de espírito na tropa. O autor atribui isso, sobretudo, à propaganda socialista, principalmente a bolchevique. No seu entender, a capacidade combativa do Exército Imperial foi desintegrada principalmente pela agitação revolucionária.

Trotsky, já em 1930, também cita inúmeras ocasiões de insubordinação dos soldados para com os oficiais. Fundamentado em documentos da época, relata até mesmo casos de oficiais assassinados pelos soldados. Porém, ao contrário de White, Trotsky atribui essas revoltas principalmente às condições concretas da guerra; aos maus tratos e humilhações sofridas pelos soldados, como por exemplo, o uso da chibata e outras surras; e às esperanças de uma vida melhor trazidas pela Revolução de Fevereiro.

A Revolução de Fevereiro não criou o divórcio entre os soldados e os oficiais, apenas o revelou. Na mentalidade dos soldados, o levante contra a monarquia era, antes de mais nada, um levante contra o corpo de oficiais. “Desde a manhã do dia 28 de fevereiro”, escreve o cadete Nabokov que, naqueles dias, usava um uniforme de oficial, “tornou-se perigoso sair de casa, pois começavam a arrancar as

¹⁹⁰ WHITE, Fedotoff. p. 14.

dragonas dos oficiais”. Era assim que se apresentava à guarnição o primeiro dia do novo regime!¹⁹¹

Esse descontentamento e verdadeira aversão em relação aos oficiais ficam evidentes também em uma ordem do Soviete de Petrogrado, datada de março de 1917:

Decidiram os representantes do Soviete dos Soldados e Operários:

6. (...) A posição de sentido e a continência obrigatória fora do serviço ficam particularmente abolidas.

7. Do mesmo modo fica abolido dirigir-se aos oficiais por títulos: S. Excelência, S. Alteza, etc., os quais são substituídos pelas formas de tratamento: Sr. General, Sr. Coronel, etc.

O tratamento grosseiro dos soldados de qualquer categoria, e especialmente o tratamento tu, que lhes é dispensado, fica proibido; e os soldados estão na obrigação de trazer ao conhecimento das juntas qualquer violação desta regra, bem como qualquer desentendimento entre oficiais e soldados.¹⁹²

Marc Ferro, em sua obra dedicada à Primeira Guerra Mundial, salienta que esse documento expedido pelo soviete foi interpretado “de forma bastante ampla pelos soldados”, que acabaram por destituírem do comando certo número de oficiais. Geralmente, as queixas contra os oficiais eram: “*linguagem grosseira, vias de fato com os soldados, injustiças, sanções excessivas, abuso de autoridade.*”¹⁹³ Para ilustrar a gravidade da situação, Ernst Nolte salienta que na base naval de Kronstadt, “90% dos oficiais havia sido detidos e se encontrava sob vigilância, enquanto que os oficiais livres não podiam usar ombreiras, posto que estas lhes eram arrancadas em seguida ‘pelos piores elementos da tropa’”.¹⁹⁴

Seja pela propaganda revolucionária, pelos maus tratos, pela insatisfação com a própria guerra, ou pela conjunção de todos esses fatores, como parece ser o caso, o fato é que o antagonismo entre soldados e oficiais era evidente após fevereiro de 1917. Esse “ódio” aos oficiais e esse clima hostil era compartilhado tanto por soldados como pelos membros do Partido Bolchevique. Esse sentimento constituiu um importante obstáculo que Trotsky teve que superar quando da formação do Exército Vermelho.

¹⁹¹ TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Vol 1. A queda do tzarismo. Editora Paz e Terra. Edição. Rio de Janeiro. 1977. p. 217.

¹⁹² McCAULEY, Martin. **The Russian revolution and the Soviet State (1917-1921)**. DOCUMENTS. Macmillan Press. London. 1980. p. 23.

¹⁹³ FERRO, Marc. **A Grande Guerra**. 1914-1918. Edições 70. Lisboa. 1993. p. 237.

¹⁹⁴ NOLTE, Ernst. **La guerra civil europea, 1917-1945**. Nacionalsocialismo y bolchevismo. Fondo de Cultura Económica. México. 1994. p. 50.

Ao chegarem ao poder em outubro de 1917, a única força militar realmente bolchevista era a Guarda Vermelha, uma espécie de milícia composta, sobretudo, por trabalhadores industriais. Formada inicialmente em Petrogrado, contava com cerca de 10.000 homens, porém, antes mesmo de outubro de 1917 outras cidades industriais já dispunham de suas unidades da Guarda Vermelha. Apesar de sua atuação decisiva na insurreição de outubro e em outros episódios, a Guarda Vermelha não era uma força militar profissional e tampouco convenientemente adestrada. Assim, quantitativamente e qualitativamente suas possibilidades combativas eram bastante restritas.

Os bolcheviques conseguiram também o importante apoio de algumas unidades militares, como por exemplo, o Regimento de Fuzileiros Lituanos, que chegou a ser responsável inclusive pela segurança pessoal de Lênin. Também contaram com considerável contingente de marinheiros, sobretudo de Helsinki e Kronstadt. Porém, apesar dessas unidades poderem constituir o núcleo do Exército Vermelho, os bolcheviques não contavam com oficiais treinados e experimentados para comandarem esse “novo exército”. Com a Guerra Civil batendo às portas, tampouco dispunham de tempo para formar um corpo de oficiais a partir de elementos confiáveis ao regime.

II

Nesse contexto de Guerra Civil e em meio à rejeição generalizada aos oficiais do “antigo exército”, tanto pelos soldados como dentro do próprio Partido Bolchevique e sua base de apoio,¹⁹⁵ Trotsky defendeu vigorosamente a utilização desse “pessoal de mando” do antigo regime no novo exército.

A classe operária e as massas trabalhadoras camponesas não promoveram, e não podem promover imediatamente de seu próprio seio novos chefes militares, novos dirigentes técnicos. Já o previram todos os teóricos do socialismo científico. O proletariado se vê obrigado a tomar ao seu serviço aqueles que serviram às outras classes. O qual concerne também, plenamente, aos especialistas militares.¹⁹⁶

A questão tinha um caráter bastante pragmático, pois em razão da falta de experiência, treinamento, conhecimento e habilidades, tanto dos membros do Partido

¹⁹⁵ Logo que chegaram ao poder os bolcheviques tiveram o apoio dos Social-Revolucionários de Esquerda.

¹⁹⁶ TROTSKI, Leon. **Escritos Militares**. Tomo 1. p. 103.

quanto das classes que buscavam representar, era necessário selecionar profissionais com essas qualidades no funcionalismo do antigo regime, isso, tanto no exército como em outros setores da economia. Em um discurso publicado no *Pravda* em março de 1918, Trotsky advertia que assim como a indústria precisava de engenheiros e a agricultura de agrônomos, a defesa da república necessitava de especialistas militares.¹⁹⁷ Dessa forma, o Comissário da Guerra se contrapõe aos grupos que achavam que o novo governo poderia prescindir de toda tradição do antigo regime. Em um informe à organização bolchevique de Moscou, ainda em março de 1918, fica claramente ilustrada sua posição:

A desgraça de toda classe operária é que sempre ocupou a situação de classe oprimida, o que se refletiu em todos os aspectos: no nível de sua instrução, em que não possuía os hábitos de administração de que estava dotada a classe dominante e eram transmitidas por ela, hereditariamente, através de suas escolas, universidades, etc. Nada disso tem a classe operária e tudo deve adquirir.¹⁹⁸

Para Trotsky, a revolução deveria se apropriar das conquistas do antigo regime e não descartá-las. Se a cultura e a técnica, por exemplo, muitas vezes serviam para a dominação de uma classe, por outro lado também eram conquistas humanas, conhecimento humano acumulado, que deveria ser apropriado e não descartado como inútil. Aliás, para ele, apropriar-se desse “passado” era condição para o proletariado construir as bases do socialismo.

É nesse momento que devemos, antes de tudo e, sobretudo, perguntar a propósito da técnica: é apenas um instrumento de opressão de classe? Basta colocar a pergunta para ter logo a resposta: não, a técnica é a conquista fundamental da humanidade: embora tenha servido como instrumento de exploração é, ao mesmo tempo, condição essencial para a emancipação do explorado. A máquina sufoca o escravo assalariado. Mas este somente pode libertar-se através da máquina (...).

O proletariado necessita apoderar-se de toda a soma de conhecimento e da capacidade elaborada pela humanidade no curso de sua história, para poder emancipar-se e reconstruir a vida sobre a base dos princípios de solidariedade.¹⁹⁹

Apesar das exigências imediatas da Guerra Civil, a defesa que Trotsky faz da utilização dos especialistas militares no Exército Vermelho parece ditada não apenas

¹⁹⁷ IDEM. p. 23.

¹⁹⁸ IDEM. p. 30.

¹⁹⁹ TROTSKY, Leon. *A Arte da insurreição*. p. 19.

pelo pragmatismo do momento, mas também por uma concepção político-cultural mais ampla. Logo após 1905, ao expor sua teoria da revolução permanente, Trotsky salientava que diante da possibilidade de se apropriar das “conquistas” do capitalismo internacional, a Rússia agrária poderia pular a fase burguesa e passar diretamente à construção do socialismo. Sua própria formação cultural o predispunha a não descartar as “conquistas burguesas”, pois quando jovem, ao passar boa parte dos seus anos escolares na casa dos Spenser, Liova tomou gosto pela cultura e hábitos burgueses presentes no lar daqueles parentes.

Para corroborar essa idéia, de que a defesa que faz da utilização dos antigos oficiais fazia parte de uma perspectiva mais ampla, basta lembrar outros debates nos quais Trotsky se envolveu. Ainda quando Comissário da Guerra rejeitou as idéias do grupo de Frunze em torno de uma doutrina militar especificamente proletária. Para ele o Exército Vermelho deveria dispor de toda técnica e ciência disponível, produzidas seja por qual classe fosse. Para Trotsky, o caráter de classe do exército estaria não em suas técnicas, mas sim no poder ao qual servia.

As tentativas de proclamar o marxismo um método válido para todas as ciências e para todas as artes escondem muitas vezes uma má vontade persistente de não abordar novos domínios: é efetivamente muito mais fácil ter um passaporte, ou, uma chave que abre todas as fechaduras, do que aprender a contabilidade, a arte militar, etc.²⁰⁰

Esse trecho, de um discurso pronunciado na Associação Científica Militar em 1922, ilustra bem a aversão de Trotsky ao dogmatismo de rejeitar todas as conquistas do conhecimento humano em nome de uma suposta “ciência proletária”, “cultura proletária”, “biologia proletária”, etc. No final de 1920 Trotsky comentava a visita que recebeu de um engenheiro americano, adepto das idéias de Taylor, e argumentava que os “*princípios tayloristas*” de maximizar resultados com o mínimo de energia, “*seria de grande valor no exército, dado que sobre ele, sobre esse princípio capital de toda a cultura humana - alcançar os máximos resultados com o mínimo gasto de energia - se baseia, em definitivo, toda tática*”.²⁰¹

Por fim, ao longo da década de 1920, em questões que estavam bem distantes de serem cruciais para a defesa do regime, Trotsky defendeu enfaticamente a idéia de se “apropriar” do conhecimento humano produzido. Em 1922 e 1926, no auge da luta

²⁰⁰ TROTSKY, Leon. **Problemas da Guerra Civil**. p. 64.

²⁰¹ TROTSKI, Leon. **Escritos Militares**. Tomo II. p. 132.

política intrapartidária, protestou contra os ataques que se faziam ao “*freudismo*”. Acusada de ser incompatível com o marxismo, a escola freudiana acabou sendo banida da União Soviética. Trotsky chegou inclusive a escrever à Pavlov²⁰² pedindo sua interferência em favor da liberdade de pesquisa.²⁰³ No campo da literatura, que era um de seus favoritos, ele também militou contra a chamada “arte proletária”, que buscava certo monopólio para a “arte marxista”, em detrimento de outras escolas.

Ao buscarmos o pensamento político-cultural de Trotsky, percebemos que a defesa que fez a cerca da utilização dos antigos oficiais no Exército Vermelho não era casual e nem ditada apenas pelas necessidades prementes da Guerra Civil, mas também fundamentada em toda sua concepção de mundo, forjada de maneira bastante distinta da maioria de outros líderes bolcheviques.

III

Tão logo Trotsky começou a empregar os primeiros oficiais do antigo regime no exército, protestos vieram de todos os lados. Os mencheviques, que nem eram da base do governo, advertiram que era assim que surgiam os “*Napoleões*”.²⁰⁴ Os aliados Social-Revolucionários de esquerda falaram no mesmo tom, porém, a oposição mais violenta mesmo estava no seio do próprio Partido Bolchevique. Para dimensionar esta questão, Isaac Deutscher lembra que o líder bolchevique Lashevich deu uma declaração pública defendendo a utilização dos antigos oficiais, porém, apenas para “*espremê-los como limão e depois descarta-los*”.²⁰⁵ Declarações dessa natureza geraram enorme desconforto para Trotsky e isso fica evidente em seus inúmeros discursos tentando “apaziguar” os oficiais.

Lênin, como líder do Partido e do governo, não participou diretamente das discussões militares, deixando-as a cargo de Trotsky e outros chefes militares bolcheviques. Porém, como defendia a utilização de “especialistas burgueses” em outros ramos, sobretudo na economia, podemos supor que também apoiava o uso desses especialistas militares no Exército Vermelho. Aliás, em um relatório sobre o programa

²⁰² Ivan Petrovich Pavlov (1849-1939) foi um fisiólogo russo que estudou o papel do condicionamento na psicologia do comportamento. O governo soviético contrapôs Pavlov à Freud, aceitando o primeiro e renegando o segundo.

²⁰³ Ver: DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky: o profeta desarmado**. Capítulo 3.

²⁰⁴ DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky. O profeta armado**. p. 491.

²⁰⁵ IDEM. p. 493.

do Partido, datado de 1919, Lênin colocou de forma mais clara sua posição a respeito do assunto.

A questão dos especialistas burgueses coloca-se no exército, nas indústrias, nas cooperativas, coloca-se em toda parte (...). Só poderemos construir o comunismo quando, mediante os meios da ciência e da técnica burguesas, o tornarmos mais acessível às massas (...). E para construir desse modo é preciso tomar o aparelho da burguesia, é preciso atrair para o trabalho todos esses especialistas.²⁰⁶

De acordo com as fontes estudadas, a dificuldade inicial era conseguir atrair esses oficiais para servirem sob a bandeira vermelha. Ao longo dos anos de 1918 e 1919, principalmente, as proclamações do Comissário da Guerra estão repletas de exortações a fim de atrair esses especialistas para o Exército Vermelho. Muitas vezes Trotsky apelou para o “patriotismo” desses oficiais, argumentando que com a intervenção estrangeira, a Guerra Civil era também uma guerra defensiva contra o imperialismo, uma guerra nacional.

Cada oficial que queira defender o país contra os ataques do imperialismo estrangeiro e seus agentes do gênero Krasnov y Dutov é um colaborador bem vindo. Cada oficial que possa e queira contribuir para a organização interna do exército, para permitir-lhe alcançar seus objetivos com o mínimo derrame de sangue operário e camponês, é um colaborador bem vindo do poder soviético, merece o respeito e o encontrará nas fileiras do Exército Vermelho.²⁰⁷

Valorizando constantemente o conhecimento desses oficiais, o Comissário da Guerra prometia aos novos ingressos “perdão” ao seu passado político, porém, não era bem isso o que acontecia. Uma vez no exército, a todo o momento percebemos Trotsky tentando justificar a permanência desses oficiais perante seus partidários bolcheviques. Após citar vários casos de traição por parte dos “oficiais czaristas”, o Comissário da Guerra clamava para que os comissários políticos no exército não colocassem no “mesmo saco” os culpados e inocentes.²⁰⁸ Muitas vezes Trotsky foi acusado de ser complacente com os representantes do antigo regime e demasiado duro com os comunistas. Um autor pró-soviético, já na década de 1970, dizia que Trotsky e seus “seguidores” representaram um grande perigo para a “terra dos soviets”, uma vez que

²⁰⁶ LENINE, V.I. p. 100.

²⁰⁷ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo I. p. 156.

²⁰⁸ IDEM. 147.

“confiavam cegamente nos especialistas burgueses, curvando-se perante a sua autoridade”.²⁰⁹

Nos anos da Guerra Civil, Trotsky submeteu um comissário comunista à corte marcial por abandonar sua posição sem autorização, o referido comissário foi fuzilado e esse fato serviu de munição por bastante tempo aos opositores de sua política militar. Mesmo parte de suas rugas com Stalin datam deste período, quando nomeou um general do antigo exército para comandar a Frente Sul e exigiu subordinação de Voroshilov, bolchevique apoiado por Stalin, ao mesmo. A situação chegou a tal ponto que Trotsky inclusive ameaçou Voroshilov com a corte marcial. Em 1919, comentando a desobediência de um oficial comunista ao seu superior, um oficial do antigo exército, Trotsky dizia que *“semelhantes pseudo-comunistas são mais prejudiciais para o exército que os piores traidores da oficialidade branca”*.²¹⁰

Se não é justa a acusação feita a Trotsky de ser demasiado brando com os especialistas militares, como veremos, por outro lado suas “ameaças sangrentas” e certa falta de tato para lidar com os comunistas no exército, lhe renderam muitos desafetos, o que se mostrou importante na posterior acomodação do poder com a morte de Lênin em 1924. Porém, ao tratar dos casos de traição por parte dessa oficialidade, ele foi especialmente severo, o que mostra que as acusações de complacência eram mais o fruto de oportunismo político que qualquer outra coisa.

Em meados de 1918, Trotsky foi chamado para depor no Supremo Tribunal Militar, onde o oficial do antigo exército, Chestni, que na ocasião servia ao Exército Vermelho, era acusado de fomentar o derrotismo e a desordem. O depoimento de Trotsky foi construído para mostrar que todas as ações daquele oficial estavam ditadas por motivações políticas hostis ao poder soviético. Nessa ocasião, Trotsky colocou todo o peso de sua oratória na condenação do dito oficial, que acabou por ser fuzilado, acusado de traição. Uma “ordem do dia” de setembro de 1918 ilustra melhor o quanto Trotsky era implacável com supostos traidores. Nela ele simplesmente ordena que se faça a família dos especialistas militares de refém, a fim de garantir-lhes a lealdade.

Ordeno aos Estados Maiores de todos os exércitos da República, assim como aos comissários das circunscrições, comunicar telegraficamente ao membro do Conselho Militar Revolucionário, Aralov, as listas de todos os elementos do corpo de comando que

²⁰⁹ FEDYUKINE, S. **A Revolução de outubro e os intelectuais**. Editora Estampa. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa. 1978. p. 97.

²¹⁰ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo II. p. 101.

tenham desertado ao campo inimigo, com todas as informações necessárias sobre sua situação familiar. Ao camarada Aralov lhe encarrego de tomar as medidas necessárias, de acordo com as instituições correspondentes, para deter as famílias dos desertores e traidores.²¹¹

Apesar das divergências em torno dos especialistas militares, o fato é que por volta de 1919 o Exército Vermelho contava em suas fileiras com mais de 200.000 oficiais formados no antigo regime.²¹² Durante o período em que esteve à frente do Comissariado da Guerra, Trotsky queimou boa parte de seu “capital político” defendendo a utilização desses especialistas.

IV

Essa aversão aos oficiais do antigo exército por parte dos bolcheviques não era, contudo, fruto apenas do clima gerado pela propaganda ou de algum tipo de ódio irracional, se bem que isso teve seu papel. Havia a preocupação com algo bastante concreto, ou seja, com a possibilidade desses oficiais entrarem para o Exército Vermelho apenas para sabotá-lo e contribuir, assim, para a derrota do regime instituído pela Revolução de Outubro. A partir dessa preocupação bastante real foram criados os *comissários políticos*. Durante o Governo Provisório a “instituição dos comissários políticos” já havia sido introduzida no exército, porém, em pequena escala e apenas nos altos escalões. A introdução desses comissários em todas as esferas de comando do Exército Vermelho talvez seja a grande originalidade do regime no aspecto militar e uma das principais causas de sua sobrevivência à Guerra Civil.

Os comissários eram militantes do Partido colocados no comando das diversas unidades do exército, ao lado dos especialistas militares. Enquanto esses últimos tinham funções especificamente militares (treinamento da tropa e condução das operações), os comissários deveriam garantir a lealdade desses oficiais ao novo governo. As ordens de um oficial deveriam ser referendadas pelo comissário, que era o responsável por garantir que o especialista militar não agiria por má fé, com intuito de sabotar o regime. Cabe lembrar que apesar do núcleo do exército ter sido constituído por trabalhadores

²¹¹ IDEM. Tomo I. p. 155-156.

²¹² GARTHOFF, Raymond. p. 55.

industriais, a imensa massa de soldados era composta por camponeses. Assim, em um período onde os bolcheviques promoviam “requisições forçadas” de gêneros alimentícios, esses comissários tinham também um papel vital ao garantirem o “moral da tropa”, que com frequência assistia a violência das “requisições” contra sua própria gente.

Criou-se assim um duplo comando no Exército Vermelho, que se por um lado contribuiu para prevenir e punir traidores, mantendo a massa de camponeses “leal” ao regime, por outro, também não deixou de gerar descontentamento entre militares e políticos. Se em relação à utilização dos especialistas militares as opiniões no Partido Bolchevique ficaram longe de serem unânimes, em relação à instituição dos comissários políticos também houve muitas divergências. Considerando apenas os extremos, havia aqueles que queriam o fim do exército centralizado e rigidamente hierarquizado “imposto” por Trotsky e que defendiam um exército de milícias, destacamentos guerrilheiros, com comandantes eleitos pela própria tropa. Esse grupo tomou forma mais nítida no Oitavo Congresso do Partido em 1919, e era bastante hostil aos especialistas militares. Trotsky sofreu ferrenha oposição desse grupo, insatisfeito com sua política militar centralizadora. No outro extremo havia homens como Smilga, liderança militar no Partido desde a revolução e que propunha a abolição dos comissários políticos e a total responsabilidade nas mãos dos especialistas militares.

Essa fórmula de “duplo comando” já seria tensa por si só, uma vez que, apesar de definidas as atribuições de oficiais e comissários, dificilmente a situação não acarretaria um conflito de autoridade. Acrescente-se a isso a histórica hostilidade entre os comunistas e os chamados “especialistas militares”, uns tendo que se submeter à autoridade dos outros. Por fim, temos ainda os numerosos casos de traição por parte da antiga oficialidade. Em um pronunciamento destinado a oficiais e comissários, datado provavelmente de 1918, Trotsky relata os vários casos de traição de especialistas militares. Ressalta que os traidores são punidos com nada menos que o fuzilamento. Mas o interessante do documento é notar a preocupação do Comissário da Guerra com a hostilidade generalizada dos comissários para com a oficialidade como um todo:

A consequência da traição de uns quantos miseráveis tem acentuado a desconfiança para com os especialistas militares em geral. Têm-se feito mais frequentes os conflitos entre comissários e dirigentes militares. Em uma série de casos chegados ao meu conhecimento, os

comissários têm tido um comportamento manifestamente injusto para com os especialistas militares (...).²¹³

A partir desse e de outros documentos, podemos perceber que a probabilidade de muitos oficiais terem sido condenados e executados sem que realmente tenham incorrido em traição, é bastante grande. Seja por simples suspeita, ou mesmo por um capricho pessoal ou político, um oficial czarista poderia ser acusado de traidor. Isaac Deutscher, na obra aqui citada, relata como os adversários políticos de Trotsky com frequência tentavam levantar suspeita sobre oficiais nomeados ou apoiados por ele, e isso como forma de minar o poder do Comissário da Guerra. Assim, apesar da importância desse poder dual para manutenção do regime, fica bastante claro que o “duplo mando” foi motivo de grandes problemas e renhidos debates entre os bolcheviques.

Mesmo com todo o desacordo em torno da questão, é inegável a importância dessa “fórmula” de duplo comando para a consolidação do regime em um período em que não raro esteve a ponto de desabar. Se por um lado o Exército Vermelho não podia, sem desastrosos prejuízos, prescindir da antiga oficialidade, por outro, não podia abrigar em suas fileiras mais de 200.000 oficiais pertencentes ao antigo regime, sem controle algum. Assim, durante o período da Guerra Civil os comunistas nutriram justificada desconfiança para com oficiais formados nos quartéis czaristas e nesse contexto, os comissários políticos desfrutaram de grande prestígio e poder no Exército Vermelho. Foram o elo entre o Partido e o exército, contribuindo substancialmente para a consolidação do regime ao garantirem a lealdade de um corpo de oficiais que no mínimo não simpatizava com o governo de Lênin.

V

Em abril de 1918 Trotsky firmou a primeira ordem no sentido de definir as atribuições dos comissários nas fileiras do Exército Vermelho. O documento reflete a importância que Trotsky atribuía à instituição dos comissários e a energia que dispôs em conciliar as funções desses com os especialistas militares. Nessa ordem, o Comissário da Guerra ressalta a importância fundamental do comissário na estrutura do Exército Vermelho, pois ele seria o elo entre esse último e o governo soviético. Dessa forma, o referido documento busca concretizar a importância dos comissários

²¹³ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo I. p. 146.

garantindo sua inviolabilidade pessoal. A ordem qualifica como “*grave crime contra o poder soviético*” a ofensa a esses comissários.

Ao definir funções, a ordem de Trotsky diz que os comissários deveriam participar de todas as atividades dos especialistas militares, tendo acesso aos mesmos relatórios, informes e ordens que eles. Nesse sentido, ressalta que as ordens dos oficiais deveriam ser referendadas por pelo menos um comissário, isso como garantia da mesma não estar ligada a objetivos contra revolucionários. O documento reflete a tentativa de Trotsky em conciliar esse “duplo poder” criado pelas necessidades do momento:

O comissário não responde pela justeza das ordens puramente militares operacionais. A responsabilidade por elas recai plenamente sobre o dirigente militar. A assinatura do comissário sobre as ordens deste tipo significa que o comissário responde de que estão ditadas por considerações operativas e não por outras considerações (contra revolucionarias). Em caso de não aprovar uma ordem estritamente militar, o comissário não a retém, limitando-se a informar o seu desacordo ao Conselho Militar Superior. Só pode ser retida uma ordem operacional se o comissário chega à conclusão fundamentada de que está ditada por motivações contra revolucionarias.²¹⁴

Desde o início Trotsky se mostrou favorável a esse “duplo mando” nos tempos da Guerra Civil, porém, sempre deixou claro que esse era um expediente temporário, devendo ser extinto tão logo as condições permitissem. Em uma “ordem do dia” datada de março de 1919, Trotsky responde ao questionamento sobre os motivos de o “Regulamento Interior de Serviço Militar” não dizer nada sobre direitos e obrigações de especialistas militares e comissários. O Comissário da Guerra responde que tal definição não consta no referido regulamento porque “o *comissariado não é uma instituição permanente*”²¹⁵ e sim um expediente provisório referente a um período de transição.

No mesmo documento, ele salienta que apesar de desejável, o mando único não deveria ser estabelecido de forma abrupta, sem considerações para com as especificidades do momento. Para Trotsky, conforme os oficiais do antigo exército se ligassem intimamente ao novo e principalmente, na medida em que novos quadros de mando surgissem das fileiras comunistas, o mando único seria estabelecido gradativamente. Assim, Trotsky ressalta a importância de os comissários se educarem na “arte militar” e de incentivarem os soldados “*mais aptos*” a se prepararem para

²¹⁴ IDEM. p. 104.

²¹⁵ IDEM. Tomo II. p. 94.

funções de comando. Em suas *Teses*, adotadas pelo VIII Congresso do Partido em 1919, consta a seguinte determinação:

Partindo destas Teses fundamentais, o VIII Congresso do Partido Comunista russo considera necessário realizar as seguintes medidas práticas (...):

4- Intensificar a formação de pessoal de comando de origem proletária e semi-proletária, aperfeiçoando-os em sua preparação militar e política. Criar para ele na retaguarda e na frente comissões de atestação competentes, em cuja composição haja preponderância de representantes do partido, com a missão de enviar sistematicamente às escolas de oficiais os soldados vermelhos melhor preparados pela prática de combate, para fazer deles oficiais vermelhos.²¹⁶

Apesar da necessidade bastante prática de garantir a lealdade dos especialistas militares ao poder soviético, Trotsky não via essa como a única função dos comissários. Em outubro de 1919 comentava a importância do papel dos comissários na “educação política” dos soldados, ainda mais tendo em conta que a esmagadora maioria desses era composta por camponeses, que no entender de Trotsky, eram “*politicamente atrasados*” e “*em geral não gostavam de guerrear*”.²¹⁷ Há que ter em conta sempre que nesse período o poder soviético estava em confronto aberto contra boa parte do “campo”, uma vez que promovia a requisição forçada de gêneros alimentícios. Nesse sentido, a importância desses comissários parece ser grande, uma vez que os bolcheviques pediam a vida desses soldados em nome da revolução.

Apesar de a “instituição” dos comissários políticos, desde o início, não ter sido uma unanimidade entre a liderança militar bolchevique, ao menos no período agudo da Guerra Civil parece ter despertado menos críticas que a utilização dos especialistas militares. A maior parte das proclamações de Trotsky nesse período é no sentido de conciliar e aparar arestas entre oficiais e comissários. A todo o momento tentou definir claramente as funções de uns e outros. Ora ameaçando, ora temporizando, o Comissário da Guerra buscou sempre manter em equilíbrio essa fórmula que por si só já seria fonte de confusão e hostilidades.

Em determinado discurso Trotsky ressaltava a importância do comissário, tanto na “educação política” da tropa quanto na vigilância dos especialistas. Mais que o elo entre exército e governo, Trotsky dizia que os comissários eram o “espírito do Partido”,

²¹⁶ IDEM. Tomo I. p. 201.

²¹⁷ IDEM. Tomo II. p. 115.

devendo ser valorizados e respeitados. Outrora os censurava por, em nome de interesses mesquinhos, prejudicarem o trabalho dos especialistas militares. Em um discurso proferido em 1918, percebemos a tentativa de Trotsky em apaziguar animosidades e definir funções de uns e de outros:

Daí essa dualidade do aparato de comando, composto de especialistas militares e comissários políticos, com a precisão de que estes últimos, como é sabido, têm ordem rigorosa de não imiscuir-se nas ordens operacionais, de não retarda-las e nem anula-las. Mediante sua assinatura o comissário garantirá somente, aos soldados e operários, que a ordem dada responde à uma necessidade militar e não a uma má jogada contra revolucionária. É tudo o que disse o comissário ao contra firmar tal ou tal ordem operacional. A responsabilidade de seu acerto recai inteiramente sobre o dirigente militar.²¹⁸

Para termos uma idéia do problema, mesmo após a ordem anteriormente citada, em que tentava definir funções de comissários e oficiais, praticamente um ano depois Trotsky ainda se debatia com as desavenças provocadas pelo sistema dual de mando. Em um ponto de suas *Teses* apresentadas ao VIII Congresso, percebemos a inquietação que enfrentava:

10- Reelaborar rapidamente a regulamentação concernente aos comissários e aos conselhos militares revolucionários, no sentido de definir com precisão os direitos e obrigações dos comissários e comandantes, reservando a solução das questões econômico-administrativas aos comandantes conjuntamente com os comissários, e atribuindo aos comissários o direito a impor sanções disciplinares (incluído a detenção) e o direito de submeter a julgamento.²¹⁹

V

Apesar da instituição dos comissários políticos ter resistido ao fim da Guerra Civil, suas atribuições e papel no Exército Vermelho modificaram-se de acordo com a nova realidade trazida pelo “período de paz” e pela desmobilização do Exército Vermelho. Por volta de 1921, com a vitória bolchevique na Guerra Civil se desenhando no horizonte, a desmobilização do Exército Vermelho ganhou força. “*No auge de sua expansão, contava o Exército Vermelho 5.000.000 homens*”.²²⁰ Em fins de 1921,

²¹⁸IDEM, p. 104-105.

²¹⁹IDEM, Tomo. I, p. 202.

²²⁰WHITE, Fedotoff, p.173.

Trotsky afirmou que o mesmo havia sido reduzido para 1.595.000. Nesse ano foram desmobilizadas nada menos do que treze classes, restando apenas as de 1899, 1900 e 1901. Em 1923 contava o Exército Vermelho com apenas 562.000 homens. Nesse contexto de vitória na Guerra Civil e conseqüentemente de um período de paz, “*as funções exercidas pelos primeiros comissários, consistentes em comprovar a fidelidade dos chefes militares a quem estavam atribuídos, perderam todos os efeitos*”.²²¹ Em 1925, quando Frunze sucedeu Trotsky como Comissário da Guerra, havia já pouca desconfiança para com a oficialidade proveniente do antigo exército. Dessa forma, intensificaram-se os debates para o estabelecimento do “mando único”.

Cabe lembrar também que no período de desmobilização boa parte dos oficiais provenientes do antigo exército foi licenciada. Somente em 1921 mais de 12.000 oficiais oriundos do exército czarista foram excluídos. Com Frunze no comando o processo se intensificou, uma vez que esse comandante trabalhou no sentido de valorizar os jovens recém formados nas “academias vermelhas”. Ao ser concluída essa “limpeza” no corpo de oficiais, apenas 16% “*dos oficiais do Exército Vermelho haviam recebido todos seus ensinamentos no exército czarista.*”.²²² É sob esse palco que se desenvolveu o debate em torno do estabelecimento do mando único, pois ao contrário do período da Guerra Civil, por volta de 1925 a maior parte da oficialidade já era constituída por gente formada sob o novo regime.

Apesar de poucos discordarem do “mando único”, os comissários do exército tinham um peso político bastante considerável, assim, não seria fácil simplesmente remove-los de seus postos, e talvez nem desejável, uma vez que ainda podiam desempenhar outras importantes funções. Dessa forma, as discussões sobre o mando único passaram pela manutenção dos comissários, porém, com outras finalidades, poderes e funções. Ficaria o comandante com o poder militar, econômico e administrativo no exército, enquanto ao comissário caberia não mais fiscalizar o comandante, mas sim o trabalho político no seio da tropa. O comissário deveria cuidar da educação ideológica nas fileiras e isso constituía um trabalho de vital importância frente à esmagadora maioria de camponeses que compunha o Exército Vermelho, ainda mais após 1929, quando Stalin promoveu a “coletivização forçada” no campo.

²²¹ CARR. E. H. **El socialismo em um solo país**. vol. 2.. p.403.

²²² IDEM. p. 399.

Apesar de definido o “novo lugar” ocupado pelos comissários políticos no Exército Vermelho, as divergências e conflitos não cessaram e a relação entre comissários e oficiais sofreu recorrentes mudanças ao longo do tempo.

Este problema continuou a empolgar os líderes soviéticos. Em 1925, os comissários militares foram subordinados aos comandantes; foram recuperados ao tempo dos expurgos de 1937; após o fiasco contra a Finlândia, foram novamente reduzidos ao estado de subordinação em agosto de 1940; foram restaurados a um pé de igualdade em seguida as derrotas decorrentes da invasão de julho de 1941; e foram de novo reduzidos por ocasião da batalha pela posse de Stalingrado, em novembro de 1942.²²³

A despeito de todo debate gerado em torno da dualidade de mando no Exército Vermelho, é inegável a importância dessa verdadeira “obra de engenharia política” para sobrevivência e consolidação do regime soviético. Se no período da Guerra Civil os comissários garantiram que os comandantes formados nas academias do antigo regime não marchariam contra o poder soviético e nem contribuiriam para miná-lo por dentro, posteriormente a isso tiveram grande importância na “educação ideológica” do soldado vermelho, ao qual o governo soviético teve que recorrer em diversas ocasiões.

Disciplina e hierarquia

I

Mesmo um historiador como Fedotoff White, que minimiza a incapacidade combativa do exército russo no início de 1917, reconhece o processo de deterioração pelo qual este passava. Deixando de lado as dificuldades de transporte, suprimento e armamento, o espírito de rebeldia tomava conta das fileiras. Conforme vimos anteriormente, a relação entre soldados e oficiais estava bastante deteriorada. A disciplina no exército imperial estava em colapso, a hierarquia era abertamente questionada pela tropa. Nos últimos suspiros do governo de Nicolau II percebemos a gravidade da situação que tomava conta do exército a partir de uma série de telegramas enviados pelo General Alekseev para outros comandantes. Nesses documentos, o oficial relata como era praticamente impossível controlar a rebelião popular, pois os soldados

²²³ GARTHOFF, Raymond. p. 50.

não apenas recusavam-se a reprimir as manifestações, como passavam para o lado dos manifestantes.

No dia 27, depois de sete horas. O ministro da Guerra informou que a situação em Petrogrado havia se tornado muito séria. As poucas unidades que se mantiveram fiéis ao seu dever não puderam reprimir a rebelião, e as unidades de tropas gradualmente se juntaram aos rebeldes. Os incêndios foram iniciados. Petrogrado foi colocada sob lei marcial (...).

Em 28 de fevereiro às 01:00. Sua Majestade recebeu um telegrama do General Khabalov afirmando que ele não poderia restaurar a ordem na capital. A maioria das unidades traiu seu dever e muitas passaram para o lado dos rebeldes. As tropas que permaneceram fiéis ao seu dever, depois de lutar durante todo o dia, sofreram muitas baixas (...).

Em 28 de fevereiro de manhã, o Ministro da Guerra, informou que os rebeldes tinham ocupado o Palácio Mariinsky e que os membros do governo revolucionário estavam lá. Em 28 de fevereiro, às 08h25, o General Khabalov informou que o número daqueles que haviam permanecido fiéis caiu para 600 soldados de infantaria e 500 cavaleiros, com 15 metralhadoras e 12 pistolas (...).²²⁴

Em um telegrama datado de 27 de fevereiro de 1917, endereçado ao Czar pelo presidente da Duma, as cores eram sombrias:

O último bastião da ordem foi eliminado. O governo é absolutamente impotente para reprimir desordens. Nada se pode esperar das tropas da guarnição. Os batalhões de reserva dos regimentos de guarda estão em rebelião. Oficiais estão sendo mortos.²²⁵

A Revolução de Fevereiro não desacelerou o processo de decomposição da disciplina no exército, ao contrário. A perspectiva de desfrutarem das conquistas prometidas pela revolução provocou deserção da massa de soldados camponeses. A propaganda socialista nas fileiras agravava ainda mais a situação. Apesar de o Governo Provisório teoricamente ser o governo da Rússia, a maioria das medidas tinha que ter o apoio do Soviete. Soldados e operários muitas vezes obedeciam às ordens do governo apenas quando referendadas pelo Soviete. Essa dualidade de poder também contribuiu para a indisciplina e o questionamento da hierarquia no exército.

Voltando ao documento expedido pelo Soviete de Petrogrado em Março de 1917, percebemos claramente o anseio pela “democratização” do exército. Além de

²²⁴ McCAULEY, Martin. p. 12.

²²⁵ IDEM. p. 11.

procurar extinguir as formas exteriores da disciplina vigente (continências fora do serviço, formas de tratamento, etc.), o documento colocava medidas bastante concretas para inserir “formas democráticas” no seio da tropa e minar a autoridade do Governo Provisório e dos oficiais do exército:

- 1- Em todas as companhias, batalhões, regimentos, depósitos, baterias, esquadrões e ramos isolados do serviço militar de qualquer espécie e nos vasos de guerra, organizar imediatamente juntas de representantes eleitos dos soldados e marinheiros das unidades militares acima enumeradas.
- 2- Eleger, nas unidades militares que ainda não elegeram seu representante para o Soviete dos Representantes dos operários, um representante para cada companhia (...).
- 4- As ordens da comissão militar da Duma apenas deverão ser cumpridas nos casos em que não contrariem ordens e decisões do Soviete de Representantes dos Soldados e Operários.
- 5- As armas de qualquer espécie, tais como fuzis, metralhadoras, carros blindados e outras, deverão estar a disposição e sob administração das juntas das companhias e batalhões, e de maneira alguma serão entregues a oficiais, embora solicitadas.²²⁶

Como o Soviete era eleito diretamente por soldados e operários, a ordem questionava frontalmente tanto o Governo Provisório como os escalões superiores de comando do exército. Mesmo que essa “democratização” fosse, para alguns, apenas medidas emergenciais, no sentido de prevenir uma volta ao antigo regime, ou de propaganda, no intuito de ganhar o apoio das massas, o certo é que ela se difundiu não apenas no exército, mas também entre a militância dos partidos do campo socialista. Os bolcheviques, por exemplo, tanto no regime de Nicolau II quanto do Governo Provisório, estimularam e “propagandearam” em favor do direito dos soldados elegerem seus oficiais. Em um artigo publicado em 1922, Trotsky comentava o fato:

No velho exército se haviam criado comitês eleitos de soldados, e mandos eleitos, que estavam subordinados aos comitês. Evidentemente, esta medida não tinha um caráter militar senão político-revolucionário. Do ponto de vista do mando das forças em combate, e de sua preparação para o combate, era inadmissível, monstruosa e suicida.²²⁷

Mesmo em alguns documentos anteriores à Revolução de Outubro os bolcheviques expressavam a idéia de “democracia” no exército. Em uma declaração da

²²⁶ IDEM, p. 23-24.

²²⁷ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo I. p. 8.

fração bolchevique na Conferência Democrática Panrusa, em início de outubro de 1917, lemos:

(...) Não se pode confiar a democratização do exército aos generais – proprietários de terras do antigo regime(...).

As seguintes medidas imediatas devem ser decretadas:

1-(...) Abolição da pena capital na frente e restabelecimento de uma liberdade total de propaganda e de todas organizações democráticas no exército.²²⁸

Quando chegaram ao poder em outubro, os bolcheviques encontram essas práticas, por eles mesmos estimuladas, já bastante arraigadas tanto na tropa como também em parte de suas próprias fileiras. A idéia e a prática da democracia no exército não se resumiam a simplesmente eleger o oficial, mas sim, eram consideradas em um sentido mais amplo e implicavam em relações bastante particulares entre soldados e oficiais. Nesse sentido, as palavras de Frunze em 1924 ilustram bem a situação no Exército Vermelho:

Em muitos casos, em lugar de dar uma ordem firme e categórica para que se execute um dever oficial, temos uma espécie de adulação para com os soldados do Exército Vermelho, no afã de exibir um espírito democrático especial.

Este espírito democrático constitui a mais intolerável degeneração de todas e cada uma das regras de disciplina de nosso Exército Vermelho. Uma ordem é uma ordem. Pedir e rogar aos homens que cumpram as ordens é, em si mesmo, uma severa infração da disciplina.²²⁹

O comentário de Frunze indica que a idéia de democracia no exército era bastante difundida e bem vista pela tropa. Inclusive, nos primeiros anos da revolução muito da antiga distinção entre soldados e oficiais ou caiu em desuso ou foi formalmente abolida, como por exemplo, o uso de dragonas nos uniformes e certas saudações militares. No tocante às questões “materiais”, durante a Guerra Civil e mesmo algum tempo depois, predominou nas fileiras do Exército Vermelho certo “igualitarismo revolucionário”. Tal fenômeno tinha como contexto tanto a hostilidade dos soldados para com os antigos oficiais, como também as condições econômicas em tempos de Guerra Civil, que inviabilizavam grandes disparidades sociais no exército. Entre os comissários políticos, Trotsky fez um chamamento para que esses vivessem

²²⁸ PARTIDO OBRERO SOCIAL DEMOCRATA RUSO. p. 52/55.

²²⁹ Em: CARR. E.H. **El socialismo em um solo país**. vol. 2. p. 402.

com “seus homens” nos quartéis e compartilhassem com eles as mesmas condições. Uma diretiva de fevereiro de 1921 ordenava que se garantisse o princípio da igualdade em todas as categorias do Exército Vermelho. Enfim, ao chegarem ao poder os bolcheviques se depararam com um “ambiente de democracia no exército” que eles mesmos ajudaram a criar, porém, seja em razão da Guerra Civil ou de sua própria concepção de poder, esse “democratismo” foi atacado violentamente e Trotsky teve papel especial nisso.

II

Uma das primeiras questões em torno das bases sobre as quais se formaria o Exército Vermelho dizia respeito ao voluntariado ou a obrigatoriedade do serviço militar. Inicialmente o Exército Vermelho foi formado sob a base do voluntariado, porém, de acordo Trotsky, isso não aconteceu por uma questão de princípios, mas sim em razão da falta de escritórios de recrutamento e da necessidade de formar o núcleo do exército com “pessoal leal” ao novo regime. Em um discurso de abril de 1918 o Comissário da Guerra comentava algumas dificuldades derivadas desse recrutamento voluntário:

O que temos observado nas primeiras semanas? A extraordinária fluidez do exército, a dizer, que muitos entravam nele e o atravessavam como se atravessa um quintal; se asseguravam de abastecimento por uns dias, um capote, mas sem sentir-se ligados; alguns recebiam um adiantamento e depois iam para outras unidades ou, simplesmente, saiam do exército.²³⁰

Ao que parece, não houve muitos desacordos quanto à necessidade de se implementar o serviço militar obrigatório tão logo houvesse estrutura para tanto. É desse mesmo mês o “*Decreto sobre a instrução militar obrigatória*”. O referido documento estabelecia o início da instrução já na escola, sob a supervisão do Comissariado para Instrução Pública. Após isso, a partir de 16 anos o jovem receberia uma instrução preparatória e dos 18 aos 40 anos poderia ser incorporado ao exército.²³¹ O interessante do decreto é que estabelecia um nítido caráter de classe:

²³⁰ TROTSKY, Leon. *Escritos Militares*. Tomo I. p. 112

²³¹ IDEM. p. 127.

Os cidadãos da República Soviética Federativa Russa serão submetidos à instrução militar nas seguintes idades:

1) escolar, a partir do grau determinado pelo Comissariado do Povo para Instrução Pública. 2) preparatória, de 16 a 18 anos. 3) de incorporação sob bandeiras, de 18 a 40 anos.

3- São chamados à instrução militar os operários que trabalham em fábricas, oficinas, explorações agrícolas, povoados e camponeses que não exploram o trabalho alheio.²³²

Ao logo do ano de 1918, Trotsky não parece ter enfrentado oposição em relação à obrigatoriedade do serviço militar. Só se refere ao tema para traçar um panorama histórico do Exército Vermelho e por vezes, para enfatizar que essa obrigatoriedade não era uma contradição com o atual regime. Uma vez que o Partido estabelecia a ditadura do proletariado, dizia, nada mais natural do que a obrigatoriedade desse proletariado pegar em armas para defender seu próprio governo. Como após os primeiros meses da criação do Exército Vermelho essa questão pouco aparece nos escritos de Trotsky, não nos deteremos mais sobre ela.

III

Durante o período da Guerra Civil, as ordens, artigos e outros pronunciamentos de Trotsky estão repletos das mais duras ameaças, sejam a traidores, a soldados e oficiais ou mesmo aos bolcheviques “vacilantes”. Nesse material é difícil encontrarmos uma página, que seja, onde a palavra “disciplina” não nos salte aos olhos uma série de vezes. Disciplina, essa parece ser uma verdadeira obsessão para Trotsky nesses tempos. Isso revela não apenas as enormes dificuldades da guerra em si, mas também os problemas em conciliar os antigos defensores da “democracia militar” com as novas diretrizes e “exigências” do novo contexto. Já em 1922, lembrando o período em que o mando eletivo ainda estava em debate, Trotsky ilustra sua argumentação com um episódio que teria ocorrido durante as negociações de *Brest-Litovsky*. Relata que naquela época, os então aliados Social-Revolucionários de esquerda, se dirigiram à certas tropas incitando-as a decidirem “democraticamente” se respeitariam ou não o armistício proposto pelo governo. O absurdo da situação ilustra as tendências descentralizadoras presentes na base de apoio do governo de Lênin.

²³² IDEM.

Em um discurso²³³ de março de 1918, Trotsky pregava a necessidade de introduzir a disciplina nos níveis mais baixos da hierarquia militar. A todo o momento ressalta as diferenças entre a “antiga disciplina” e a “nova”. Esse discurso é bastante emblemático, pois revela a dificuldade que tinha em conciliar essa nova “exigência” disciplinar com os antigos discursos pré-revolucionários. Proclamou aos soldados, operários e camponeses, que a nova disciplina seria necessária para defender seu próprio governo e não mais a propriedade e interesses imperialistas. Esse mesmo tipo de argumentação ele utilizaria para se opor veementemente ao chamado “princípio eletivo”. Em um informe à conferência do Partido, no mesmo ano, Trotsky abordava o problema:

Fica ainda um problema referente à organização do exército: o chamado princípio eletivo.

(...) Enquanto o poder estava nas mãos de uma classe que era nossa inimiga, e os quadros de comando eram um instrumento nas mãos dessa classe, nós estávamos obrigados a destruir a resistência classista do pessoal de comando recorrendo ao princípio eletivo. Mas agora o poder político está nas mãos da classe trabalhadora (...).

Sob o atual regime – e digo isso muito francamente – o princípio eletivo no exército é politicamente inútil e tecnicamente prejudicial. O decreto que o estabeleceu foi praticamente anulado.²³⁴

Durante todo o ano de 1918 percebemos Trotsky lutando contra essa idéia de eleição dos quadros de comando pela própria tropa. Seu argumento central, como fica claro acima, é que no antigo regime essa prática era ditada por considerações políticas e não militares, tendo um caráter progressista, uma vez que o antigo corpo de oficiais servia ao “poder imperialista”. Diante do atual “governo operário”, argumentava, não teria sentido tal prática, sendo mesmo bastante nociva. Uma vez que o governo estava sobre o controle direto dos trabalhadores, esse governo teria o direito e o dever de nomear os oficiais do exército de “cima” para “baixo”. Para Trotsky esse “democratismo” era uma característica do período pré-revolucionário, ligado estritamente a fatores políticos e sem nenhum sentido do ponto de vista militar. A todo o momento naqueles dias de 1918 o Comissário da Guerra ressaltava o perigo dessas tendências “democráticas” no Exército Vermelho.

²³³ IDEM. p. 21.

²³⁴ IDEM. p. 39.

O perigo indubitável da eleição consiste em que possam penetrar no exército tendências, digamos, de sindicalismo militar, ou seja, que o exército se considere como um fim em si, que se dê suas próprias leis (...).

Se é perfeitamente evidente que para o exército, em geral, o princípio eletivo é irrealizável qualquer que seja o nível da escala, tanto mais o é quando se trata de um exército que somente começa a se formar.²³⁵

Pode parecer à primeira vista que Trotsky estava simplesmente jogando na “lata de lixo” tudo que defendera até então. Através de uma espécie de “malabarismo teórico”, estaria apenas justificando seu pragmatismo em detrimento dos ideais revolucionários. Porém, novamente quando colocamos seus argumentos dentro de seu pensamento político como um todo, tal aparência se desvanece. Conforme já vimos anteriormente, o campesinato, no pensamento não só de Trotsky, mas do bolchevismo em geral, por si só não constituía um elemento revolucionário, ao contrário. Uma vez na posse de seu lote de terra, o camponês dava-se por satisfeito, não lhe interessando levar à frente a revolução. Um informe à Conferência do Partido, datado de 1918, ilustra claramente a figura do camponês no pensamento político de Trotsky:

(...) Nossa revolução surgiu da guerra, e a guerra mobilizou e organizou as massas populares mais ignorantes e atrasadas, pertencentes ao campesinato, dando-lhes uma organização militar e forçando-as assim, na primeira época da revolução, a exercer uma influência direta e imediata no curso dos acontecimentos políticos, antes que ditas massas pudessem cursar, sob a direção do proletariado, a mais elementar escola política (...).²³⁶

Apesar de constituído por um núcleo “proletário”, Trotsky tinha a exata noção que a massa de soldados do Exército Vermelho seria composta pela imensa “Mãe Rússia” predominantemente agrária. Dessa forma, possibilitar que essa “*massa ignorante e atrasada*” de camponeses elege-se seus próprios comandantes, significaria fatalmente abrir as portas à contra revolução, ao menos em sua opinião. Nesse aspecto, em nenhum momento Trotsky tentou negociar ou amenizar a situação. Desde o início se colocou frontalmente contra o mando eletivo. Para ele, isso era um absurdo, um “suicídio” do ponto de vista militar, e sem sentido algum do ponto de vista político.

Trotsky, que a todo o momento parece ter Clausewitz em mente, entende o exército como um “braço” da política, dessa forma, a completa subordinação “das armas” à política, parece algo plenamente coerente em seu pensamento. O argumento

²³⁵ IDEM. p. 124.

²³⁶ IDEM. p. 25.

central de Trotsky contra o mando eletivo, a saber, o fato de o governo estar sob o controle direto do proletariado e por tabela, também o exército, parece bastante razoável, salvo pela premissa. O governo era controlado pelo Partido e não pela classe. A partir daí Trotsky passa a incorrer naquilo que tanto criticou em Lênin, ou seja, o “*substituísmo*”.

Durante todo o ano de 1918 o Comissário da Guerra combateu ferozmente essa idéia do mando eletivo e ao que parece, teve sucesso em sua empreitada. A partir de 1919 pouco fala nisso, o que parece indicar que já não era mais um problema a ser resolvido. Aos poucos Trotsky conseguiu abolir essa tendência no Exército Vermelho, que não durou mais que meros instantes em suas sete décadas de existência.

IV

Séculos de regime autocrático forjaram na Rússia uma tradição política autoritária e centralizadora. A imprensa sempre conviveu com o tacão da censura, os partidos ou agrupamentos políticos se formaram na escola da clandestinidade, o povo acostumou-se às formas mais violentas de repressão às suas reivindicações. Ao raiar do século XX a Rússia era governada pela secular monarquia dos Romanov. A “dupla revolução”, a de fevereiro e a de outubro, liberou forças descentralizadoras até então contidas pelas armas imperiais. Quando tomaram o poder, os bolcheviques não ficaram imunes à essas tendências, pelo contrário. Depois de séculos sob a “mão firme” estatal, pareceu natural a reação contra o Estado centralizado. Em seu cargo militar Trotsky lutou tenazmente para conter essas tendências autonomistas. Foi um disciplinador, centralizador, tanto em relação ao Exército Vermelho quanto ao Estado soviético. Bateu-se pela centralização do planejamento econômico, pela proibição das frações no interior do Partido e contra o “espírito de guerrilha” e “autonomismo” no Exército Vermelho.

Erich Wollenberg, em seu “*The Red Army*”, traça um panorama de como após a Revolução de Outubro vários movimentos guerrilheiros surgiram no território dos soviets e colocaram em perigo o governo bolchevique:

Enquanto os Guardas Vermelhos estavam em processo de formação nos centros industriais, uma outra força de caráter único veio à existir espontaneamente nas terras da estepe. Esta foi a guerrilha ou bandos de camponeses armados que formavam essas unidades para defenderem a terra que tinham ganhado na Revolução de Outubro.²³⁷

Trotsky foi especialmente hostil com essas formações guerrilheiras ou mesmo com que ele chamava de “espírito guerrilheiro”, contido dentro do Partido Bolchevique. O *Exército Insurgente Makhnovista*, ou Exército Negro, sob a liderança do anarquista Nestor Makhno, foi um dos exemplos mais contundentes desses agrupamentos que não se submeteram nem a autoridade dos “brancos” nem dos “vermelhos”. Operando na Ucrânia, o *Exército Makhnovista* inicialmente se uniu aos bolcheviques para combater as forças brancas, mas mesmo então, sua relação com o poder central bolchevique foi tensa. Trotsky combateu veementemente os desejos de autonomia dessas guerrilhas. Em uma carta com cópias endereçadas a Voroshilov, Trotsky, Lênin e Kamenev, o líder guerrilheiro Makhno reclamava particularmente da virulência de Trotsky ao tratá-lo na imprensa soviética como um “bandido”.²³⁸ Nos anos da Guerra Civil percebemos a preocupação de Trotsky em acabar com esses desejos autonomistas por parte dos grupos guerrilheiros. Em um artigo publicado em 1919 no jornal *V Puti*, o Comissário da Guerra comentava sobre seu então “aliado”:

O “exército” de Makhno é a pior forma de guerrilheirismo (...) É um exército sem sombra de ordem e disciplina (...) Este “exército” se bate segundo o humor do momento. Não acata ordem alguma. Os grupos atacam quando podem, o que quer dizer, quando não encontram resistência séria, e ao primeiro empurrão um pouco duro do inimigo se retiram em desordem, abandonando à reduzidas forças inimigas estações ferroviárias, cidades e material de guerra.²³⁹

Essas críticas de Trotsky não eram dirigidas à guerrilha como método de luta, de forças operando em pequena escala e com rapidez de manobra, mas sim a autonomia que muitos grupos guerrilheiros desejavam preservar em relação ao poder central soviético.

²³⁷ WOLLEMBERG, Erich. **The Red Army**. <http://www.marxists.org/history/ussr/government/red-army/1937/wollenberg-red-army/ch02.htm>.

²³⁸ McCAULEY, Martin. p. 171.

²³⁹ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo II. p. 195.

Mas a guerrilha não significa sempre a ação, arbitrariamente decidida por eles mesmos, de destacamentos sem formação militar e mal armados. A guerrilha pode ser também o método de operar de destacamentos cuidadosamente organizados, com facilidade de manobra e estreitamente subordinados – dentro de sua grande autonomia – à um Estado Maior operacional.²⁴⁰

A tentativa de submeter alguns comandantes bolcheviques foi bem mais complicada e nesse processo Trotsky ganhou muitos desafetos dentro das fileiras comunistas. Na Frente Sul, por exemplo, o X Exército estava sob o comando de Voroshilov, bolchevique de longa data e apoiado por Stalin, que então era o principal comissário da Frente. O Quartel General de Voroshilov em Tsaritsin foi um importante foco de oposição à política militar centralizadora de Trotsky. Em julho de 1918 Stalin mandava uma carta a Lênin pedindo maior autonomia para lidar com a Frente Sul e reclamando das intervenções de Trotsky:

1.º) Se Trotsky continuar a distribuir delegações a torto e a direito, sem pensar, a Trifónov (região do Don), a Avtónomov (região do Kuban), a Koppe (Stávropol), aos membros da missão francesa (que merecem ser presos), etc., pode-se dizer com certeza que dentro de um mês no Cáucaso Setentrional tudo desmoronará e perderemos definitivamente essa região. Com Trotsky acontece o que sucedeu há tempos a Antonov. Inculcai bem na cabeça dele que não se pode dar tarefas à pessoas não provadas em seus postos, porque do contrário poderá vir à baila um escândalo para o Poder Soviético (...).

3.º) — No sul há muito trigo, mas para se poder conseguilo é necessário ter um aparelho bem organizado, que não encontre obstáculos da parte dos trens militares, dos comandantes de exército, etc. É, além disso, necessário que os militares ajudem os que estão encarregados de recolher víveres. A questão dos aprovisionamentos alimentares está naturalmente ligada à militar. Para levar a bom termo o assunto, necessário de plenos poderes militares. Já escrevi a esse respeito, mas não tive resposta. Muito bem, nesse caso destituirei por mim mesmo, sem formalidades, os comissários e comandantes de exército que comprometam o nosso trabalho. É o interesse da causa, que me sugere a assim proceder, e, naturalmente não será a falta de papéis assinados por Trotsky que me impedirá de fazê-lo.

Stálin.

Tzarítzin, 10 de julho de 1918.²⁴¹

²⁴⁰ IDEM. p. 59.

²⁴¹ Em: <http://www.marxists.org/portugues/stalin/1918/07/10.htm>.

Ao nomear o general Sitin, oficial do antigo exército, para comandar a Frente Sul, Trotsky exigiu total subordinação de Voroshilov a esse comandante. Com o apoio de Stalin, Voroshilov frequentemente ignorava as tentativas uniformizadoras do Comissário da Guerra. Em uma carta ao Comitê Central Executivo, em Moscou, Trotsky demonstra claramente sua insatisfação com o comandante da Frente Sul:

Eu categoricamente insisto em lembrar Stalin, que as coisas estão indo mal na frente de Tsaritsin, apesar de uma superabundância de forças militares.

Voroshilov é capaz de comandar um regimento, mas não um exército de cinquenta mil homens. No entanto, vou manter o Comandante do Décimo Exército de Tsaritsin, na condição de que ele se coloque sob as ordens do Comandante da Frente Sul, Sytin.²⁴²

Nessa mesma carta Trotsky ameaça Voroshilov com um julgamento militar caso não se submetesse. A “ordem do dia” de 5 de novembro de 1918 também é bastante explícita, e vale a pena ser citada, uma vez que as palavras de Trotsky, no calor do momento, explicitam melhor a situação que qualquer explicação.

Na frente do X Exército estão situadas algumas unidades combatentes que levam o nome de divisões, mas não o são em realidade.

(...) Algumas unidades formadas na luta guerrilheira estão longe, todavia, de haverem assimilado que agora não são destacamentos autônomos, senão unidades de um exército centralizado. Disso surgem, às vezes, ações não combinadas. Se encontram comandantes que não compreendem que uma ordem é uma ordem e requer cumprimento incondicional. Se dão casos em que o comandante, não desejando cumprir a ordem operacional, a submete ao exame de um *meeting* (...) Este mal deve ser cauterizado com ferro quente (...) Se a unidade se nega a cumprir a ordem os culpados são os comandantes e comissários. Quando estes comandantes e comissários estão à altura de sua função as unidades não se negam jamais a cumprir seu dever revolucionário. Por esta razão, foi prescrito que em caso de retiradas injustificadas, de pânico ou não cumprimento das ordens, os correspondentes comandantes e comissários devem ser afastados imediatamente de sua função e entregues ao tribunal, conforme as leis dos tempos de guerra.²⁴³

As críticas e ameaças do Comissário da Guerra estavam claramente endereçadas. A situação chegou a tal ponto que pouco tempo depois Trotsky exigiu e conseguiu o afastamento de Voroshilov da Frente Sul. Os escritos de Trotsky durante o período de

²⁴² McCAULEY, Martin. p. 149.

²⁴³ TROTSKY, Leon. **Escritos Militares**. Tomo I. p. 361-362.

Guerra Civil revelam sua enorme preocupação em submeter os diferentes *fronts* ao poder central e a uma rígida disciplina. Mesmo os comandantes e comissários bolcheviques foram alvos de sua “fúria disciplinadora”. Defendeu a volta da pena de morte nas frentes, foi implacável com grupos guerrilheiros, fez com que comandantes bolcheviques se submetessem aos oficiais do antigo exército e submeteu esses ao poder soviético. Em um momento crucial para a sobrevivência do poder instituído pela Revolução de Outubro, Trotsky tomou em suas mãos as rédeas das forças militares da república soviética e com “mão de ferro”, participou de forma protagonista da construção de um exército disciplinado e submetido ao poder central.

Conclusão

Em 1923, com a vitória na Guerra Civil, as preocupações de Trotsky se voltaram cada vez mais para a economia, aliás, como vimos anteriormente, sua atividade militar fundamentava-se em grande medida em sua percepção das particularidades econômicas da Rússia. A partir desse ano, mesmo enquanto tratava de questões “corriqueiras” relativas ao Exército Vermelho, o fazia a partir de considerações econômicas, como podemos perceber através de um trabalho desse período:

Vestir e calçar o exército, dado o estado atual da produção, não é um problema simples. O abastecimento é com frequência muito irregular. Por outro lado, há no exército pouca preocupação em consertar e manter em bom estado o calçado e o vestuário disponível. Quase nunca se engraxa o calçado. E quando se pergunta porquê, ouvem-se as mais diversas respostas: ora é porque falta a pomada, ora porque não foi distribuída a tempo, ou ainda porque o calçado é castanho e a pomada é preta, etc. Mas a razão principal é que nem os soldados nem os quadros do Exército Vermelho cuidam de suas coisas. Calçado não engraxado, sobretudo quando encharcado, seca e só serve para deitar fora ao fim de algumas semanas. E como não se consegue o seu suficiente fornecimento, começa-se a produzi-lo de qualquer maneira. As botas estragam-se ainda mais depressa. Está-se num círculo vicioso. E contudo, há um meio para encontrar a solução, que é um meio muito simples: é preciso que as botas sejam enebadas a tempo, é preciso que os atacadores sejam apertados com cuidado, pois de contrário perdem a aparência e deformam-se. Destruímos bom calçado americano unicamente por não termos atacadores. É possível encontrá-los se insiste um pouco; e se não há atacadores é precisamente porque não se dispensa atenção aos detalhes da vida quotidiana. Ora, são estes pequenos nada que acabam por constituir um todo.²⁴⁴

A partir de 1924, com a luta intrapartidária no auge e as frequentes enfermidades, Trotsky passou a se dedicar cada vez menos ao Exército Vermelho. Um ano mais tarde foi substituído por Mikhail Frunze no Comissariado da Guerra. Expulso do Partido em 1927, do território soviético em 1929, encontraria a morte onze anos mais tarde no longínquo México, assassinado, ao que parece, a mando de Stalin. Apesar da névoa que a historiografia oficial soviética lançou sobre seu trabalho militar e de esse muitas vezes ficar obscurecido pela preocupação em retratar apenas “Trotsky, o opositor

²⁴⁴ TROTSKY. León. *Questões de modo de vida/ A Moral deles e a nossa*. Ob. cit. p. 26.

de Stalin”, percebemos, através de nossa pesquisa, um pouco melhor a natureza e o alcance das contribuições de Trotsky para a construção e o posterior desenvolvimento do Exército Vermelho.

Seu “pensamento militar”, construído sobre uma “cultura ocidentalizada” e concepções subjacentes à “Teoria da Revolução Permanente”, foi forjado também em meio à guerra e se modelando de acordos com as respostas que entendia serem corretas para o momento. Como um dos líderes mais “ocidental”, enfrentou ferrenha oposição ao defender o emprego do conhecimento humano acumulado, na figura dos “especialistas militares”, nas fileiras do Exército Vermelho. Como socialista, confrontou muitos antigos camaradas e inclusive a si mesmo, na tarefa de centralizar, disciplinar e submeter o novo exército ao governo bolchevique. De militante libertário, rapidamente assumiu o papel de “repressor-mor” do Estado soviético.

Nos anos da Guerra Civil teve atuação decisiva ao confrontar as “forças centrífugas” libertadas pela “dupla revolução”, que atuavam no sentido de um exército menos centralizado, com uma disciplina mais “voluntária”, enfim, um exército que estivesse mais de acordo com o que seria o “ideário socialista”. Trotsky se empenhou em subjugar os defensores do mando eletivo, em submeter os vários comandantes bolcheviques que reivindicavam maior autonomia e em reprimir impiedosamente qualquer oposição, interna ou externa, à sua política militar. Comprometendo seu frágil prestígio de “novo bolchevique”, colocou mais de 200.000 oficiais formados nas academias czaristas no comando do Exército Vermelho e exigiu submissão de “velhos bolcheviques” a esses comandantes que sempre lhes apareciam como o baluarte da reação. Por outro lado, colocou comissários do Partido literalmente com as armas na cabeça desses oficiais para garantir-lhes a lealdade. Executou e sequestrou familiares desses “especialistas militares” para escravizar-lhes a vontade. Nesse sentido, é difícil acreditar que os bolcheviques se consolidassem no poder se não tivessem conseguido construir um exército permanente centralizado, minimamente disciplinado e obediente ao “centro”.

Se em um primeiro momento Trotsky advogou pela formação de um exército permanente, mesmo em meio a uma arraigada concepção, a qual ele mesmo compartilhou em determinado momento, de que a defesa de uma república socialista deveria ficar a cargo de milícias territoriais, posteriormente defendeu e começou a implantar o sistema de milícias. A partir de sua concepção do papel do camponês na construção do socialismo na Rússia e da própria oposição enfrentada pelo governo por

essa classe, Trotsky entendia que seria um suicídio deixar a defesa da república nas mãos de milícias formadas, sobretudo, por esses camponeses que assistiam suas colheitas serem “requisitadas” pelo governo revolucionário. Inclusive do ponto de vista de eficiência militar, entendia o exército permanente como indispensável em um território e uma economia como a russa. Porém, com a fim da Guerra Civil, a economia arruinada e a conseqüente necessidade de desmobilização militar, Trotsky entendeu que um exército misto, combinando forças permanentes com milícias territoriais, seria a melhor maneira de manter as defesas em um nível adequado e sem onerar a economia com a manutenção de um exército permanente gigantesco. Nesse contexto o Comissário da Guerra trabalhou para a formação das primeiras unidades territoriais, que teriam sempre a sombra de um “efetivo permanente” em caso de distúrbios.

Apesar de banido da União Soviética, de suas contribuições terem sido renegadas e de ter se transformado praticamente em um *pária* no Estado que ajudou a construir, o trabalho militar de Trotsky de certa forma perpassou o período em que esteve à frente do Comissariado da Guerra. O exército Vermelho centralizado, disciplinado, uma combinação de unidades permanentes com “territoriais”, com comissários políticos e oficiais disputando espaço, enfim, esse exército que sobreviveu até meados da década de 1930, teve suas bases forjadas enquanto Trotsky era seu principal dirigente.

Por fim, nosso trabalho quase que inevitavelmente se adentra em um debate subjacente a quase todos os estudos sobre Trotsky ou a Revolução Russa, ou seja, a formação do Estado autoritário e burocratizado também definido como “*stalinista*”. Nas biografias sobre Trotsky e nas obras dedicadas à Revolução que estudamos, algumas perguntas são sistematicamente formuladas, mesmo que de forma implícita. O “*stalinismo*” seria uma consequência inevitável do socialismo? Do bolchevismo? Se Trotsky tivesse “vencido” os embates políticos e a luta pela sucessão na década de 1920, os desdobramentos da Revolução teriam sido diferentes?

Com nosso trabalho, infelizmente não podemos responder satisfatoriamente esses questionamentos bastante arraigados na historiografia especializada no tema, mesmo porque esse não é o objetivo. Porém, é muito difícil fugir ao debate e ao olharmos para o “Trotsky” enquanto dirigente militar, para o revolucionário centralizador, autoritário, que lutou ferozmente para subjugar tanto a “oposição externa” quanto as dissidências no próprio seio do Partido Bolchevique, é difícil não perceber sua proximidade com o *stalinismo*. O opositorista, que posteriormente foi expurgado

do Partido e que então se tornou um ferrenho crítico do “burocratismo stalinista”, não pode obscurecer, como muitas vezes acontece, o disciplinário, o “pai” da militarização do trabalho, o comissário centralizador e autoritário que atuou nos primeiros e cruciais dias do regime bolchevique. Não podemos afirmar o que teria sido a União Soviética com Trotsky no comando, pois a “futuologia” não faz parte da história. Porém, refletindo a partir de nossa pesquisa, em que pese todas as diferenças culturais, políticas e pessoais entre Trotsky e Stalin, o fato é que ambos estavam emaranhados no mesmo solo da “Mãe Rússia” camponesa e tradicionalmente autoritária.

Poderia ter sido diferente? Possivelmente sim, uma vez que a história não está determinada *a priori* e constitui um emaranhado de possibilidades. Porém, mesmo essas não escapam aos condicionamentos nem da época e tampouco do solo onde nasceram.

Bibliografia e fontes

Bibliografia

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA UNIÃO SOVIÉTICA. **História da U.R.S.S.** (época do socialismo). Editorial Grijalbo LTDA. São Paulo. 1960.

(AUTOR DESCONHECIDO). **El Ejército Soviético.** Traduzido do russo por Joaquim Rodrigues. Editorial Progreso. Moscou. 1974.

BABENKO. I. **Mandos del Ejército Soviético.** Editorial Progreso. Moscou. (Não constam outras informações).

BIANCHI. Álvaro. **Trotsky em português: esboço bibliográfico.** Campinas. IFCH/Unicamp. 2005.

BENVENUTI. Francesco. **The Bolsheviks and the Red Army, 1918-1922.** Traduzido do italiano por Christopher Woodall. Cambridge University Press. 1988.

BOURDIEU. Pierre. **O Poder Simbólico.** Tradução de Fernando Tomáz. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1989.

CARR. E.H. **El socialismo en un solo país. 1924-1926.** Volume 1. Tradução de Leopoldo Lovelace. Alianza Editorial. Madrid. 1976.

_____. _____ . Volume 2.

_____. **A Revolução Bolchevique.** Vol. 1. Editora Afrontamentos. Porto. 1977.

_____. **Que é História?** Paz e Terra. 8ª edição. Rio de Janeiro. 2002.

CLAUSEWITZ, Karl. **Da Guerra.** Editora Martins Fontes. 1979.

COMISSÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C (b) DA U.R.S.S. **História do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S.** Editorial Vitória. Rio de Janeiro. 1945.

DEUTSCHER. Isaac. **Trotsky. O profeta armado.** 1879-1921. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2005.

_____. **Trotsky. O profeta desarmado.** 1921-1929. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 1968.

_____. **Ironias da História: ensaios sobre o comunismo contemporâneo.** Editora Civilização Brasileira. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. 1968.

FEDYUKINE. S. **A Revolução de outubro e os intelectuais**. Editora Estampa. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa. 1978.

FERRO. Marc. **A revolução russa de 1917**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1988.

_____. **A Grande Guerra**. 1914-1918. Edições 70. Lisboa. 1993.

GARTHOFF. Raymond. **Doutrina Militar Soviética**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro. 1957.

HOBBSAWM. Eric. (org). **História do Marxismo**. Vol. V. Paz e Terra. São Paulo. 1985.

NOLTE. Ernst. **La guerra civil europea, 1917-1945**. Nacionalsocialismo y bolchevismo. Fondo de Cultura Económica. México. 1994.

PIPES. Richard. **História Concisa da Revolução Russa**. Edições Bestbolso. Rio de Janeiro. 2008.

POLIAKOV. Iúri. **A Guerra Civil na Rússia: causas, essência e significado**. Edições Progresso. Moscou. 1981.

SERGE. Victor. **Ano um da Revolução Russa**. Edições Delfos. Lisboa.

SERVICE. Robert. **Trotsky: A biography**. Pan Books. Londres. 2009.

VOLKOGONOV. Dmitri. **Trotsky: The Eternal Revolutionary**. Traduzido por Harold Shukman. The Free Press. Nova York. 1996.

VOLKOV, Solomon. **São Petersburgo. Uma história cultural**. Editora Record. Rio de Janeiro. 1997.

WHITE. Fedotoff. **O Exército Vermelho**. Tradução de Enéas Marzano. Cruzeiro S.A. Rio de Janeiro. 1945.

WOLLEMBERG. Erich. **The Red Army**.

<http://www.marxists.org/history/ussr/government/red-army/1937/wollenberg-red-army/ch02.htm>. Acessado em: 19/10/2011

ZIEMKE. Earl. **The Red Army, 1918–1941: from vanguard of world revolution to US ally**. Frank Cass. Londres. 2004.

Fontes:

BABEL. Isaac. **Contos Escolhidos**. Editora: A Girafa. São Paulo. 2002.

FELIPPE. Wiliam (org.). **Teoria e Organização do Partido**. Coletânea de textos de Lênin, Trotsky e Moreno. Editora José Luiz e Rosa Sundermann. São Paulo. 2006. p.

LÊNINE. V.I. **Obras Escolhidas**. Editora Alfa-Ômega. Tomo 3. São Paulo. 1980.

MARX, K; ENGELS, F; LÊNIN, V. **Escritos Militares**. Global Editora. São Paulo. 1981.

McCAULEY. Martin. **The Russian Revolution & the Soviet State 1917-1921. Documents**. Macmillan press. Londres. 1975.

PARTIDO OBRERO SOCIAL DEMOCRATA RUSO. **Los bolcheviques y la revolucion de octubre**. Actas del Comitê Central del Partido Obrero Social Democrata Ruso (Bolchevique). Agosto de 1917 a febrero de 1918. Cuadernos de Pasado y Presente. Córdoba. 1972.

RADEK. Karl. <http://www.marxists.org/espanol/radek/1923/marzo14.htm>. Acessado em: 19/10/2011.

REED. John. **10 dias que abalaram o mundo**. L&PM Pocket. Porto Alegre. 2004.

STALIN. Joseph. <http://www.marxists.org/portugues/stalin/1918/07/10.htm>. Acessado em: 19/10/2011.

TROTSKY. Leon. **A Revolução Traída**. Editora Centauro. São Paulo. 2007.

_____. **A Revolução de 1905**. Global editora. São Paulo. (sem data de publicação).

_____. **A Teoria da Revolução Permanente**. (Balanço e Perspectiva e A Revolução Permanente). Editora Sundermann. São Paulo. 2011.

_____. **A Arte da Insurreição**. Editora Pulsar. São Paulo. 2000.

_____. **El partido del proletariado y los partidos burgueses en la revolución**.

<<http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/permanente/elpartidodelproletariado.htm>>. Acessado em: 19/10/2011.

_____. **Escritos Militares**. Tomo I. Ruedo Ibérico. France. 1976.

_____. **Escritos Militares**. Tomo II.

_____. **La Guerra y la Internacional.** (Cap. La guerra de defensa). Em: <www.marxists.org/espanol/trotsky/1910s/1914-guerra.htm>. Acessado em: 19/10/2011.

_____. **Minha Vida.** Paz e Terra. 2º edição. Rio de Janeiro. 1978.

_____. **Nuestras tareas políticas.** Edicions internacionais Sedov.< <http://grupgerminal.org/?q=system/files/NuestrastareasTrotsky1904.pdf>>. Acessado em: 19/10/2011.

_____. **Problemas da Guerra Civil.** Tradução de M. Videira e A. Campos. Editora Antídoto. 1 edição. Lisboa.1977.

_____. **Questões do modo de vida.** Editora Sundermann. São Paulo. 2009.

_____. **Terrorismo e Comunismo.** O anti Kautsky. Editora Saga. Rio de Janeiro. 1969.